RESIDENT EVIL™

VOLUME V

NÊMESIS

S.D.PERRY

BASED ON THE BESTSELLING VIDEOGAME FROM CAPCOM

S.D. PERRY

RESIDENT EVIL

Livro 5

NÊMESIS

Tradução de Raphael L. Vicente
Formatação ePub de LeYtor

Pocket Books
2000

Resident Evil – Nemesis

Autora: Stephani Danelle Perry.
Editora: Pocket Books (U.S.A.)

Tradução: Raphael Lima Vicente.
Tradução começada em: 9 de Maio de 2004.
Tradução terminada em: 15 de Novembro de 2004.

Resident Evil TM & © 2000
Capcom Co., Ltd.
© 2000 Capcom U.S.A., Inc.

PRÓLOGO

Carlos tinha acabado de desligar o chuveiro quando o telefone tocou. Ele enrolou a toalha na cintura e correu pela bagunçada sala de estar. Com tanta pressa em atender ao telefone quase tropeçou numa caixa de livros ainda fechada; ele ainda não teve tempo de achar uma secretária eletrônica desde que se mudou para a cidade, e apenas a nova base tinha seu número. Não valeria a pena perdeu nenhuma ligação, principalmente por ser a Umbrella que pagava suas contas.

Ele puxou o gancho com a mão ensopada e tentou não parecer sem fôlego.

“Alô?”.

“Carlos, aqui é Mitch Hirami”.

Inconscientemente, Carlos ergueu um pouco sua postura, ainda segurando a úmida toalha. “Sim, senhor”.

Hirami era seu líder de esquadrão. Carlos só o encontrou duas vezes, pouco tempo para ter uma sólida leitura dele, mas parecia competente o bastante – tal como os outros caras do esquadrão.

Competente, se não for apenas a fachada... Como Carlos, ninguém falava muito sobre o passado, apesar de saber que Hirami esteve envolvido em contrabando de armas na América do Sul alguns anos atrás, antes de ter começado a trabalhar para a Umbrella. Parecia que todos que conheceu na U.B.C.S. tinham um ou dois segredos – a maioria envolvendo atividades não necessariamente legais.

“Ordens acabaram de chegar sobre uma situação em andamento. Estamos convocando todos o mais rápido possível. Você tem uma hora para se apresentar, e partiremos em duas, isso será às 15:00h, comprende*(Nota 1)*?”.

“Si – é, sim, senhor”. Carlos é fluente em inglês há anos, mas ainda estava se acostumando a falar integralmente. “Há alguma informação sobre o tipo de situação?”.

“Negativo. Você será informado junto com o resto de nós assim que chegar”.

O tom de voz de Hirami sugeria que tinha mais a dizer. Carlos esperou, começando a sentir frio com a água secando em seu corpo.

“Diz se tratar de algum vazamento químico”. Hirami disse, e Carlos pensou ter ouvido um pouco de insegurança em sua voz. “Algo que está fazendo pessoas... fazendo-as agir diferente?”.

Carlos franziu. “Diferente como?”.

Hirami suspirou. “Você não é pago para fazer perguntas, Oliveira, certo? Agora você sabe tanto quanto eu.

Apenas venha para cá”.

“Sim, senhor”. Carlos disse, mas Hirami já tinha desligado.

Carlos colocou o telefone no gancho, incerto se deveria sentir-se animado ou preocupado com sua primeira missão na U.B.C.S. *(Nota 2)*: um impressionante título para um grupo de ex-mercenários e ex-militares, a maioria com experiência em combate e passados obscuros. O alistador em Honduras*(Nota 3)* disse que seriam chamados para “lidar” com situações em que a Umbrella precisasse de uma ação rápida e agressiva – e dentro da lei. Depois de três anos lutando em pequenas guerras particulares entre gangues rivais e revolucionárias, de vida em barracas cheias de lama e comendo de

latas, a promessa de um emprego de verdade – e com um excelente salário – foi como uma prece atendida.

Bom demais para ser verdade, foi o que pensei... e se eu descobrir que estava certo?

Carlos balançou a cabeça. Ele não descobriria nada se ficasse parado enrolado numa toalha. Mesmo assim, não deve ser pior do que se atirar numa floresta desconhecida com um bando de pendejos drogados, imaginando se ouviria a bala que o acertaria.

Ele tinha uma hora e levava vinte minutos a pé até a base. Ele virou-se para o quarto, de repente determinado a chegar lá mais cedo, para ver se conseguia tirar mais alguma coisa de Hirami. Ele já conseguia sentir a quente e nervosa adrenalina em sua barriga, uma sensação com a qual crescera e conhecia melhor do que qualquer outra – metade antecipação, metade excitação, e uma alta dose de medo...

Carlos sorriu enquanto tirava a toalha, impressionado consigo. Ele tinha passado muito tempo na selva. Agora ele estava nos Estados Unidos, trabalhando para uma legítima companhia farmacêutica – não há nada para temer, certo?

“Nada”. Ele disse, e ainda sorrindo, foi procurar suas roupas.

Final de Setembro nos limites da cidade grande; era um dia ensolarado, mas Carlos já sentia os primeiros suspiros de outono enquanto se apressava para a base, um tipo de ar ficando menos denso, folhas começando a cair dos galhos acima. Não que houvesse muitas árvores; seu apartamento ficava em volta de uma grande área industrial – algumas fábricas sombrias, terrenos cercados com grama alta, acres cheios de galpões para depósito. A base da U.B.C.S. era na verdade um galpão reformado num terreno pertencente a Umbrella, circundado por um moderno complexo

portuário, completo com docas de carregamento e heliporto – bem estruturado, apesar de Carlos imaginar porque foi construído numa área tão decadente. Eles podiam bancar coisa melhor.

Carlos checou o relógio enquanto subia a Rua Everett, e passou a andar mais rápido. Ele não estava atrasado, mas ainda queria chegar antes da reunião, ver o que os outros estavam comentando. Hirami disse que todos estavam sendo convocados – quatro pelotões, três esquadrões de dez em cada pelotão, 120 pessoas no total.

Carlos era soldado do esquadrão A do pelotão D; ridículo como essas coisas eram planejadas, mas ele achava ser necessário para ter todos à vista. Alguém deve saber algo...

Ele virou à direita onde a Everett cruzava com a 374th, seus pensamentos viajando, vagamente curioso para saber onde iriam – quando um homem saiu de um beco alguns metros à sua frente, um estranho bem vestido sorrindo largamente. Ele ficou lá parado, de mãos enfiadas nos bolsos de seu sobretudo, aparentemente esperando Carlos alcançá-lo.

Carlos manteve suas expressões cuidadosa-mente neutras, estudando o homem com cautela. Alto, magro, cabelos e olhos escuros, definitivamente caucasiano, na faixa dos quarenta anos – e sorrindo como se quisesse contar uma piada excepcionalmente engraçada.

Carlos preparou-se para ultrapassá-lo, lembrando-se de quantos malucos viviam numa cidade de médio porte, um inevitável risco da vida urbana.

Ele provavelmente quer me contar sobre os alienígenas monitorando suas ondas cerebrais, ou talvez contar alguma teoria de conspiração – “Carlos Oliveira?”. O homem perguntou, mais uma

afirmação do que uma pergunta.

Carlos parou, seu corpo inteiro tencionando, instintivamente derrubando a mão para onde guardava uma arma – só que ele não carregava uma desde que cruzou a fronteira, carajo – Como se sentisse a preocupação que causou, o estranho recuou um pouco, erguendo as mãos para o alto. Ele parecia impressionado, mas não especialmente ameaçador.

“Quem pergunta?”. Carlos perguntou. E como ele sabe o meu nome?

“Meu nome é Trent, Sr. Oliveira”. Ele disse, seu escuro olhar brilhando com uma alegria mau contida. “E eu tenho algumas informações para você”.

Capítulo 1

No sonho, Jill não correu rápido o bastante.

Era o mesmo sonho que ela teve todos os dias desde a missão que quase matou todos naquela terrível e interminável noite de Julho. Foi na época em que alguns cidadãos de Raccoon foram feridos pelo segredo da Umbrella, em que a administração do S.T.A.R.S. não era totalmente corrupta, na época em que ela ainda era burra o bastante para achar que as pessoas acreditariam em sua história.

No sonho, ela e os outros sobreviventes – Chris, Barry e Rebecca – esperavam ansiosamente pelo resgate no heliporto do laboratório secreto, todos exaustos, feridos e muito cientes de que as construções em volta e abaixo iriam se auto-destruir. Estava amanhecendo, uma fria luz surgindo em raios por entre as árvores que circundavam a mansão de Spencer, o silêncio quebrado somente pelo bem vindo som do helicóptero se aproximando... seis membros do S.T.A.R.S. estavam mortos, levados por humanas e inumanas criaturas que vagavam pelo complexo, e se Brad não pousasse logo, não haveria sobreviventes. O laboratório iria explodir, destruindo as provas do vazamento do T-virus da Umbrella e matando a todos.

Chris e Barry balançavam os braços, tentando apressar Brad. Jill olhou no relógio, enjoada, sua mente ainda tentando entender tudo o que havia acontecido, tentando organizar tudo. Umbrella Pharmaceutical, a única e maior contribuinte para a prosperidade de Raccoon City e uma das maiores forças corporativas do mundo, criou monstros secretamente em nome de pesquisas com armas

biológicas – e brincando com fogo, eles acabaram se queimando bastante.

Isso não importava mais, tudo que importava era fugir de lá – e nós temos três minutos, quatro no máximo – CRASH!

Jill olhou em volta, viu pedaços de concreto voarem e choverem pelo ar sobre o canto noroeste do heliporto.

Uma garra gigante se esticou para fora do buraco, se apoiando na rasgada fenda – e o pálido e desajeitado monstro, aquele que Barry e ela tentaram matar no laboratório, o Tyrant, saltou para o heliporto. Ele ergueu-se de seu ágil agachar... e foi na direção deles.

Era abominável, pelo menos dois metros e meio de altura, já foi humano, talvez, e agora não era mais. Sua mão direita, normal. A esquerda, um massivo e quitinoso conjunto de garras. Seu rosto tinha sido terrivelmente alterado, seus lábios foram cortados parecendo estar sorrindo para ele através do tecido vermelho. Seu corpo nu não tinha sexo, o grosso e vermelho tumor que era seu coração batia molhado fora de seu peito.

Chris mirou no pulsante músculo com a Beretta e atirou, cinco balas de 9mm penetrando em sua cadavérica carne; o Tyrant nem diminuiu o ritmo. Barry gritou para se espalharem, e já estavam correndo, Jill puxando Rebecca, o trovão da .357 de Barry estourando atrás delas. Acima, o helicóptero circulava e Jill podia sentir os segundos indo embora, quase acreditou ter sentido a explosão da construção sob seus pés.

Ela e Rebecca sacaram suas armas e começaram a atirar. Jill continuou a apertar o gatilho mesmo enquanto via a criatura levar Barry ao chão, investindo rapidamente enquanto ia atrás de Chris, atirando e gritando, envolvida por um crescente terror, por que ele não morre?

Lá de cima, um grito, e algo caiu do helicóptero. Chris correu para o objeto, e Jill não viu mais nada – nada além de Tyrant enquanto voltava sua atenção para ela e Rebecca, indiferente para com os tiros que continuavam abrindo buracos sangrentos em seu estranho corpo. Jill virou e correu, viu a garota fazer o mesmo, e sabia que o monstro estava atrás dela, o rosto de Jill Valentine gravado no cérebro de lagarto.

Jill correu, correu, e de repente não havia heliporto, nem mansão, só um milhão de árvores e os sons: suas botas batendo na terra, o pulsar de sangue em seus ouvidos, sua respiração agitada. O monstro estava quieto atrás dela, uma calada e terrível força, implacável e tão inevitável quanto a morte.

Eles estavam mortos, Chris e Barry, Rebecca, e até mesmo Brad, ela sabia, todos menos ela – e enquanto corria, ela viu a sombra de Tyrant erguer-se à sua frente, sobrepondo a sua própria, e o vultuoso som de suas monstruosas garras descendo, fundindo-se com seu corpo, matando-a, não – Não – "Não!".

Jill abriu os olhos, a palavra ainda em seus lábios, o único som na quietude de seu quarto. Não foi o grito que imaginava, e sim um fraco e engasgado choro de uma mulher sentenciada, pega pelo pesadelo do qual não havia saída.

No qual estou. Nenhum de nós foi rápido o bastante.

Ela ficou parada por um momento, respirando profundamente, afastando a mão de sua Beretta carregada sob o travesseiro; isso virou um reflexo, um do qual não se arrependia de ter desenvolvido.

"Exceto contra pesadelos". Ela murmurou e se sentou. Ela vem falando sozinha há dias; às vezes, ela acha que isso é a única coisa que a deixa sã. Uma luz cinza passava pela persiana, deixando o

pequeno quarto numa sombra. O relógio digital no criado mudo ainda funcionava; ela devia estar grata por ainda haver energia elétrica e era mais tarde do que imaginava – quase três da tarde. Ela havia dormido por mais de seis horas, foi máximo que conseguiu nos últimos três dias. Considerando o que estava acontecendo lá fora, ela não podia deixar de se culpar. Ela devia estar lá fora, devia estar fazendo mais para salvar aqueles que ainda podiam ser salvos...

Esqueça, você sabe muito bem. Você não pode ajudar ninguém se desistir. E aqueles que você ajudou – Ela não ia pensar nisso agora, ainda não. Quando ela finalmente voltou para os subúrbios naquela manhã, depois de quase quarenta e oito horas de "ajuda" sem dormir, ela ficou a beira de um colapso, forçada a encarar a realidade do que tinha acontecido a Raccoon: a cidade estava irrecuperavelmente perdida para o T-virus ou alguma variante dele.

Como os cientistas na mansão. Como o Tyrant.

Jill fechou os olhos, pensando sobre o sonho, sobre o que significava. Era igual aos eventos reais exceto pelo final – Brad Vickers, o piloto da equipe Alpha do S.T.A.R.S., tinha jogado algo para fora do helicóptero, um lança mísseis que Chris usou para explodir o Tyrant enquanto ia em sua direção. Todos eles fugiram a tempo... mas de certo modo não importava. Com todo o bem que fizeram desde então, eles também poderiam estar mortos.

Não é nossa culpa, Jill pensou brava, ciente de que queria acreditar nisso mais do que tudo. Ninguém escutou – a sede, nem o Chefe Irons, nem a Imprensa. Se eles tivessem ouvido, se tivessem acreditado...

Estranho como tudo isso aconteceu há apenas seis semanas; parece que foi há anos. Os oficiais da cidade e os jornais locais aproveitaram tudo sobre a reputação do S.T.A.R.S. – seis mortos, o

resto contando histórias fantásticas sobre um laboratório secreto, sobre monstros e zumbis, e uma conspiração da Umbrella. Eles foram suspensos e ridicularizados – mas o pior de tudo foi nada ter sido feito para prever o avanço do vírus. Ela e os outros só puderam esperar que a destruição do local pusesse um fim no perigo imediato.

Nas semanas seguintes, tantas coisas aconteceram. Eles descobriram a verdade sobre o S.T.A.R.S., que a Umbrella – tecnicamente a White Umbrella, a divisão encarregada de pesquisas bio-letais – estava subornando ou chantageando membros chave pelo país a fim de continuar suas pesquisas desimpedidamente. Eles descobriram que vários membros do conselho de Raccoon City estavam na lista de pagamento da Umbrella e que provavelmente havia mais de um local manipulando doenças criadas pelo homem. A busca por informações sobre Trent, o estranho que falou com ela antes da desastrosa missão dizendo ser "um amigo do S.T.A.R.S.", não deu em nada. Porém, muitas informações interessantes sobre o Chefe Irons apareceram: parecia que o chefe esteve envolvido em um possível estupro e que a Umbrella sabia disso e mesmo assim o ajudou a ganhar sua posição atual. Talvez o mais difícil foi ter que se separarem, a tomar difíceis decisões sobre o que precisava ser feito e sobre suas próprias responsabilidades para com a verdade.

Jill sorriu fracamente; a única coisa com a qual se sentia bem era que pelo menos seus amigos tinham saído antes de tudo começar. Rebecca Chambers juntou-se com outro grupo pequeno de S.T.A.R.S. dissidentes averiguando rumores de laboratórios da Umbrella. Brad Vickers, fiel à sua convardice natural, saiu da cidade para evitar a fúria da Umbrella. Chris Redfield já estava na Europa, investigando o quartel general da companhia e esperando Barry Burton e a equipe de Rebecca se juntarem... e por Jill que ficou de investigar os escritórios locais da Umbrella antes de se juntar com

os outros.

Mas há cinco dias, algo terrível aconteceu em Raccoon. Ainda estava acontecendo, se abrindo como uma flor venenosa, e a única esperança era esperar alguém de fora perceber.

Quando os primeiros casos foram relatados, ninguém os conectou com as histórias dos S.T.A.R.S. sobre a mansão de Spencer. Várias pessoas foram atacadas no final da primavera e início do verão – acreditavam ser o ato de um assassino maluco; o R.P.D. logo o prenderia. Mas a pessoas só começaram a prestar atenção quando o Departamento Policial de Raccoon teve que armar barricadas nas estradas por ordens da Umbrella três dias atrás. Jill não sabia como estavam conseguindo manter as pessoas longe da cidade, mas estavam – nenhuma encomenda, nem correio e as linhas telefônicas mudas. Os cidadãos que tentavam deixar a cidade eram mandados de volta sem saber o porquê.

Tudo parecia tão surreal, aquelas primeiras horas depois que Jill descobriu sobre os ataques e as barricadas.

Ela tinha ido até o R.P.D. procurar o Chefe Irons, mas ele se recusou a falar com ela. Jill sabia que alguns policiais escutariam, que nem todos eram cegos ou corruptos como Irons – e mesmo com a natureza bizarra dos ataques que tinham presenciado, ainda não estavam preparados para aceitar a verdade.

E quem os culparia?. “Escutem, policiais – a Umbrella, a empresa responsável por erguer nossa bela cidade, vem fazendo experiências com vírus no próprio quintal. Eles vêm desenvolvendo criaturas anormais em laboratórios secretos, aí as injetam com algo que as tornam fortes e violentas. Quando humanos são expostos a essa coisa, tornam-se zumbis, por falta de um termo melhor. Zumbis podres, desalmados e comedores de carne, que não sentem dor e tentam comer outras pessoas. Eles não estão totalmente mortos, mas

estão quase lá. Então, vamos trabalhar juntos, está bem? Vamos sair nas ruas e derrubar cidadãos desarmados, seus amigos, vizinhos, caso contrário vocês serão os próximos".

Sentando na beira da cama, Jill suspirou. Ela foi um pouco mais sensível desta vez, mas não importava o quanto soava, ainda assim era uma história maluca. Claro que ninguém acreditou nela, nem depois. Não na luz do dia e na segurança de seus uniformes. Foi somente depois de escurecer, quando a gritaria começou...

Isso foi no dia 25 de Setembro e hoje era dia 28, e a polícia certamente estava quase toda morta; a última vez que ouviu tiros foi... ontem? Na noite passada? Deviam ter sido os vândalos, mas não importava mais. Raccoon estava morta exceto pelos contaminados que vagavam pelas ruas, procurando comida.

Sem dormir e com uma quase constante descarga de adrenalina, os dias passaram iguais para ela. Depois da força policial ter sido destruída, Jill passou seu tempo procurando sobreviventes, infinitas horas andando pelos becos, batendo em portas, vasculhando prédios atrás de refugiados. Ela achou dúzias, e com a ajuda de alguns deles, conseguiram achar um lugar seguro, uma escola de ensino médio. Jill tinha se certificado de que estavam seguros antes de voltar para a cidade e procurar mais.

E não encontrou ninguém. E nesta manhã, quando voltou para a escola...

Ela não quis pensar nisso, mas algo nela dizia que devia, que não devia se esquecer. Nesta manhã, ela tinha voltado e a barricada se fora. Destruída por zumbis ou talvez derrubada pelo lado de dentro, alguém que olhou para fora e viu um irmão, tio ou filha no meio da multidão de mortos-vivos. Alguém pensou estar salvando a vida de um amado sem perceber que já era tarde demais.

O lugar tinha virado um matadouro, o ar impregnado com o cheiro de merda e vômito, as paredes decoradas com grandes espirros de sangue. Jill quase desistiu, mais cansada do que nunca, incapaz de ver outra coisa além dos corpos daqueles que foram sortudos o bastante para morrer antes que o vírus tomasse conta de seus organismos. Enquanto andava pelos corredores quase vazios, matando alguns portadores que ainda vagavam por lá – as pessoas que tinha encontrado, que haviam chorado de alívio quando foram encontradas algumas horas atrás – qualquer esperança que ainda tinha se perdeu, levada pela descoberta de que tudo o que estava fazendo era inútil. Saber a verdade sobre a Umbrella não salvou ninguém, e os cidadãos que pensou ter levado à segurança – cerca de setenta homens, mulheres e crianças – estavam mortos.

Ela não se lembrava de como chegou em casa. Ela não vem pensando direito, e mau conseguia ver através dos olhos inchados de tanto chorar. Fora isso, milhares morreram, era uma tragédia tão vasta que parecia incompreensível.

Podia ter sido evitada. E era culpa da Umbrella.

Jill puxou a Beretta debaixo do travesseiro, permitindo a si mesma sentir pela primeira vez a imensidão do que a Umbrella tinha feito. Durante os últimos dias, ela manteve o controle de suas emoções – houve pessoas para guiar, ajudar, e não houve espaço para nenhum sentimento pessoal.

Mas agora...

Ela estava pronta para sair de Raccoon e fazer os malditos responsáveis saberem como ela se sentia. Eles tinham roubado sua esperança, mas não podiam impedi-la de sobreviver.

Jill engatilhou uma bala e apertou os dentes, um grito de puro ódio em seu estômago. Era hora de partir.

Capítulo 2

Eles estariam em Raccoon City em menos de uma hora.

Nicholai Ginovaef estava preparado e acreditava que sua equipe se sairia bem – melhor que os outros. Os outros nove que compunham o esquadrão B o respeitavam; ele percebeu isso em seus olhos, e como certamente morreriam, sua performance seria digna de uma menção. Afinal de contas, ele os tinha treinado praticamente sozinho.

Não havia conversa no helicóptero que transportava o pelotão D pelo fim da tarde, nem entre os líderes de equipe, os únicos que usavam fones de ouvido. Havia muito barulho para os soldados ouvirem uns aos outros, e Nicholai não tinha nada a dizer para Hirami nem para Cryan – ou para Mikhail Victor. Victor era seu superior, o comandante do pelotão inteiro. Era o cargo que deveria pertencer a Nicholai; Victor não tinha as qualidades que um verdadeiro líder deveria ter.

Eu tenho. Eu fui escolhido para ser um Watchdog*(Nota 4)*, e quando tudo estiver acabado, eu serei a pessoa com a qual Umbrella terá que lidar, quer queira ou não.

Nicholai manteve sua face como uma pedra, mas ele sorria por dentro. Quando a hora chegar, “eles”, os homens que controlavam a Umbrella, iriam descobrir que o haviam subestimado.

Ele estava sentado perto dos líderes dos esquadrões A e C contra uma parede da cabine, acalmado pelo constante e familiar balançar da aeronave. O ar estava carregado por tensão e pesado com o cheiro de suor masculino, também familiar. Ele já havia

liderado homens para a batalha antes – e se tudo correr conforme o planejado, jamais teria que fazê-lo de novo.

Ele deixou o olhar passear pelos apertados rostos dos soldados, imaginando se algum deles sobreviveria por mais de uma ou duas horas. Era possível, ele achava. Tinha o assustado sul africano do grupo de Cryan... e em sua própria equipe, John Wersbowski, que fez parte de uma lavagem étnica alguns anos atrás, Nicholai não se lembrava qual. Ambos os homens tinham uma combinação de profundo auto-controle e suspeita que poderiam dá-los a chance de escapar de Raccoon, apesar de difícil – e seria difícil. A reunião não tinha preparado nenhum deles para o que estava por vir...

Já a reunião particular de Nicholai dois dias antes foi diferente; Operação Watchdog, assim chamada. Ele conhecia os números projetados, lhe foi informado o que esperar e como eliminar a sujeira, a doença que anda, da forma mais eficiente. Eles contaram sobre as unidades perseguidoras em forma de Tyrant que seriam enviadas e como evitá-las. Ele sabia mais do que qualquer um ali.

Estou mais preparado do que a Umbrella pode imaginar... porque eu sei os nomes de seus “cães”.

Mais uma vez, ele reprimiu um sorriso. Ele possuía informações que a Umbrella não sabia que ele tinha, isso vale muito dinheiro – ou valerá, em breve. Como fachada, a U.B.C.S. seria enviada para resgatar civis; é o que os soldados sabiam. Mas Nicholai era um dos dez escolhidos para coletar e registrar dados sobre os infectados com o T-virus, humanos ou não, e como agiam contra soldados treinados – o real motivo para o envio da U.B.C.S.. No helicóptero que levava o pelotão A, estavam outros dois, disfarçados; já havia seis em Raccoon – três cientistas, dois funcionários e uma mulher que trabalha para a cidade. O décimo era um policial, um assistente pessoal do chefe da polícia. Cada um deles provavelmente devia

conhecer um ou dois dos outros coletores de informações – mas graças às suas habilidades bem desenvolvidas na computação e algumas senhas “emprestadas”, Nicholai era o único que conhecia todos eles, tal como seus respectivos lugares de arquivamento de relatórios.

Não seria uma surpresa para os contatos caso não reportassem? Não seria impressionante se apenas um Watchdog sobrevivesse e pudesse dar seu preço que quisesse pelas informações que conseguisse? E não seria incrível se um homem ficasse milionário gastando apenas um pouco de esforço e algumas balas?

Nove pessoas. Ele estava há nove pessoas de ser o empregado da Umbrella que tinha as informações que precisavam. A maioria, se não todos da U.B.C.S. morreria rapidamente, e depois estaria livre para encontrar os outros Watchdogs, pegar seus dados e tirar suas miseráveis vidas.

Por enquanto não podia fazer nada; Nicholai sorriu. A missão promete ser excitante, um verdadeiro teste para suas muitas habilidades... e quando acabar, ele será um homem muito rico.

Apesar do apertado assento e o abafado ruído dos motores do helicóptero, Carlos não prestava muita atenção ao seu redor. Ele não conseguia parar de pensar em Trent e a esquisita conversa que tiveram duas horas atrás, tentando decidir o que havia de útil nela.

Para começar, Carlos confiou no cara o máximo que conseguiu agüentar. O homem estava muito feliz; não tão extrovertido, mas Carlos teve a definitiva impressão de que Trent ria sobre algo por debaixo do pano. Seus olhos escuros dançavam levemente de humor enquanto dizia à Carlos que tinha informações para ele, caminhando para o beco de onde havia saído como se Carlos não tivesse perguntas.

E realmente não tinha. Carlos tinha aprendido a ser muito cuidadoso em seu trabalho, mas também sabia algumas coisas sobre ler as pessoas – e Trent, apesar de estranho, não foi ameaçador.

O beco estava frio e escuro, com um leve cheiro de urina. “Que tipo de informações?”. Carlos tinha perguntado.

Trent agiu como se não tivesse ouvido a pergunta. “No centro comercial da cidade, você encontrará um restaurante chamado Grill 13; fica no final da rua da fonte, bem ao lado do teatro, não tem erro. Se você conseguir chegar por volta de—”. Ele olhou no relógio. “– digamos, 19:00 horas, eu poderei ver o que posso fazer para ajudá-lo”.

Carlos nem soube por onde começar. “Hei, sem ofensas, mas do que diabos você está falando?”.

Trent sorriu. “Raccoon City. É para onde você está indo”.

Só Deus sabe como ele sabia meu nome, mas esse bato não está jogando com todas as cartas.

“Ah, ouça, Sr. Trent—”.

“Apenas Trent”. Ele interrompeu Carlos, ainda sorrindo.

Carlos começou a se irritar. “Que seja. Eu acho que você pegou o Oliveira errado... e eu aprecio a sua, é, preocupação, eu realmente tenho que ir”.

“Ah, sim, ligaram do trabalho”. Trent disse, seu sorriso sumindo. “Entendo, eles não vão dizer tudo o que precisa saber. Será pior, bem pior. As horas seguintes poderão ser negras, Sr. Oliveira, mas eu acredito em suas habilidades. Apenas lembre-se – Grill 13, dezenove horas. Canto nordeste da cidade”.

“Sim, claro”. Carlos disse, acenando, voltando para a luz do

dia, usando um sorriso forçado. “Combinado. Eu vou me lembrar”.

Trent sorriu de novo, afastando-se dele. “Tome cuidado em quem você confia, Sr. Oliveira. E boa sorte”.

Carlos virou e começou a andar rapidamente. O homem ficou olhando, de mãos nos bolsos de novo, sua postura casual e relaxada. Para um maluco, ele não parecia maluco...

... e parece bem menos maluco agora, não é?

Carlos ainda conseguiu chegar mais cedo no escritório, mas ninguém parecia ter ouvido nada sobre o que estava acontecendo. Na curta reunião ministrada pelos líderes de pelotão da U.B.C.S., foram apresentados alguns fatos: um vazamento de produto tóxico-químico ocorreu no começo da semana em uma isolada comunidade, causando alucinações que levavam à violência. A química tinha se dissipado, mas pessoas comuns continuavam atormentadas pelos que foram afetados; havia evidências de que os danos poderiam ser permanentes, e a polícia local não conseguia manter as coisas sobre controle. A U.B.C.S. estava sendo enviada para ajudar a evacuar os cidadãos que não foram afetados, e usar a força para protegê-los se necessário. De qualquer modo era confidencial.

E em Raccoon City. O que significava que Trent sabia de algo afinal... mas o que isso quer dizer?

Se ele estava certo sobre onde íamos, como fica o resto? O que eles não disseram que precisávamos saber? E o que podia ser pior, bem pior do que um monte de gente maluca e violenta?

Ele não sabia, e não gostava de não saber. Ele tinha colocado as mãos numa arma pela primeira vez aos doze anos para ajudar a defender sua família de um bando de terroristas, e se tornou profissional aos dezessete – durante quatro anos agora, ele foi pago

para colocar a própria vida em risco pela causa dos outros. Mas ele sempre soube quem seus inimigos eram. Ir às cegas não era muito legal, nem um pouco. O único consolo era que estava indo com dezenas de soldados experientes; seja lá o que for, eles seriam capazes de resolver.

Carlos olhou em volta, pensando em estar com um bom grupo. Não necessariamente com bons homens, mas combatentes adeptos, o mais importante no combate. Eles até pareciam preparados, seus olhos insensíveis e atentos, seus rostos determinados – exceto pelo líder do esquadrão B, que olhava fixamente para o nada e sorria como um tubarão. Como um predador. Carlos ficou inseguro de repente, olhando para o homem, Nicholai alguma coisa, cabelo branco arrepiado, forte como um levantador de peso. Carlos nunca viu alguém sorrir daquele jeito...

O russo encontrou o olhar de Carlos, e seu sorriso alargou por um momento, de um modo que fez Carlos querer encostar as costas numa parede, de arma na mão – e o momento tinha acabado, Nicholai acenando desatentamente e desviando o olhar. Era apenas outro soldado cumprimentando um camarada, nada mais. Ele estava paranóico, o encontro com Trent o havia deixado no limite, e sempre ficava um pouco ansioso antes de um combate...

Grill 13, perto do teatro.

Carlos não se esquecerá. Por precaução.

Capítulo 3

O plano de Jill era margear a cidade em direção à sudeste, usando ruas laterais e cortando por dentro dos prédios o máximo que puder: as ruas principais não eram seguras, muitas delas foram bloqueadas para conter os zumbis antes que a situação piorasse. Se ela conseguisse distanciar-se ao máximo à sul, seria capaz de cruzar fazendas até a Rota 71, um dos caminhos até a rodovia principal.

Até agora está tudo bem. Se continuar assim, eu chego na 71 antes de escurecer.

Levou menos de uma hora para ir dos subúrbios até o aparentemente vazio prédio de apartamentos onde ela estava agora, tremendo um pouco com o úmido frio que emanava do mau iluminado corredor. Ela tinha se vestido mais pela facilidade de locomoção do que por proteção – uma blusa justa, mini-saia, botas e uma bolsa de cintura para carregar munição extra. A roupa apertada a envolvia como uma segunda pele e a permitia se movimentar rapidamente. Ela também carregava uma simples blusa de moletom branca amarrada na cintura para usar quando sair da cidade – por enquanto, ela preferia passar frio e ter seus braços livres.

O Imperial era um modesto prédio de apartamentos na ponta mais ao sul da área residencial de Raccoon. Jill descobriu em sua última excursão que uma vez infectados, os zumbis saíam em busca de comida assim que possível, abandonando suas casas e indo para as ruas. Nem todos eles, claro, mas o suficiente para ser mais seguro cortar pelos prédios do que andar em locais abertos.

Um barulho. Um leve gemido vindo de trás de uma das portas

no final do corredor. Jill parou, de arma na mão, tentando ouvir de que lado veio e percebendo no mesmo instante que podia sentir o cheiro de gás.

"Droga". Ela sussurrou, tentando lembrar o planta do prédio enquanto o oleoso e picante cheiro enchia suas narinas. Virar à direita onde o corredor terminava em forma de "T", e...

... e, direita de novo? Ou a portaria ficava ali mesmo? Pense, você esteve aqui dois dias atrás, Jesus, deve ser um baita vazamento – Houve outro gemido adiante, definitivamente vindo da esquerda. Era o vazio e demente som que os zumbis faziam, o único som que "conseguiam" fazer até onde sabia. A porta estava arrombada e Jill quase pôde ver as trêmulas ondas de gás invadindo o corredor.

Ela segurou a Beretta mais forte e recuou um passo. Ela tinha que voltar por onde veio, ela não queria arriscar um tiro nem se defender com as mãos; uma única mordida seria capaz de passar a infecção para ela. Mais um passo atrás e – Creak.

Jill virou-se, instintivamente erguendo sua arma assim que uma porta abriu a pelo menos cinco metros dali. Um encurvado homem arrastando os pés apareceu na escuridão bloqueando-a da porta dos fundos. Ele tinha a pele enrugada e os olhos mortos de um contaminado, como se um pedaço da bochecha faltando não fosse uma prova decisiva; zumbis não sentiam dor. Quando ele abriu a boca e gemeu de fome para ela, foi possível ver a base de sua cinza e esfolada língua, e nem o forte cheiro de gás podia superar o enjoativo odor da carne apodrecida.

Jill virou, viu que o corredor à frente estava vazio. Ela não tinha escolha senão passar pelo apartamento com o vazamento e esperar que o morador fosse lento o bastante para não pegá-la.

Vai. Agora.

Ela decolou, ficando o mais perto que podia da parede direita, sentindo os efeitos do gás enquanto movia os braços para ganhar velocidade – uma leve distorção de luz, uma sensação de enjôo, um gosto ruim na garganta.

Ela passou pela porta arrombada, aliviada por não ter aberto mais, lembrando de repente que a portaria ficava à direita. Ela fez a curva e – bam, colidiu com uma mulher, levando-a ao chão. Jill inclinou-se dela, acertando a parede de gesso com seu ombro direito, tão forte que o fino pó branco caiu sobre elas. Ela mau percebeu, atenta demais com a mulher caída e as três figuras de pé no pequeno hall de entrada, voltando suas atenções para Jill. Todos estavam contaminados.

A mulher, vestida nos farrapos do que uma vez foi uma camisola branca, balbuciava algo enquanto tentava se sentar.

Só lhe restava um dos olhos, a vermelha e rasgada cavidade brilhando sob a luz acima. Os outros três, todos homens, na direção de Jill, gemendo, seus gangrenosos braços erguendo-se lentamente; dois deles bloqueavam a parede de metal e vidro que dava na rua – sua saída.

Três de pé, uma se arrastando, alcançando suas pernas e pelo menos dois atrás dela. Jill correu de lado para a porta de segurança, arma apontada para a descascada testa do mais próximo, a menos de dois metros. A parede de caixas de correio atrás deles eram de metal, mas não tinha escolha senão esperar que a concentração de gás fosse menos intensa ali.

A criatura avançou e Jill atirou, saltando ao mesmo tempo para a porta enquanto a bala penetrava no crânio dele – e ela tanto ouviu quanto sentiu a explosão, sssssh – BOOM, um deslocamento de ar em fúria que a empurrou na direção a qual tinha saltado, forte, tudo se movendo rápido demais para entender

cronologicamente – seu corpo doendo, a porta dissolvendo, o mundo borrando em variações de branco. Ela se encolheu e rolou, asfalto firme batendo em seu ombro, os horríveis odores de carne frita e cabelo queimado passando por ela enquanto cacos de vidro escurecidos forravam a rua.

Jill ficou de pé, ignorando tudo enquanto girava para atirar de novo, enquanto as chamas consumiam os restos do Imperial. Ela piscou seus molhados olhos e os arregalou, tentando ver através das chamas que cobriam tudo a sua volta.

Pelo menos dois zumbis estavam no chão, provavelmente mortos, mas outros dois ainda tropeçavam nos destroços, suas roupas e cabelo queimando. À direita e atrás de Jill havia restos de uma barreira policial, cavaletes, anteparos e carros estacionados; ela podia ouvir mais deles gemendo do outro lado.

E lá, à sua esquerda, já virando a mole e pendurada cabeça na direção dela, estava um único homem de roupas rasgadas e pintadas com sangue seco. Jill mirou e apertou o gatilho, passando uma bala através de seu cérebro virulento, andando na direção dele enquanto ainda caia; havia um container de lixo atrás do corpo agonizante e depois, várias quadras do centro comercial, sua melhor opção de fuga agora.

Tenho que ir à oeste, ver se consigo contornar as barricadas.

Com o perigo imediato passado, ela parou um pouco para contar os ferimentos – abrasões no joelho e um ombro ralado sujo de areia; podia ter sido muito pior. Seus ouvidos apitavam e sua visão ainda sofria, mas isso era passageiro.

Ela chegou no container e deu seu melhor para curvar-se sobre ele e olhar para cada lado da escura rua norte-sul. A lixeira estava entre a parede lateral de uma loja de roupas da moda e um carro

batido, limitando sua visão. Jill ouviu por um momento, procurando choros de fome ou o inconfundível arrastar de pés dos contaminados, mas não ouviu nada.

Com o ouvido nessas condições não ouviria uma banda passando, ela pensou irritada e pulou em cima do latão.

Do outro lado da rua havia uma porta que achava dar num beco, mas estava interessada em saber o que havia à esquerda – com sorte, uma saída direta da cidade.

Jill desceu, olhou para os dois lados e sentiu tentáculos de pânico envolver seu cérebro. Havia dezenas deles, em ambos os lados, o mais próximo já andando para afastá-la da lixeira.

Anda, Jillzinha!

A voz de seu pai. Jill não hesitou, deu dois largos passos e jogou seu ombro ferido contra a enferrujada porta à sua frente. A porta balançou, mas não abriu.

“Vamos”. Ela disse sem perceber, concentrando-se na porta, não importa o quanto perto estejam, eu tenho que passar – Ela golpeou a porta novamente, o forte cheiro de carne podre envolvendo-a, e a porta ainda firme.

Concentre-se! Vai, agora! De novo, a autoritária voz de seu pai, seu primeiro professor. Jill se recompôs, recuou e sentiu o frio esfregar de dedos em seu pescoço, um sopro de hálito podre em sua bochecha.

Crash, a porta abriu, batendo nos tijolos atrás, e Jill a cruzou, correndo, lembrando de um galpão à frente e à direita, sua pulsação a toda força. Atrás dela, crescentes uivos de decepção, de fome frustrada, ecoando pelo beco que a salvaria. Uma porta à frente.

Por favor, esteja aberta – Jill agarrou a maçaneta, empurrou-a

e a porta metálica abriu num quieto e bem iluminado espaço aberto, Graças a Deus – e viu um homem de pé no piso mais abaixo; ela ergueu a Beretta, mas não atirou, analisando-o antes de abaixá-la. Apesar de suas roupas rasgadas e sujas de sangue e suas expressões amedrontadas, ele não era um infectado... ou pelo menos era um que não havia se transformado por completo.

Jill sentiu alívio correr por ela ao ver outra pessoa, e percebendo o quanto sozinha tem estado. Mesmo tendo uma pessoa destreinada ao seu lado, alguém para ajudar e ser ajudada...

Ela sorriu trêmula, indo para os degraus da plataforma elevada de metal a qual estava, já fazendo mudanças de planos. Eles tinham que achar uma arma para ele, ela tinha visto uma espingarda descarregada no Bar Jack dois dias atrás, eles estavam bem perto e podiam achar munição – e juntos podemos passar por uma das barricadas! Ela só precisava de alguém para vigiar e ajudá-la a empurrar alguns carros.

“Nós temos que sair daqui”. Ela disse, forçando mais esperança do que conseguia. “A ajuda não virá, ao menos por enquanto, mas cai entre nós—”.

“Você está louca?”. Ele interrompeu, seu febril olhar para todos os lados. “Eu não vou a lugar nenhum, moça. Minha própria filha está lá fora em algum lugar, perdida...”.

Ele parou de falar, olhando para a porta que Jill acabara de usar, como se pudesse enxergar através dela.

Jill acenou, lembrando a si mesma de que ele provavelmente estava em choque. “Mais um motivo para—”.

Ele a interrompeu de novo, sua voz em pânico elevando-se a um grito que preencheu todo o lugar. “Ela está lá fora, e provavelmente está morta como todos eles, e se eu não sair por ela,

você deve estar maluca se acha que vou sair por você!".

Jill colocou a Beretta na cintura da saia, erguendo as mãos rapidamente, mantendo sua voz suave. "Ei, eu entendo. Eu sinto muito sobre sua filha, sério, mas se nós sairmos da cidade, podemos chamar ajuda, podemos voltar – talvez ela esteja escondida em algum lugar, e o melhor jeito de achá-la é chamando ajuda".

Ele recuou um passo e ela pode ver o terror sobre sua raiva. Ela já tinha visto isso antes, a falsa fúria que algumas pessoas usavam para evitar ficarem com medo, e sabia que não conseguiria convencê-lo.

Mas eu tenho que tentar...

"Eu sei que você está assustado". Ela disse suavemente. "Eu também estou. Mas eu vou – eu era um dos membros do Esquadrão de Táticas Especiais e Resgate; nós fomos treinados para operações perigosas e eu realmente acredito que posso tirar a gente daqui. Você estará seguro se vier comigo".

Ele recuou outro passo. "Vá para o inferno, sua, sua vagabunda". Ele disse, depois virou e correu pelo chão de cimento. Havia um container de estocagem no canto do galpão. Ele engatinhou para dentro, ofegando enquanto puxava as pernas. Jill só pegou um lance de seu vermelho e suado rosto enquanto fechava as portas. Ela ouviu o clink metálico da trava seguido por um abafado grito que definia sua decisão.

"Vá embora!. Me deixe em paz!".

Jill sentiu sua própria explosão de raiva, mas sabia que era inútil, tão inútil quanto tentar argumentar mais.

Suspirando, ela virou e voltou para os degraus, evitando com cuidado a depressão que acabava de dominá-la.

Ela checou o relógio – era 4:30h – e sentou-se, repassando seu mapa mental da zona residencial de Raccoon.

Se o resto das ruas também estiverem dominadas, ela teria que voltar para o centro e tentar achar outra direção.

Ela tinha cinco clips cheios, quinze balas em cada, mas precisava de mais poder de fogo... como uma espingarda, talvez. Se ela não conseguir achar balas, ao menos poderia espancá-los com ela.

“Bar Jack, então”. Ela disse baixo, e apertou o calcanhar das mãos contra os olhos, imaginando como iria sair dessa.

Capítulo 4

Eles chegaram na cidade no final da tarde, 16:50h segundo Carlos, e estavam se preparando para descer sobre um terreno vazio. Aparentemente havia um complexo subterrâneo por perto, pertencente à Umbrella, ao menos era o que lhes foi dito na reunião.

Carlos alinhou-se com sua equipe, metralhadora pendurada no ombro enquanto se prendia no cabo de salto e esperava Hirami abrir a porta. Bem à frente de Carlos estava Randy Thomas, um dos caras mais amigáveis do esquadrão A. Randy olhou para trás e fingiu resmungar, apontando seu dedão e indicador para Carlos, fingindo atirar. Carlos sorriu, encolhendo a barriga como se tivesse levado um tiro. Uma brincadeira idiota, mas ajudou Carlos a relaxar um pouco assim que seu líder puxou a porta e o som de vários helicópteros encheu a cabine.

De dois em dois, os homens deslizavam pelas cordas duplas de rapel presas ao corpo da aeronave. Carlos se aproximou da abertura, apertando os olhos contra o forte vento para ver onde estavam pisando. Seu helicóptero criava uma longa sombra sob os últimos raios do sol do dia, podendo ver outros pelotões no chão, alinhando-se por esquadrão. E era sua vez; ele saiu um segundo depois de Randy, o medo da queda livre mandando seu estômago para o peito. Um borrão de céu passou e estava no chão, desprendendo-se da corda e correndo para onde Hirami estava.

Alguns minutos depois, todos estavam no chão. Quase em harmonia, os quatro helicópteros giraram à oeste e foram embora, o barulho sumindo enquanto poeira assentava sobre os soldados.

Carlos sentiu-se alerta e preparado enquanto os líderes de pelotão e esquadrão começavam a apontar para diferentes direções, designando rotas previamente elaboradas na base.

Finalmente, quando os helicópteros ficaram menores, eles conseguiram ouvir de novo – e Carlos foi pego pelo silêncio das redondezas. Nenhum carro, nenhum som industrial apesar de estarem à beira de uma cidade de bom porte. Estranho só prestarmos atenção nesses barulhos quando estão ausentes.

Mikhail Victor, supervisor do pelotão D, estava quieto com Hirami e os outros dois líderes de esquadrão, Cryan e o russo esquisito. Enquanto os supervisores dos pelotões A, B e C davam direções, os esquadrões moviam-se atentos e silenciosos. Seus passos pareciam altos demais no ar frio, e Carlos viu olhares de vaga insegurança em algumas das faces que passavam, um olhar que também sabia estar usando. Provavelmente estava tudo quieto porque as pessoas estavam em casa dentes, ou isoladas em algum lugar, mas mesmo assim o silêncio era sobrenatural...

“Esquadrão A, passo acelerado!”. Hirami falou, e até sua voz parecia estranhamente silenciosa, mas Carlos esqueceu o assunto assim que começaram a correr atrás dele. Se não lhe falhasse a memória da reunião, todos seriam direcionados para oeste, para o coração de Raccoon City, os pelotões separando-se para cobrir uma área maior. Depois de quase cem metros, o esquadrão A estava sozinho, trinta soldados marchando por uma área industrial não muito diferente de onde a base ficava; terrenos abandonados com lixo espalhado, passagens de terra com grama a cortar, armazéns cercados.

Carlos franziu, incapaz de ficar em silêncio. “Fuchi”. Ele disse, usando metade de seu fôlego. Cheirava como gases dentro de uma sacola cheia de peixes.

Randy recuou alguns passos para correr ao lado de Carlos. “Disse algo, irmão?”.

“Eu disse que algo está fedendo”. Carlos falou. “Está sentindo?”.

Randy acenou. “Sim, pensei que fosse você”.

“Ha, ha, você me mata, cabrón”. Carlos sorriu gentilmente. “A propósito, isso significa bom amigo”.

Randy sorriu também. “É, aposto. E aposto — ”.

“Parem! E calem a boca aí atrás!”.

Hirami ordenou uma parada, erguendo a mão para o alto pedindo silêncio. Carlos pôde ouvir fracamente outro esquadrão uma ou duas quadras à norte, o bater de suas botas no pavimento. E um segundo depois, ele podia ouvir outra coisa.

Gemidos e roncos, vindos de algum lugar à frente deles, bem suave, porém aumentando. Como se os pacientes de um hospital tivessem sido expulsos. Ao mesmo tempo, o cheiro ficava mais forte, pior – e familiar, como...

“Que droga”. Randy murmurou, seu rosto ficando pálido, e Carlos sabia que era o mesmo que Randy devia conhecer.

Não é possível.

Era o cheiro de um corpo humano apodrecendo no sol. Era cheiro de morte. Carlos o conhecia muito bem, mas nunca esteve tão grande, tão abrangente. À frente deles, Hirami estava abaixando a mão, incerto, um olhar de profunda preocupação em seus olhos. Os angustiados sons de pessoas com dor estavam ficando mais altos.

Hirami estava para falar quando – quando tiros vieram de algum lugar próximo, de um dos outros esquadrões, e entre os

estouros de fogo automático, Carlos pôde ouvir homens gritando.

“Em linha!”. Hirami gritou, erguendo ambas as mãos com as palmas viradas para o céu, sua voz quase inaudível sobre os tiros.

Em linha reta, cinco homens olhando para frente e cinco olhando para o caminho de onde viemos. Carlos correu para sua posição, sua boca seca de repente, suas mãos úmidas. Os curtos estouros de metralhadora à norte de suas posições estavam ficando mais longos, afogando qualquer outro som, mas o cheiro certamente estava piorando. Para aumentar sua preocupação, ele pôde ouvir mais tiros, porém suaves e distantes, acompanhando os mais próximos; seja lá o que estava acontecendo, parecia que toda a U.B.C.S. estava ocupada.

Carlos vigiava adiante, rifle preparado, vasculhando a rua vazia que se prolongava à frente e terminava em forma de “T” três quadras dali. Uma M16 carregada com um pente de trinta balas não era motivo de brincadeira, mas ele estava com medo – do que ainda não sabia.

Por que ainda estão atirando por lá, o que resiste a tantos tiros? O que é – Carlos viu o primeiro, uma atordoada figura que saiu de trás de um prédio dois quarteirões à frente deles. Um segundo apareceu do outro lado da rua seguido por um terceiro, um quarto – de repente, pelo menos uma dúzia de pessoas cambaleantes estavam na rua, vindo em sua direção. Eles pareciam estar bêbados.

“Cristo, o que há de errado com eles, porque estão andando daquele jeito?”.

Quem falou estava ao lado de Carlos, seu nome era Olson, que estava voltado trás. Carlos olhou para trás e viu pelo menos dez se aproximando, aparecendo do nada, e percebeu que o tiroteio à norte estava enfraquecendo, os tiros menos concentrados e

intermitentes.

Carlos voltou a olhar para frente e sentiu seu queixo cair para o que viu e ouviu; eles estavam perto o bastante para perceber características individuais, seus estranhos gritos claramente audíveis agora. Roupas rasgadas e sujas de sangue apesar de alguns estarem quase pelados; rostos pálidos manchados de vermelho, com olhos que não eram nada; o modo como vários esticavam os braços, tentando alcançar os soldados a uma quadra de distância. E as desfigurações – braços faltando, grandes pedaços de pele e músculos rasgados, partes do corpo inchadas e úmidas de putrefação.

Carlos já tinha assistido aos filmes. Essas pessoas não estavam doentes. Elas eram zumbis, os mortos-vivos, e por um momento, tudo o que podia fazer era olhá-los se aproximando. Impossível, chale, seu cérebro lutou para aceitar o que estava vendo, ele se lembrou do que Trent disse, sobre as horas negras.

“Atirem, atirem!...” , Hirami gritava como se estivessem longe, e o súbito e violento martelar das metralhadoras ao lado de Carlos o trouxe para a realidade. Ele mirou na rasgada barriga de um gordo usando um pijama esfarrapado e atirou.

Três disparos, pelo menos nove balas acertaram a corpulenta barriga do homem, desenhando uma irregular linha curva. Sangue escuro espirrou, manchando suas calças. O homem mancou, mas não caiu. Se não for por outro motivo, ele parecia ainda mais ansioso para alcançá-lo, como se o cheiro do próprio sangue o tivesse excitado.

Alguns dos zumbis tinham caído, mas continuavam se arrastando sobre o que sobrou de seus estômagos, tentando rasgar o asfalto com os dedos em sua única motivação.

O cérebro, tem que acertar o cérebro, nos filmes era o único

jeito de matá-los – O mais próximo estava à cerca de seis metros agora, uma desolada mulher que parecia normal exceto pelo opaco brilho do osso sobre seu cabelo. Carlos localizou o crânio exposto e atirou, sentindo um louco alívio quando ela caiu e ficou lá.

"A cabeça, mirem na cabeça—". Carlos gritou, mas Hirami também estava gritando, sons de terror que rapidamente foram acompanhados pelos dos outros enquanto a linha começava a se desfazer. – ah, não – Lá atrás, os zumbis os tinham alcançado.

Nicholai e Wersbowski foram os únicos do B que conseguiram, e só eles porque tiravam vantagem de onde podiam – Nicholai tinha empurrado Brett Mathis nos braços de uma das criaturas quando estava próxima, ganhando alguns segundos preciosos para escapar. Ele viu Wersbowski atirar na perna esquerda de Li pelo mesmo motivo, derrubando o soldado e deixando-o para distrair o mais próximo dos contaminados.

Juntos, eles conseguiram chegar à saída de emergência de um prédio residencial a uns dois quarteirões de onde os outros foram pegos. Os tiros não paravam enquanto subiam os degraus enferrujados, os gritos de homens morrendo chegando ao silêncio, perdendo-se entre os choros dos famintos malditos.

Nicholai pesou suas opções cautelosamente enquanto escalavam a saída de emergência. Como previu, John Wersbowski era um sobrevivente e certamente não tinha problemas em fazer o que fosse necessário para continuar um; ruins como as coisas estavam em Raccoon – de fato, pior do que Nicholai tinha imaginado – pode valer a pena ter um homem como esse dando cobertura.

E se estivermos cercados, haveria alguém para ser sacrificado e eu poder fugir...

Nicholai franziu quando chegaram na cobertura, enquanto Wersbowski olhava para o que podia ser visto de três andares acima. Infelizmente, o elemento de sacrifício funcionava para os dois. Além disso, Wersbowski não era um idiota confiável como Mathis e Li; pode ser difícil livrar-se dele.

“Zumbis”. Wersbowski murmurou, apertando o rifle. De pé ao lado dele, Nicholai seguiu seu olhar para onde a equipe B ficou de pé pela última vez, para os corpos que forravam a rua e as criaturas que continuavam a se alimentar. Nicholai não pôde deixar de sentir um pouco de desapontamento; eles morreram em minutos, quase sem lutar...

“Então, qual é o plano, senhor?”.

O sarcasmo era óbvio, tanto no tom como no olhar meio impressionado e meio enjoado que deu para Nicholai.

Obviamente, Wersbowski o tinha visto empurrar Mathis. Nicholai suspirou, balançando a cabeça, a M16 folgada em suas mãos; ele não tinha escolha, mesmo.

“Eu não sei”. Disse suavemente, e quando Wersbowski olhou de volta para o local da luta, Nicholai apertou o gatilho da metralhadora.

Um trio de balas martelou o abdômen de Wersbowski, derrubando-o contra o baixo parapeito de cimento.

Nicholai imediatamente ergueu a arma e mirou num dos chocados olhos de Wersbowski, atirando mesmo enquanto compreensão inundava o rosto lavado do soldado, sabendo que cometera o erro fatal de baixar a guarda.

Em menos de um segundo estava acabado, e Nicholai estava sozinho na cobertura. Ele olhou vaziamente para o corpo

sangrando, imaginando – e não pela primeira vez – porque não sentiu culpa ao matá-lo. Ele já ouviu o termo anti-social e pensou que provavelmente se aplicava... e ele não entendia como as pessoas continuavam vendo isso como algo negativo. Era a tal da simpatia, ele achava, a carga de humanidade agindo como se a incapacidade de se "relacionar" estivesse errada.

Mas nada me incomoda, e eu nunca hesito em fazer o que precisa ser feito, não importa o quanto os outros percebam; o que há de tão terrível nisso?

Verdade, ele era um homem que sabia se controlar. Disciplina era seu segredo. Ao deixar sua terra natal, um ano depois já nem pensava mais em russo. Quando se tornou um mercenário, ele treinou dia e noite com todos os tipos de armas e testou suas habilidades contra os melhores da área; ele sempre venceu, pois não importava quem era o oponente, Nicholai sabia que não ter consciência o libertava, era como ter inimigos atrapalhados.

Isso era um presente, não era?

O corpo de Wersbowski não respondeu. Nicholai checou o relógio já aborrecido com seus pensamentos filosóficos. O sol estava baixo no céu e era apenas cinco da tarde; ele ainda tinha muito que fazer se quisesse sair de Raccoon com tudo o que precisava. Primeiro, ele tinha que pegar um laptop e acessar os arquivos que criou na noite anterior, mapas e nomes; deveria haver um trancado no prédio do R.P.D., mas precisava ser extremamente cuidadoso na área já que os dois Tyrants estariam por lá. Um estava programado para achar uma amostra química, e Nicholai sabia que havia um laboratório da Umbrella não muito longe da delegacia. O outro, a criação mais avançada tecnologicamente, estava encarregada de eliminar os S.T.A.R.S. renegados, se é que ainda estavam em Raccoon. E o escritório do S.T.A.R.S. ficava no R.P.D.. Ele não

estaria em perigo se ficasse fora do caminho deles, mas odiaria ficar entre eles e o alvo se tudo o que ouviu fosse verdade. A Umbrella estava tirando todas as vantagens da situação de Raccoon, dando passos eficazes – usando os novos modelos do Tyrant, se é o que são – além da coleta de dados; Nicholai admirava sua eficiência.

Nicholai ouviu um novo disparo e reflexivamente recuou da beira da cobertura, olhando para baixo, vendo dois soldados passarem correndo momentos depois. Um estava ferido, uma mancha rasgada e com sangue perto de seu calcanhar direito, e se apoiava no outro pesadamente. Nicholai não conseguiu identificar o homem ferido, mas o outro era o hispânico que o encarava no helicóptero.

Nicholai sorriu quando os dois cambalearam para fora de visão; alguns soldados iriam sobreviver, claro, mas provavelmente sofreriam o mesmo destino que o homem ferido, que certamente foi mordido por um dos infectados.

Ou o destino que aguardava o hispânico. Fico imaginando, o que ele fará quando seu amigo começar a ficar doente? Quando começar a mudar?

Provavelmente tentará salvá-lo em algum patético tributo à honra; seria seu fim. Sério, eles estão tão bons quanto mortos.

Impressionado com o quanto previsíveis eram, Nicholai balançou a cabeça e foi pegar a munição de Wersbowski.

Capítulo 5

A caminho do Bar Jack, Jill pensou ter ouvido tiros.

Ela parou no beco que a levaria para a porta dos fundos da taverna, de cabeça inclinada para o lado. Pareciam tiros, uma metralhadora automática, mas estava muito longe para ter certeza. Mesmo assim, seus espíritos elevaram-se um pouco ao pensar que poderia não estar lutando sozinha, que a ajuda poderia estar a caminho...

... certo. Uma centena de caras aterrissaram com bazucas, inoculações e uma marmita, talvez um jantar de carne com meu nome nele. Todos são atraentes, heteros, solteiros, com formações universitárias e dentes perfeitos...

"Que tal ficar na realidade?". Ela disse suavemente e ficou aliviada por soar normal mesmo no silêncio úmido e sombrio do beco de trás. Ela esteve sozinha e com frio no galpão, mesmo depois de ter achado uma garrafa térmica com café ainda morno no escritório superior; a idéia de ter que andar pela cidade morta novamente, sozinha – é o que tenho que fazer, pensou firmemente, então vou fazer. Como seu querido e encarcerado pai se cansou de dizer – desejar que as coisas fossem diferentes não as tornariam reais.

Ela deu alguns passos adiante, parando quando estava a um metro e meio de onde o beco se bifurcava. À sua direita ficavam uma série de ruas e becos que a levariam mais adentro da cidade; esquerda a faria cruzar um pequeno pátio levando-a diretamente para o bar, considerando que conhecia bem a área como pensava.

Jill se aproximou da junção, andando o mais atenciosamente possível, suas costas contra a parede sul. Estava quieto o bastante para arriscar uma olhada no beco da direita, sua arma na frente; tudo limpo. Ela mudou de lado para olhar na direção que precisava ir – e ouviu, uunnh, o leve e fraco choro de um homem infectado, meio escondido pela sombra a uns quatro metros de distância. Jill mirou na parte mais escura da sombra e esperou entediada até ele aparecer, lembrando-se de que não era mais humano. Ela sabia disso, sabia desde os eventos na mansão de Spencer, mas encorajava os sentimentos de dó e tristeza toda vez que precisava derrubar um deles. Dizer a si mesma que cada zumbi estava além da salvação a permitia sentir compaixão por eles.

Mesmo a desajeitada e decomposta bagunça que agora estava no seu campo de visão já foi uma pessoa. Ela não iria, não podia se abalar com isso, mas esquecer de que também eram vítimas, ela perderia um elemento de sua própria humanidade.

Um único tiro na têmpora direita e o zumbi caiu numa poça de seus próprios fluidos. Ele já estava nessa há muito tempo, seus olhos cobertos de catarata, sua carne cinza-esverdeada escorregando pelos ossos; Jill teve que respirar pela boca ao passar sobre ele, alerta para não tê-lo em suas botas...

Outro passo e estava olhando para o pátio – e viu mais dois lá, e também um vulto de movimento desaparecendo no beco, na direção do bar. Era muito rápido para estar contaminado. Jill só reparou na calça camuflada e na bota preta de combate, mas era o suficiente para confirmar o que esperava – uma pessoa. Era uma pessoa viva.

Do curto lance de degraus que desciam para o pátio, Jill despachou ambos os zumbis, seu coração pulando de esperança. Roupa camuflada. Ele ou ela era um militar, enviado talvez para

reconhecimento; pode ser que sua fantasia não fosse tão impossível assim. Ela passou pelas criaturas caídas, correndo assim que entrou no beco, subindo alguns degraus, dez metros de tijolo e estava na porta dos fundos.

Jill respirou fundo e abriu a porta com muito cuidado, não querendo surpreender ninguém carregando uma arma – e viu um zumbi avançando pelo chão de lajotas, gemendo famintamente enquanto esticava os braços para um homem de colete amarelo, um homem que apontou o que parecia ser um revólver de baixo calibre para a criatura, e atirou.

Jill imediatamente o ajudou, conseguindo com dois tiros o que o homem não conseguiu com cinco; o infectado caiu de joelhos, e com um último gemido, ele morreu caindo no chão como água. Jill não sabia dizer se era homem ou mulher e nem se importava.

Ela virou sua ansiosa atenção para o soldado, uma apresentação surgindo em seus lábios até perceber que era Brad Vickers, piloto do Alpha Team do S.T.A.R.S. Brad, cujo apelido era Chickenheart Vickers, aquele que abandonou o Alpha Team na mansão de Spencer ao ficar com medo, aquele que se borrou ao descobrir que a Umbrella sabia seus nomes. Um bom piloto e excelente hacker de computadores, mas quando empurrar virava empurrão, Brad Vickers tornava-se um medroso.

Mas estou feliz em vê-lo, sem ressentimentos.

“Brad, o que você está fazendo aqui? Você está bem?”. Ela fez o possível para não perguntar como sobreviveu, isso ela teria que imaginar – excepcionalmente por estar armado com uma barata semi-automática .32 e por ser o pior atirador do S.T.A.R.S.. Contudo, ele não parecia bem – havia espirros de sangue seco em seu colete e seus olhos estavam fundos, largos e balançando com pânico mau contido.

“Jill”. Eu não sabia que ainda estava viva!”. Se ele estava feliz em vê-la, estava escondendo bem, e ainda não tinha respondido sua pergunta”.

“É, bom, eu podia dizer o mesmo”. Ela disse, tentando não soar muito acusativa. Ele podia saber coisas que precisava. “Quando você chegou aqui? Você sabe o que está acontecendo fora da cidade?”.

Era como se cada palavra compusesse seu medo. Sua postura era tensa, enrolada e trêmula. Ele abriu a boca para responder, mas nada saiu.

“Brad, o que foi? O que há de errado?”. Ela perguntou, mas ele já estava recuando para a porta da frente do bar, balançando a cabeça para os lados.

“Está vindo atrás de nós”. Ele suspirou. “Atrás do S.T.A.R.S.. Os policiais estão mortos, eles não poderão detê-lo, do mesmo jeito que não puderam deter isso—”. Brad apontava uma trêmula mão para a criatura no chão. “Você verá”.

Ele estava no ápice da histeria, seu cabelo castanho liso de suor, seus dentes apertados. Jill foi na direção dele, incerta do que fazer. Seu medo era contagioso.

“O que está vindo, Brad?”.

“Você verá!”.

Com isso, Brad virou e abriu a porta, pânico passando por ele enquanto saia na rua e corria sem olhar para trás.

Jill deu um passo na direção da porta e parou, pensando de repente que podia haver coisas piores do que ficar sozinha. Tentar cuidar de alguém enquanto tenta fugir – principalmente um homem desesperado com histórico de convardice, assustado demais para ser

razoável – era uma má idéia.

Ela sentiu um arrepio ao pensar no que ele disse, o que exatamente estava vindo atrás do S.T.A.R.S.?

Ele acha que eu descobrirei.

Desordenada, Jill o desejou sorte e virou para o polido balcão, esperando que a antiga Remington ainda estivesse sobre o balcão – e imaginando o que diabos Chickenheart Vickers estava fazendo em Raccoon, e o que exatamente o tinha assustado tanto.

Mitch Hirami estava morto. Sean Olson também, Deets, Bjorklund, Waller, Tommy e os dois caras novos os quais Carlos não recordava os nomes, exceto que um vivia estalando os dedos e o outro tinha sardas – Pare, esqueça isso! Não importa agora, tudo o que importa é sairmos daqui.

Os gemidos estavam longe o bastante para Carlos achar que poderiam descansar um minuto, depois de ter corrido por uma eternidade. A força de Randy parecia diminuir a cada passo, e Carlos precisava desesperadamente recuperar o fôlego, só para pensar – sobre como morreram, sobre a mulher que mordeu a garganta de Olson e o sangue que corria de sua bochecha, sobre o modo como Waller começou a rir, alto e insano logo depois de largar a arma e deixar-se ser pego, sobre o som de alguém gritando orações para o céu – Pare com isso!

Eles se encostaram na parede de trás de uma loja de conveniências, uma área de reciclagem fechada com cerca e apenas uma entrada, e uma clara visão da rua. Não havia sons exceto o de pássaros ao longe, passando sobre eles na fria brisa do fim da tarde que cheirava levemente à podridão. Randy escorregou até se sentar, tirando sua bota direita para ver o ferimento. Seu tornozelo estava brilhando de sangue, tal como o colar de sua camiseta.

Ele e Randy foram os únicos que conseguiram, e foi por pouco; já estava parecendo um pesadelo.

Os outros já tinham sido derrubados, e havia pelo menos seis canibais vindo para eles. Carlos atirou de novo, o cheiro de pólvora e sangue misturando com a podridão para fazê-lo enjoado com uma aterrorizante adrenalina, tão desorientado que não viu Randy cair. Só percebeu quando o crânio de Randy bateu no chão, alto mesmo sobre os gemidos dos mortos.

Randy foi mordido por um rastejante através do couro da bota; Carlos o acertou com a coronha da M16 quebrando seu pescoço, sua mente gritando inutilmente que a coisa estava comendo o calcanhar de Randy, e levantou o quase inconsciente soldado com uma força que não sabia ter. E eles correram, Carlos arrastando o companheiro ferido para fora da carnificina, seus pensamentos incoerentes, tão assustadores para ele quanto para o resto. Por alguns minutos, ele esteve loco, incapaz de entender o que havia acontecido e o que ainda estava acontecendo – “Ah, Jesus, caramba...”.

Carlos olhou para baixo com a voz de Randy, percebendo que suas palavras estavam um pouco ininteligíveis, e viu os buracos rasgados da profunda mordida quatro dedos acima do tornozelo. Sangrava constantemente, o interior da bota ensopada.

“Me mordeu, aquela coisa me mordeu. Mas estava morta, Carlos. Todos estavam... não estavam?”. Randy olhou para cima, seus olhos atordoados de dor e algo mais, algo que nenhum dos dois deveria ter – confusão, o suficiente para Randy não conseguir se concentrar.

Estado de choque, talvez. Seja o que for, Randy precisava de um hospital. Carlos agachou ao seu lado, seu coração enjoado assim que rasgou um pedaço da camiseta de Randy e a dobrou para pressionar o ferimento.

Estamos feridos, não há policiais lá fora, nem paramédicos, esta cidade está morrendo se já não morreu. Se quisermos ajuda, teremos que encontrar sozinhos, e ele não têm condições de lutar.

“Isso pode doer um pouco, mano, mas temos que impedir sua bota de ficar toda molhada”. Carlos disse, tentando parecer relaxado enquanto pressionava o tecido contra o calcanhar sangrando. Não havia motivo para assustá-lo, principalmente se estiver tão cansado quanto Carlos imaginava. “Aperte firme, tá bom?”.

Randy apertou os dentes, um violento tremor correndo por ele, mas fez como Carlos pediu, segurando o curativo improvisado no lugar. Quando Randy inclinou para frente, Carlos estudou a parte de trás de sua cabeça, tremendo por dentro ao ver o arranhão desfigurado e sangrento debaixo de seu negro cabelo crespo. Pelo menos não parecia sangrar mais.

“Nós temos que sair daqui, Carlos”. Randy disse. “Vamos para casa, tá? Eu quero ir pra casa”.

“Logo”. Carlos disse suavemente, “Vamos só sentar aqui mais um minuto e depois vamos”.

Ele pensou em todos os carros quebrados que viu, as pilhas de móveis, cadeira e tijolos nas ruas, barricadas feitas às pressas. Considerando que podiam achar um carro com as chaves dentro, seria impossível passar pelas ruas. Carlos não tinha licença para dirigir, mas já pilotou um helicóptero algumas vezes – bom, se passarem perto de um aeroporto.

Nunca conseguiremos a pé. Mesmo se Randy não estivesse ferido, a U.B.C.S. inteira foi derrotada, ou quase.

Deve haver centenas, talvez milhares daquelas coisas por ai.

Se puderem achar outros sobreviventes, podiam se juntar... mas procurar alguém nesse pesadelo já seria um pesadelo. O restaurante de Trent passou pela cabeça, mas o ignorou; pro inferno com aquela coisa maluca, eles tinham que sair da cidade, e precisariam de ajuda para isso. Os líderes de esquadrão eram os únicos que tinham rádio e conheciam o plano de retirada, e não havia chances de Carlos voltar lá – mas eu não preciso, certo?

Ele fechou os olhos por um minuto, percebendo que não percebeu o óbvio; talvez estivesse mais assustado do que pensava. Havia mais de um rádio no mundo; só tinha que encontrar um. Fazer contato com os helicópteros – ou melhor, para qualquer um ouvindo – e esperar alguém aparecer.

“Eu não me sinto muito bem”. Randy disse, tão baixo que Carlos mau ouviu, a pronúncia um pouco melhor do que antes. “Coça, está coçando”.

Carlos esfregou seu ombro levemente, o calor da febril pele de Randy emanando por debaixo da camiseta.

“Você ficará bem, irmão, agüente firme, eu vou tirar a gente daqui”.

Ele soou confiante. Carlos só queria ter convencido a si mesmo.

Capítulo 6

Ted Martin, um magro homem perto dos quarenta anos foi baleado várias vezes na cabeça. Nicholai não sabia se havia sido assassinado ou se foi morto depois de contrair o vírus, e não se importava; o que importava era que Martin, cujo cargo oficial era Relações Públicas e Pessoais do Chefe da Polícia, economizou o tempo que Nicholai teria levado para caçá-lo.

"Muita generosidade de sua parte". Nicholai disse, sorrindo para o Watchdog morto. Ele também teve a cortesia de morrer onde deveria estar, na sala detetive da asa leste do Departamento Policial de Raccoon.

Um excelente início para minha aventura; se todos forem assim tão fáceis, será uma noite bem curta.

Nicholai passou por cima do corpo e agachou em frente ao cofre no canto da sala, rapidamente aplicando a simples combinação de quatro dígitos fornecida por seu contato na Umbrella: 2236. A porta de aço abriu, revelando alguns papéis – um deles parecia ser o mapa da delegacia – uma caixa de balas de espingarda, e o que seria o melhor amigo de Nicholai até sair de Raccoon: um dos melhores do mercado. Sorrindo, ele ergueu o laptop e o levou para a mesa, a porta do cofre fechando sozinha atrás dele.

Sua viagem para a delegacia foi razoavelmente tranqüila exceto pelos sete mortos-vivos que matou à queima-roupa para evitar barulho; eles foram vergonhosamente fáceis de matar, isso quando se presta atenção à sua volta. Ele ainda não se deparou com nenhum dos bichinhos da Umbrella, o único desafio que esperava

encontrar; havia um apelidado de “brain sucker” (sugador de cérebro) o qual esperava muito encontrar, um rastejante de múltiplas pernas e garras assassinas...

Uma coisa por vez; por enquanto você precisa de informações.

Ele já tinha decorado os nomes e rostos das vítimas e tinha uma idéia geral de quando cada um deveria fazer o contato, não necessariamente quando; todos os Watchdogs tinham horários diferentes, sujeitos a mudanças, mas na maioria são precisos.

Martin deveria reportar à Umbrella do terminal de computador no balcão da recepção do R.P.D. às 17:50h, daqui a vinte minutos; seu último relatório deve ter sido logo após meio dia.

“Vamos ver se você teve sucesso, Oficial Martin”. Nicholai disse, rapidamente digitando os códigos que tinha adquirido para acessar a atualização dos relatórios de progresso da Umbrella. “Martin, Martin... ah, aí está você!”.

O policial não tinha feito seus dois últimos contatos, sugerindo que estava morto ou incapacitado há pelo menos nove horas. Nenhuma informação para coletar ali. Nicholai leu cuidadosamente os números dos outros Watchdogs, feliz com o que viu. Dos oito restantes, três falharam em relatar – um dos cientistas, um funcionário da Umbrella e uma mulher que trabalhava para o saneamento da cidade. Considerando que estivessem mortos – e Nicholai rezava para isso – só restavam cinco.

Dois soldados, dois cientistas e um outro da Umbrella...

Nicholai franziu, olhando para os locais de contato de cada um. Uma cientista, Janice Thomlinson, estaria no complexo de laboratórios subterrâneo, o outro no hospital perto do parque; o funcionário da Umbrella reportaria de uma estação de tratamento de água abandonada nos limites da cidade, uma fachada para um

campo de teste químico da Umbrella. Nicholai não via problemas em achar nenhum deles... mas ambos os soldados Watchdogs foram tirados do mapa.

“Onde vocês estarão...”. Nicholai disse, teclando ausentemente, sua frustração crescendo. Ao verificar pela última vez na noite passada, ambos reportariam de St. Michael Clock Tower...

Droga.

Estavam lá ontem, seus nomes listados perto do seu; ambos foram marcados como móveis, tal como ele. Eles reportariam pelo laptop de onde fosse mais conveniente, e só precisariam fazê-lo uma vez por dia – o que significava que poderiam estar em qualquer lugar de Raccoon City, qualquer lugar mesmo.

Uma fervente névoa vermelha o envolveu, rasgando-o. Sem pensar, Nicholai cruzou a sala e chutou o corpo de Martin o mais forte que conseguiu, duas vezes, ventilando sua raiva, sentindo uma profunda satisfação com os molhados sons, o balançar do corpo e o quebrar de costelas – e terminou, voltando a ser quem era, ainda frustrado, mas controlado. Ele exalou forte e voltou para trás da mesa, pronto para revisar seus planos. Apenas demoraria mais para achá-los, e só; não era o fim do mundo. E talvez falhassem em reportar, morrendo convenientemente como Martin e os outros três.

Ele podia esperar, mas não contar com isso. Só podia contar com sua própria perseverança e habilidade. A Umbrella não enviaria resgate por pelo menos uma semana – ou pelo tempo máximo que conseguirem esconder o desastre – ou se forem chamados pelos Watchdogs com resultados completos, no máximo. Com seis dias para encontrar só cinco pessoas, Nicholai estava certo de que seria o único a ser resgatado.

“Eu nem precisarei de seis”. Nicholai disse, acenando

firmemente para o esparramado e amontoado cadáver de Martin. “Três dias, tenho certeza que consigo em três”.

Com isso, Nicholai se inclinou para frente e começou a baixar os mapas que precisaria, novamente feliz.

Jill não conseguiu achar munição para a calibre 12, mas a levou assim mesmo, ciente de que sua munição não duraria para sempre; daria um belo taco, e talvez possa achar balas mais tarde. Ela estava decidida a escalar uma das barricadas quando viu algo que a fez mudar de idéia, algo que jamais esperava ver de novo.

Um Hunter. Como os da mansão, nos túneis.

Ela parou quieta na escada de incêndio externa de uma botique ainda na área residencial, vendo-o na rua logo depois de uma van que bloqueava a saída da escada. Ele não a viu; ela o observou andar a passos largos até sair de visão, era um pouco diferente dos que viu antes, mas bem parecido – a mesma estranha, graciosa e maligna postura, as pesadas e curvas garras, a cor verde-escura. Ela prendeu a respiração, seu estômago dando nós, lembrando...

... curvado tal que seus impossíveis e longos braços quase tocavam o chão de pedra do túnel, ambos os pés e mãos dotados de grossas e brutais garras. Pequenos e claros olhos estudando-a de seu achatado crânio réptil, seu tremendo grito agudo ecoando pelo subterrâneo escuro antes de saltar...

Ela o matou naquela ocasião, mas a tinha custado quinze balas de 9mm, um pente inteiro. Mais tarde, Barry disse que eram chamados de Hunters (caçadores), uma das armas biológicas da Umbrella. Havia outros monstros na mansão – cães ferozes sem pele; um tipo de planta carnívora gigante que Chris e Rebecca mataram; aranhas do tamanho de um boi; e as escuras coisas mutantes com ganchos afiados no lugar de mãos, aqueles que se

penduravam no teto na casa de força do laboratório, parecidos com macacos.

E o Tyrant, o pior porque você vê que já foi humano; antes das cirurgias, antes da alteração genética e do T-virus.

Sendo assim, não era apenas o T-virus solto em Raccoon. Ruim quanto isso possa parecer, não era exatamente chocante; a Umbrella tem brincado com coisas muito perigosas, causando carnificina, como um Deus aberrante despreparado para as conseqüências; às vezes, pesadelos não vão embora.

A não ser – a não ser que fizeram isso de propósito.

Não. Se pretendessem destruir Raccoon City, teriam evacuado seu próprio pessoal antes... não teriam?

Era uma pergunta que a perseguia a caminho da delegacia. Ver o Hunter a convenceu sobre o que fazer depois; ela simplesmente precisava ter mais munição, e sabia que haveria alguma na sala dos S.T.A.R.S., no armário de armas – 9mm, talvez cartuchos de espingarda, ou até mesmo um dos melhores revólveres de Barry.

Ao menos a delegacia não estava tão longe. Ela grudou nas crescentes sombras, desviando facilmente dos zumbis que encontrou; muitos deles estavam decompostos demais para moverem-se mais rápido que uma lenta caminhada. Um dos portões que teve de cruzar estava fortemente amarrado, os nós ensopados de óleo. Ela se deu um chute mental por ter esquecido de trazer uma faca; sorte ter pego um isqueiro no Bar Jack apesar da preocupação em chamar atenção com a fumaça – até passar pelo portão e ver a pilha de destroços queimando mais adiante, bem perto do escritório de vendas da Umbrella. Dano causado pelos vândalos, talvez. Ela pensou em parar e apagar as chamas, mas não parecia haver perigo de se espalharem pelo chão de cimento e

parede de tijolos do beco.

Então, aqui estava ela, de pé na frente dos portões do jardim do R.P.D.. O vandalismo foi terrível por ali. Carros sucateados, barricadas destruídas, cones de emergência laranja espalhados pela rua, mas não havia corpos no meio da bagunça. À sua direita havia um hidrante de rua que jorrava água para o céu. O gentil respingar de água teria sido agradável em outra circunstância – num quente dia de verão, crianças rindo e brincando. Saber que nenhum bombeiro ou funcionário viria consertar o hidrante a machucou por dentro, e pensar nas crianças... era demais; ela bloqueou o pensamento, determinada a não pensar em coisas que não podia resolver. Ela já tinha muitas preocupações.

Tais como estocar suprimentos... então o que você está esperando? Um convite por escrito?

Jill respirou fundo e empurrou os portões, franzindo com o ranger de metal enferrujado; ela abaixou sua arma, aliviada, e cuidadosamente fechou os portões antes de ir para as pesadas portas de madeira do R.P.D.. Muitos policiais morreram nas ruas, o que tornaria as coisas mais fáceis para ela, por mais terrível que parecia; não haveriam muitos contaminados para encontrar ao entrar – Sqreeak!

Atrás dela, os portões abriram. Jill girou, quase atirando na figura que entrou no pátio, até perceber quem era.

“Brad!”.

Ele cambaleou na direção da voz dela, e viu que estava seriamente ferido. Ele apertava seu lado direito, sangue pingando de seus dedos, um olhar de completo terror em seu rosto enquanto a alcançava com a outra mão, sem fôlego.

“Juh – Jill!”.

Ela foi até ele tão concentrada que quando Brad desapareceu de repente, Jill não entendeu o que tinha acontecido. Uma parede preta tinha descido entre eles, uma escuridão que emitia um profundo e estrondoso grito de fúria, que avançava sobre Brad e estremecia o chão a cada passo.

“Sstaarrss” . A coisa disse claramente, a palavra quase escondida sobre o ondulante roncar de um animal selvagem, e Jill sabia o que era mesmo antes de ver seu rosto; ela o conhecia como conhecia seus sonhos.

Tyrant.

Brad recuou, balançando a cabeça como se negasse a aproximação da criatura, andando em meio círculo e parando quando suas costas tocaram tijolos. Na fração de segundo que levou para alcançá-lo, Jill pôde vê-lo de perfil; o tempo pareceu parar naquele instante, permitindo-a vê-lo de verdade, para ver que não era o seu pesadelo, Tyrant, porém não menos terrível; de fato, era pior.

Entre dois e dois metros e meio de altura, humanóide, seu ombros impossivelmente largos, braços mais longos do que deveriam ter sido. Somente suas mãos e cabeça eram visíveis, o resto de seu corpo era coberto de preto, exceto pelo que pareciam ser tentáculos, cordas de carne pulsando levemente, metade debaixo do colarinho, os pontos de origem escondidos. Sua pele sem pêlos era da cor e textura de uma pele mau cicatrizada, e a face não parecia ter sido prioridade de seu criador. Olhos brancos e deformados estavam situados abaixo do normal e separados por um irregular traçado de costura cirúrgica. Seu nariz era mau formado, porém a característica dominante era a boca, ou a falta dela; a metade inferior de sua cabeça era de dentes, gigantes e quadrados, sem lábios entre gengivas vermelho-escuras.

O tempo voltou ao normal quando a criatura esticou o braço e cobriu o rosto inteiro de Brad com a mão, ainda rosnando enquanto Brad tentava dizer algo, ofegando alto sob a mão – e houve um horrível e molhado som de respingo, pesado, porém liso, como alguém socando um pedaço de carne. Jill viu um tentáculo de carne saindo por trás do pescoço de Brad e entendeu que estava morto, que sangraria em segundos. Boba, ela viu que o tentáculo estava mexendo, balançando como uma cobra cega, gotas de sangue pingando de seu comprimento. O Tyrant apertou a mão contra o crânio de Brad e com um único movimento, levantou o piloto morto e o jogou para o lado, retraindo o tentáculo assassino para dentro da manga antes de Brad cair no chão.

“Sstaarrss” . Ele disse de novo, virando para ela, Jill sentindo um medo que jamais sentiu.

A Beretta seria inútil. Ela virou e correu, cruzando as portas do R.P.D., fechando-as e trancando-as por dentro, tudo por instinto; ela estava assustada demais para pensar no que estava fazendo, assustada demais para não fazer nada além de se afastar da porta dupla assim que o monstro as golpeou, balançando-as nas dobradiças.

Elas resistiram. Jill estava parada, ouvindo o pulsar de sangue em seus ouvidos, esperando o próximo empurrão. Longos segundos se passaram e nada aconteceu – e completos minutos passaram antes de ousar desviar o olhar, e mesmo sabendo que estava acabado ela não ficou aliviada.

Brad estava certo, estava indo atrás deles – e agora que estava morto, estaria indo atrás ela.

Capítulo 7

Deus me ajude, eu finalmente vi com meus próprios olhos; Deus ajude todos nós.

Eles mentiram para nós. Dr. Robison e o pessoal da Umbrella deram uma coletiva no hospital essa manhã e insistiram que não havia motivo para pânico – que os casos atendidos eram fatos isolados, que as vítimas estavam sofrendo de gripe; de acordo com eles, a então chamada doença canibal que os S.T.A.R.S. estavam investigando em Julho, é o que alguns cidadãos "paranóicos" estavam comentando agora. O Chefe Irons também esteve aqui, ele apoiou os doutores e reiterou seus pontos de vista sobre a incompetência do S.T.A.R.S.; caso encerrado, certo? Nada para se preocupar.

Nós estávamos voltando para o escritório depois da entrevista coletiva, indo à sul na Rua Cole, e havia uma agitação no trânsito, alguns carros parados e uma pequena multidão. Nenhum policial na cena. Eu pensei que fosse um pequeno acidente e comecei a desviar, mas Dave queria bater algumas fotos; ele ainda tinha dois rolos de filme sobrando, porque não? Nós saímos do carro e de repente pessoas estavam correndo, gritando por ajuda, e vimos três pedestres deitados no meio da rua, e sangue por toda parte. O agressor era jovem, quase vinte anos, homem branco – ele estava sentado de pernas abertas ao lado de um homem mais velho, e...

Minhas mãos estão tremendo, eu não sei como dizer isso, mas é meu trabalho. As pessoas têm que saber. Eu não posso deixar isso me abalar.

Ele estava comendo um dos olhos do homem mais velho. As

outras duas vítimas estavam mortas, massacradas, uma mulher mais velha e uma mais nova, ambas com gargantas e olhos ensangüentados. O abdômen da mais nova tinha sido estripado.

Era o caos, histeria total – choradeira, gritaria e até gargalhadas insanas. Dave bateu duas fotos e depois vomitou em si mesmo. Eu queria fazer algo, eu queria, mas as pessoas estavam mortas e eu estava com medo.

O agressor parou de mastigar, enterrando seus dedos no outro olho do homem, sem se importar com mais nada; ele ainda gemia como se estivesse insatisfeito, sangue por todo o corpo.

Nós ouvimos sirenes e recuamos como todos fizeram. A maioria foi embora, mas alguns ficaram, pálidos, enjoados e assustados. Eu ouvi a história através de um lojista gorducho que não parava de espremer as mãos – o jovem aparentemente apenas vagava pela rua e agarrou uma mulher, e começou a mordê-la. O lojista disse que o nome da mulher era Joelle alguma coisa, andava com a mãe, Sra. Murray (ele não sabia o primeiro nome). A Sra. Murray tentou impedir o ataque e o rapaz avançou nela. Dois homens tentaram ajudar, empurrando o agressor, mas um deles também foi pego. Depois disso, ninguém tentou mais ajudar.

Os policiais chegaram e antes de olharem para a bagunça na rua – ou para aberração atacando o companheiro do lojista no chão – limparam o local e o tornou seguro. Três viaturas cercaram o agressor, e o lojista não pôde ver o que aconteceu. Mandaram ele fechar a loja e ir para casa, o mesmo que disseram para todos nós. Quando disse para um dos policiais que eu e Dave éramos da imprensa, ele confiscou a câmera; disse que era evidência, o que era uma total e completa besteira, como se tivessem o direito...

Ouçam-me, preocupado com a liberdade jornalística neste ponto. Não importa. Às quatro horas desta tarde, uma hora atrás, o

Prefeito Harris declarou lei marcial; bloqueios foram colocados por toda parte e fomos isolados do resto do mundo. Segundo Harris, a cidade entrou em quarentena para que a “infeliz doença que está flagelando nossas pessoas” não se espalhasse. Ele não a chamaria de doença canibal, mas não há dúvidas – e de acordo com nossa freqüência policial, os ataques estão crescendo exponencialmente.

Eu acredito que já deva ser tarde demais para todos nós. A doença não é aerotransmissível ou a já teríamos pego, mas os indícios sugerem que você a contrai ao ser mordido por um deles, igual nos filmes que eu costumava assistir na seção dupla de terror quando pequeno. Isso explicaria o incrível crescimento dos ataques – e também diz que se a cavalaria não vier logo, estaremos todos mortos, de um jeito ou de outro. A polícia fechou a imprensa, mas eu tentarei espalhar o que sei nem que precise ir de porta em porta. Dave, Tom, Kathy, Sr. Bradson – todos foram para casa ficar com a família. Eles não se importam mais em informar as pessoas, e é tudo o que restou para mim. Eu não quero...

Era tudo. Carlos abaixou os papéis amassados que tinha achado, colocando-os na mesa do repórter, sua boca uma linha apertada. Ele tinha matado dois zumbis no corredor... talvez um deles fosse o escritor, um doloroso pensamento que fez tudo pior devido ao apelo emocional – quanto tempo demorou para o repórter mudar?

E se ele estiver certo sobre a doença, quanto tempo Randy ainda tinha?

Havia um rádio policial e algum tipo de receptor manual em cima de um balcão do outro lado da sala, mas de repente só conseguia pensar em Randy, lá embaixo e piorando, esperando Carlos voltar. Ele agüentou bem até aqui, conseguindo subir em duas barricadas com pouca ajuda, mas mau conseguindo ficar de pé

sozinho ao chegarem no prédio da imprensa de Raccoon. Carlos o tinha deixado no andar térreo debaixo de um telefone público mudo, não querendo arrastá-lo para cima; alguns focos de incêndio pequenos estavam perto dos primeiros degraus, e Carlos ficou com medo de Randy se queimar...

... o que deveria ser a menor de suas preocupações agora. Puta, que confusão. Por que não nos disseram o que estava acontecendo?

Carlos apagou o desespero que a pergunta tinha causado; era algo que resolveria com as autoridades apropriadas quando saírem de lá. Ele provavelmente seria deportado, já que só estava no país através da Umbrella, mas e daí? No momento, voltar à antiga vida soava como piquenique.

Ele correu para o equipamento de radio e o ligou, incerto do que fazer em seguida; ele nunca tinha usado um, e sua única experiência com rádio de dois pontos foi com um par de walkie-talkies que usava para brincar quando criança. 200 CHANELL MULTI-BAND estava escrito em cima do aparelho, e havia um botão para varredura. Ele o apertou e observou o pequeno visor digital mostrar números sem sentido. Exceto por estática e alguns cliques, nada aconteceu.

Ótimo. Ajudou muito.

O rádio era o que queria, e pelo menos parecia um walkie-talkie apesar de dizer AM/SSB TRANSCEIVER na lateral. Ele o levantou, imaginando se haviam canais, ou se havia algum botão de memória – e ouviu passos no corredor. Um lento arrastar de pés.

Ele largou o rádio no balcão e empunhou seu rifle, virando para a porta, já reconhecendo os passos arrastados e sem destino de um zumbi. Aquela era a única sala aberta do segundo andar; a não ser que quisesse pular uma janela, o corredor e as escadas eram a

única saída. Ele teria que matá-lo para voltar...

Essa não, ele deve ter passado por Randy, e se ele foi pego? E se – E se o zumbi for Randy?

"Não, por favor". Ele suspirou, mas uma vez considerada a possibilidade, não pode deixar de pensar nisso. Ele andou para a porta, sentindo suor correr pelas costas de seu pescoço. Os passos continuaram, aproximando-se – e foi um pé mancando que ele ouviu?

Por favor, não, eu não quero matá-lo!

Os passos pararam do lado de fora da porta – e então Randy Thomas apareceu, cambaleando, suas feições nulas e livres de dor, fiapos de baba pendurados em seu lábio inferior.

"Randy? Pare aí, mano, tá bom?". Carlos ouviu a própria voz sair com um desolado medo. "Diga algo, tá bom Randy?".

Um tipo de enjoada compreensão encheu Carlos quando Randy inclinou a cabeça para frente e continuou avançando, levantando os braços. Um breve e borbulhante gemido emergiu de sua garganta, e foi o som mais solitário que Carlos já pensou ter ouvido. Randy não o via de verdade, não entendia o que dizia; Carlos se tornou comida e nada mais.

"Lo siento mucho" . Carlos disse, e repetiu em inglês como se ainda restasse algo de Randy. "Eu sinto muito.

Agora durma, Randy".

Carlos mirou cuidadosamente e atirou, desviando o olhar assim que viu o grupo de buracos aparecerem bem acima da sobrancelha direita de Randy, apenas ouvindo, sem ver o corpo de seu camarada caindo no chão. Por um longo tempo ele simplesmente ficou quieto, de ombros caídos enquanto olhava para as próprias botas,

imaginando como tinha ficado tão cansado tão rápido... e dizendo a si mesmo que não havia nada que poderia ter feito.

Finalmente, ele voltou para o rádio, apertando o interruptor e acionando o receptor manual com o polegar. “Aqui é Carlos Oliveira, membro da equipe U.B.C.S. da Umbrella, esquadrão Alpha, Pelotão Delta. Estou no prédio da imprensa de Raccoon. Alguém pode me ouvir? Nós fomos separados do resto do pelotão e agora nós – eu preciso de ajuda. Requisito assistência imediata. Se você puder ouvir isso, por favor, responda”.

Nada além de estática; talvez precisasse tentar canais específicos; ele podia passar de um em um e repetir a mensagem. Ele desligou o rádio, olhando para todos os botões, e viu, estampado no endosso, ALCANCE DE 8 QUILÔMETROS.

O que significa que eu posso contatar qualquer pessoa na cidade, muito útil – exceto que ninguém irá responder porque estão mortos. Como Randy. Como eu.

Carlos fechou os olhos, tentando pensar, tentando sentir qualquer coisa parecida com esperança. E lembrou de Trent. Ele checou o relógio, percebendo a loucura que isso era, pensando que era a única coisa que ainda fazia sentido; Trent sabia, ele sabia o que estava acontecendo e disse a Carlos para ir quando a casa caísse. Sem Randy para se preocupar e sem um caminho para fora da cidade...

Grill 13, Carlos tinha um pouco mais de uma hora para achá-lo.

Jill tinha acabado de chegar na sala do S.T.A.R.S. quando o controle de comunicações no fundo da sala ganhou vida. Ela bateu a porta e correu para ele, palavras jogadas no meio da estática.

“... é Carlos... Raccoon... fomos separados... pelotão... ajuda... assistência... se você puder ouvir... responda...”.

Jill pegou o fone de ouvido e apertou o botão para transmitir. “Aqui é Jill Valentine, Esquadrão de Táticas Especiais e Resgate! Não estou te escutando claramente, por favor, repita – qual é sua posição? Você me ouve? Câmbio!?".

Ela franziu para ouvir algo, qualquer coisa – e viu que a luz sobre o botão de retransmitir não estava acesa. Ela apertou vários botões e insistiu em retransmitir, mas a luz verde-clara se recusou a acender.

“Droga!”. Ela não sabia nada sobre comunicações. Seja lá o que estivesse quebrado, ela não seria a pessoa para concertar.

Bom, pelo menos eu não sou a única sem um remo no Riacho da Porcaria...

Suspirando, Jill soltou o fone de ouvido e virou para olhar o resto da sala. Exceto pelos papéis espalhados no chão, parecia a mesma sala de sempre. Algumas mesas cheias de arquivos, computadores, itens pessoais, prateleiras sobrecarregadas, uma máquina de fax – e atrás da porta, o alto e reforçado cofre de aço de armas que esperava não estar vazio.

Aquela coisa lá fora não morreria tão fácil. Aquele matador de S.T.A.R.S..

Ela tremeu, sentindo o nó de medo em sua barriga apertar e ficar mais pesado. O porquê de ele não ter derrubado a porta e a matado, ela não sabia; ele era forte o bastante. Só de ter pensado nisso a fez querer engatinhar para algum lugar escuro e se esconder. Ele tornou os zumbis que ela encontrou pelo caminho tão perigosos quanto bebês. Não é verdade, claro, mas depois de ver o que aquele Tyrant fez com Brad...

Jill engoliu forte e tirou isso da mente. Esconder-se dele não iria ajudar.

Era hora de voltar aos negócios. Ela parou em sua mesa, pensando na última vez que se sentou lá. Ela era uma pessoa totalmente diferente; parecia ter passado uma vida inteira desde então. Ela abriu a gaveta de cima e começou a revira-la – e lá, atrás de uma caixa de clips de papel, estava o conjunto de ferramentas que sempre manteve no escritório.

Isso! Ela pegou o pequeno embrulho de tecido e o desenrolou, olhando para as pinças e barras de torção com um olho treinado. Às vezes, ter crescido como filha de um ladrão profissional valia a pena. Ela teve que atirar em algumas portas nos últimos dias, o que não era tão fácil ou seguro como as pessoas achavam; ter um conjunto de pinças decente seria de grande ajuda.

Além disso, eu não tenho a chave do cofre de armas – mas isso nunca me impediu antes. Ela praticava quando ninguém estava por perto só para ver se conseguia, e sempre teve poucos problemas; o cofre era antigo.

Jill ajoelhou-se em frente à porta, inseriu a barra e a pinça, e gentilmente sentiu as engrenagens. Em menos de um minuto, ela foi recompensada pelo esforço; a pesada porta abriu e lá, bem a vista, estava a resposta de aço inox para uma de suas preces.

“Seja abençoado, Barry Burton”. Ela suspirou, erguendo o pesado revólver da prateleira vazia. Uma Colt Python .357 Magnum, seis tiros com tambor móvel para fora. Barry era o especialista em armas do Alpha Team e diga-se de passagem, totalmente maluco por armas. Ele já tinha levado Jill para atirar várias vezes, ele tinha três, todas de calibres diferentes – mas a .357 era o xodó. Tê-la deixado para trás, por engano ou de propósito, parecia um milagre... tanto como as vinte balas extras numa caixa no chão o cofre. Não havia balas de espingarda, mas havia balas de 9mm soltas numa das gavetas.

Valeu a viagem – e com as pinças eu posso descer as escadas e procurar materiais confiscados na sala de evidências...

As coisas estavam melhorando. Tudo o que precisava fazer era sair da cidade no escuro, evitar zumbis, animais violentos geneticamente alterados e a criatura Tyrant que se auto proclamou a nêmese*(Nota 5)* para o S.T.A.R.S. Uma Nêmese feita para ela.

Surpreendentemente, o pensamento a fez sorrir. Adicione uma forte explosão e tempo ruim à mistura e ela teria sua própria festa.

“Whee”. Ela disse suavemente, e começou a carregar a Magnum com suas instáveis mãos, e tem estado assim há muito tempo.

Capítulo 8

Enquanto avançava com dificuldade pelo sistema de esgotos sob as ruas da cidade, Nicholai se viu fascinado pelo cuidadoso planejamento da infra-estrutura de Raccoon. Ele estudou os mapas, claro, mas ver tudo em primeira mão era outra coisa. A Umbrella tinha construído um parque de diversões perfeito; que infelicidade terem arruinado tudo.

Havia várias passagens subterrâneas que conectavam as instalações pertencentes à Umbrella umas com as outras, algumas mais óbvias que outras. Do subsolo do prédio da delegacia, ele entrou na rede de esgoto que o levaria ao laboratório subterrâneo de vários andares onde a Umbrella fazia sua pesquisa mais séria. Pesquisas também foram conduzidas no laboratório da mansão de Spencer em Raccoon Forest, e haviam três fábricas "abandonadas" ou galpões de teste nos limites da cidade, mas os melhores cientistas trabalhavam na cidade e sob ela. Isso certamente tornaria seu trabalho mais fácil; ir de uma área para outra usando os subterrâneos seria bem menos perigoso.

Mas não por muito tempo. Em dez ou doze horas, nenhum lugar será seguro. Os seres orgânicos que a Umbrella usava eram mantidos sedados, cresciam em Raccoon e eram mandados à outros lugares para teste em campo. Com a operação virtualmente arruinada, as criaturas fugiriam e tentariam achar comida; algumas certamente já escaparam, e a maioria apareceria sem dúvida após terem perdido algumas injeções.

E não seria divertido? Um pouco de tiro ao alvo para saborear durante as buscas, e com munição para se divertir.

Segurando o rifle sobre o cotovelo de seu braço direito, ele esticou o braço e deu um tapinha nos pentes extras que pegou de Wersbowski; ele não pensou em checá-los antes, mas uma rápida olhada antes de descer nos esgotos o deixou satisfeito. Os soldados da U.B.C.S. eram munidos de .233 completamente encapados, projetados para irem diretamente ao alvo; Wersbowski tinha se equipado com pontos ocos, balas que em contato expandiam e achatavam para causar maior dano. Nicholai já tinha planejado limpar o pequeno arsenal do laboratório; com sessenta balas adicionais de HP poderia andar tranqüilamente...

... que não é o caso agora...

A fria e suja água que corria pelos escuros túneis beirava seus joelhos e cheirava terrivelmente como urina e mofo. Ele já cruzou com sete mortos e vivos, a maioria usando aventais da Umbrella, apesar de haverem alguns civis também – pessoal da manutenção ou talvez almas azaradas que se aventuraram nos esgotos para saírem da cidade. Ele desviou da maioria, tanto para não gastar munição quanto para não alertar alguém sobre sua posição.

Ele chegou a uma junção em forma de “T” e virou à direita depois de procurar movimento nas duas direções.

Como na maior parte de sua viagem até agora, não havia nada além do suave bater de água poluída em pedras cinzas e o reflexo da luz amarelada sobre a superfície oleosa. Era um úmido e miserável ambiente, e Nicholai não deixava de pensar nas A334, as minhocas. Na reunião dos Watchdogs, elas foram descritas como sanguessugas gigantes que nadavam na água em grupos, uma das mais novas criações da Umbrella. Ele tinha medo e nojo de te que se deparar com elas, e odiava surpresas, odiava a idéia de que uma porção delas podia estar deslizando na água agora, bocas abrindo, caçando o calor e a nutrição do sangue humano.

Quando viu o piso elevado no fim do túnel, sentiu vergonha o alívio que sentiu. Ele rapidamente bloqueou o sentimento, preparando-se para o encontro; uma conferida no relógio enquanto saía da água disse que estava bem na hora. A Dra. Thomlinson estaria reportando em dez minutos.

Nicholai se apressou pelo curto corredor à sua frente, irritado com o suave barulho de suas botas molhadas enquanto alcançava a porta. Ele ouviu por um momento e nada; deu um leve empurrão na porta e ela abriu, revelando uma sala vazia de descanso para funcionários – mesa, cadeiras, armários – e, presa na parede oposta, uma escada de mão descendente. Ele entrou e fechou a porta gentilmente.

A escada descia para o pequeno depósito de onde a Dra. Thomlinson reportaria; um computador estaria escondido sob alguns materiais de limpeza em uma das prateleiras. Se leu o mapa corretamente e considerando que ela estaria vindo do laboratório, ela subiria através da pequena plataforma de elevador no canto da sala.

Nicholai sentou e esperou, tirando a mala do ombro e puxando o laptop; ele queria rever os mapas depois do encontro com a boa doutora.

Thomlinson era pontual, chegando quatro minutos antes do horário previsto. Ao som do rangente motor, Nicholai mirou o rifle no canto, descansando seu dedo no gatilho. Uma alta e despenteada mulher ergueu-se em visão, um distraído olhar em seu rosto manchado. Ela vestia um sujo avental de laboratório e carregava uma arma que mantinha apontada para o chão; obviamente esperava que seu ponto de contato fosse seguro.

Nicholai não deu chance para ela reagir à sua presença. “Largue a arma e saia da plataforma. Agora”.

Ela era fria, ele tinha que admitir. Exceto pelo leve arregalar de olhos, não houve um sinal de alarme visível em suas feições. Ela fez o que ele pediu, o cair da semi-automática alto enquanto dava alguns passos na quieta sala.

“Algo novo para relatar, Janice?”.

Ela o estudou, seu olhar castanho-claro o vasculhando enquanto cruzava os braços. “Você é um dos Watchdogs”. Ela disse. E não era uma pergunta.

Nicholai acenou. “Esvazie seus bolsos na mesa, doutora. Devagar”.

Thomlinson sorriu. “E se eu não fizer?”. Sua voz foi grossa, profunda e sedutora. “Você vai... tirar de mim?”.

Nicholai pensou por alguns segundos sobre o que ela estava sugerindo e apertou o gatilho, apagando seu amável sorriso com um súbito cuspir de fogo. Realmente, ele não tinha tempo para aquele jogo particular, ele devia ter atirado à primeira vista e não ter ficado tentado. Além disso, seus pés estavam gelados e molhados, coisa que detestava; nada como botas molhadas para tornar um homem miserável.

Mesmo assim, era uma pena; ela era seu tipo, alta e cheia de curvas, sem dúvida inteligente. Ele andou até seu esparramado corpo e pescou um disquete de seu bolso do peito, sem olhar para a confusão sangrenta que seu rosto tinha virado, lembrando a si mesmo de que isso era trabalho.

Só restavam quatro. Nicholai colocou o disquete num saco plástico e o vedou, colocando na mala. Haveria tempo para ver seu conteúdo mais tarde, depois que coletasse tudo.

Ele virou para o computador portátil e abriu os mapas do

sistema de esgoto, franzindo enquanto traçava seu próximo destino. Pelo menos outros seiscentos metros de caminhada pelo escuro antes de subir. Ele olhou para a Dra. Thomlinson de novo e suspirou; talvez tenha cometido um erro. Uma rápida luta o teria aquecido... apesar de não gostar de ter que matar uma mulher depois de ter se divertido com ela, de qualquer tipo; da última vez, ele experimentou sentimentos de puro arrependimento.

Não importa. Ela estava morta, ele tinha as informações e era hora de continuar. Quatro restando, e poderia esquecer do trabalho pelo resto de sua vida extremamente rica, investindo nos prazeres que os pobres só podiam sonhar.

Carlos sabia que estava perto. Da área perto do prédio da imprensa, onde toda a sinalização começava com norte, ele acabou perdido numa série de becos à leste – o que deveria ser o centro comercial que Trent mencionou.

Ele disse centro comercial, nordeste... mas onde está o teatro? E ele disse algo sobre uma fonte não foi?

Carlos parou na frente de uma barbearia no cruzamento de dois becos, já incerto para onde ir. Não havia placas e a luz do dia já tinha dado seu último suspiro; estava completamente escuro e só tinha dez minutos antes das 19 horas, graças a um erro que o fez voltar para a área industrial da cidade – nada que pudesse ser considerada como tal, como Trent havia colocado. Dez minutos... e depois? Quando encontrar o desconhecido Grill 13, o que deveria acontecer? Trent disse algo sobre ajudar... será que Trent ainda poderia fazer algo caso chegasse atrasado?

Seguir à esquerda o faria voltar para a imprensa, ele pensou – ou seria para trás? Bem à frente, só havia uma porta que ainda não tinha tentado, valia a pena dar uma olhada – Ele não o viu chegar, porém ouviu.

Ele tinha dado um único passo quando a porta atrás dele abriu fortemente – e a coisa era tão rápida que ele ainda estava se virando, levantando o rifle em reação ao som quando a coisa o alcançou.

Mas que – Uma onda de fétida escuridão, uma impressão de garras escuras e brilhantes e corpo como o exoesqueleto de um forte inseto gigante – e algo rasgou o ar a centímetros de distância de seu rosto, teria acertado se não tivesse recuado um passo.

Carlos tropeçou em seu próprio pé e caiu, olhando com um espanto aterrorizado quando alguma coisa voou sobre seu rosto voltado para cima, saltando ligeiramente para a parede à sua direita e continuando a correr de lado a lado, aderindo nos tijolos num desengonçado galope. Apavorado, Carlos a acompanhou até onde seu pescoço permitiu, de cotas no chão, vendo enquanto a coisa girava em suas últimas três pernas e pulava no chão.

Ele podia simplesmente ter esperado ser alcançado, incapaz de acreditar em seus olhos mesmo enquanto a criatura estapeava uma de suas seis pernas com longas e afiadas garras em seu pescoço, mas apenas gritou – e o triunfante gemido que emergiu de sua curva e inumana cara inchada foi o suficiente para fazer Carlos se mover.

Num piscar, Carlos rolou até se ajoelhar e abrir fogo na apressada e berrante coisa, sem perceber que também estava gritando, um baixo e rouco grito de terror e descrença. A criatura cambaleava enquanto as balas perfuravam sua quebradiça carne, seus membros abanando para todos os lados, a qualidade de seu berro mudando para um furioso uivo de dor. Carlos continuou, espirrando mortais metais quentes na criatura, continuando mesmo depois de tê-la derrubado e só se movendo por causa dele, as balas chacoalhando seu flácido corpo. Ele sabia que estava morta, mas não conseguia para de atirar até a M16 secar e o beco voltar ao

silêncio, com exceção de sua torturada respiração. Ele recuou contra a parede, trocou o pente da metralhadora e tentou desesperadamente entender o que diabos tinha acabado de acontecer.

Ele finalmente se recuperou o bastante para se aproximar da coisa morta – estava morta; até um inseto gigante do tamanho de um homem com seis pernas e que subia em paredes morria quando seu cérebro vazava do crânio. Era uma verdade com a qual podia contar no meio daquela loucura.

“Mais morto que merda”. Ele disse, olhando para o contorcido corpo da criatura, e por só um segundo, sua mente tentou fazê-lo negar o que estava vendo. Zumbis já eram uma coisa ruim, e finalmente recusou o fato de que Raccoon tinha sido tomada por mortos-vivos; eles só estavam doentes, a tal doença canibal que havia lido, porque essa coisa de zumbi só acontecia nos filmes. Do mesmo jeito que não existiam monstros nem insetos assassinos gigantes com garras que subiam nas paredes e gritavam daquele jeito – “No hay piri” . Ele suspirou seu velho lema, a expressão soando como um apelo desta vez, seus pensamentos seguindo um tipo de oração desesperada, Não transpire, relaxe, fique frio. E depois de um tempo se acalmou; seu coração desacelerou para quase normal, e começou a se sentir como uma pessoa de novo, e não um animal aterrorizado que perdeu a cabeça.

Então havia monstros em Raccoon City. Não devia ser uma surpresa, não depois do dia que teve; além disso, eles morriam como qualquer outra coisa, certo?”.

Ele não sobreviveria se perdesse a cabeça, e já tinha passado por muitas coisas para desistir agora.

Com isso, Carlos deu as costas para o monstro e andou pelo beco, forçando a si mesmo a não olhar para trás. O monstro estava

morto e ele estava vivo, e havia boas chances de haverem mais por aí.

Trent pode ser minha única saída, e agora só me resta... droga! Três minutos, ele só tinha três malditos minutos.

Carlos saiu em disparada, subindo alguns degraus até uma única porta no final do beco, cruzando-a – e chegou numa espaçosa e bem iluminada cozinha. Uma cozinha de restaurante.

Uma rápida olhada em volta e não havia ninguém, e estava silencioso com exceção de um leve soprar de gás de um grande cilindro na parede de trás. Ele respirou fundo, mas não sentiu cheiro de nada; talvez seja outra coisa – e não sairia daqui mesmo que fosse gás tóxico nervoso. Tem que ser aqui, esse é o lugar que Trent pediu que eu viesse.

Ele andou pela cozinha, passando pelas bancadas e fogões de metal brilhante, indo para o salão principal. Havia um cardápio numa das bancadas com GRILL 13 escrito na frente com letras douradas. Era assustador o quanto aliviado se sentia; em questão de horas, Trent passou de um estranho esquisito para seu melhor amigo no mundo.

Eu consegui, e ele disse que podia ajudar – talvez uma equipe de resgate estivesse a caminho ou marcou para me buscarem aqui... ou talvez houvessem armas guardadas lá na frente, não tão bom quanto uma evacuação, mas eu pegarei o que puder.

Havia uma abertura na parede que divida a cozinha do salão, um balcão por onde os cozinheiros passavam os pedidos. Carlos podia ver que o pequeno salão ligeiramente mais escuro estava vazio, apesar de ter levado um tempo para ter certeza; a chama dançante de uma lamparina a óleo ainda queimava sobre o balcão, projetando inquietas sombras.

Ele contornou a parede divisória através da passagem lateral e entrou no salão, notando um suave cheiro de comida frita no frio ar enquanto procurava. Ele não sabia ao certo o que esperar e definitivamente não via – nenhum envelope em branco em cima de uma mesa, nenhum pacote misterioso, nenhum homem vestindo um sobretudo esperando. Havia um telefone público perto da entrada principal; Carlos andou até lá e pegou o receptor, e como todos os outros da cidade, estava mudo.

Ele checou o relógio pela que parecia ser a milésima vez na última hora e viu que era 19:01h – e sentiu uma onda de raiva e frustração que só servia para aumentar seu medo. Estou sozinho, ninguém sabe que estou aqui e ninguém pode me ajudar.

“Estou aqui”. Ele disse, virando para a sala vazia, sua voz aumentando. “Eu cheguei, estou no horário e onde diabos está você?”.

Como resposta, o telefone tocou, o estridente som fazendo-o pular. Carlos foi desajeitado até ele; seu coração batendo abobalhado, seus joelhos de repente fracos de esperança.

“Trent? É você”.

Uma breve pausa e a suave e musical voz de Trent invadiu seu ouvido. “Hola, Sr. Oliveira! Estou tão feliz em ouvir sua voz!”.

“Cara, nem metade do quanto estou em ouvir a sua”. Carlos se apoiou na parede segurando o receptor bem apertado.

“Isso aqui é uma baita encrenca, amigo, todo mundo está morto e há coisas lá fora, como – tem monstros, Trent.

Você pode me tirar daqui? Me diga que sim!”.

Houve outra pausa e Trent suspirou, um pesado som. Carlos fechou os olhos já sabendo o que ouviria.

“Sinto muito, mas isso está fora de cogitação. O que eu posso é dar informações... mas sobreviver é com você.

E eu temo que as coisas possam ficar piores, muito piores antes de melhorarem”.

Carlos respirou fundo e acenou para si mesmo, sabendo que isso já era o de se esperar. Ele estava por conta própria.

“Tá bom”. Ele disse e abriu os olhos, erguendo os ombros e acenando de novo. “Pode falar”.

Capítulo 9

Comentários, descrição de delito relatado – 29 – 087: Duas das doze pedras preciosas que fazem parte do "relógio fechadura" do portão ornamental principal da prefeitura, foram removidas entre (aproximadamente) 21:00h de ontem (24 de Setembro) e 5:00h desta manhã.

Como o comércio local está fechado durante esse horário, saqueadores estão danificando propriedade pública e levando o que lhes parece valioso. O presente oficial acredita que o delinqüente pensou que as jóias fossem reais, e parou depois de remover duas (uma azul e outra verde) quando ele/ela percebeu que eram de vidro.

Esse portão (portão da "prefeitura") é uma das várias entradas/saídas que levam ao complexo municipal. O portão está agora trancado devido ao seu complicado (e na opinião do presente oficial, ridículo) mecanismo, o qual requer a presença de todas as pedras para ser destrancado. Essa entrada/saída permanecerá trancada até o poder público remover o portão ou até as duas pedras forem achadas e reinstaladas. Devido à falta de potencial efetivo nesse momento, não há escolha se não suspender a investigação do caso.// oficial relator Marvin Branagh.

Comentários adicionais, caso 29 – 087, M Branagh 26 de Set. – Uma das jóias perdidas (azul) apareceu dentro do prédio do R.P.D.. São 20:00h. Bill Hansen, o falecido proprietário do restaurante Grill 13, estava aparentemente carregando a falsa jóia quando veio aqui procurando abrigo no começo da noite. O Sr. Hansen morreu um pouco depois de chegar, morto a tiros por policiais depois de

sucumbir aos efeitos da doença canibal. A jóia foi achada em seu corpo, apesar de eu do presente oficial não ter como saber se ele a roubou ou onde a outra possa estar.

Com a cidade agora sob lei marcial, nenhum esforço será feito para encontrar a segunda jóia ou para recolocar a primeira – mas com várias ruas em volta do complexo bloqueadas, a necessidade dessas jóias pode até certo ponto tornar-se relevante.

Anotação: este será meu último relatório escrito até a atual crise ser resolvida. Trabalho escrito não parece – agora, a necessidade de documentar delitos parece secundária sob a vigência da lei marcial, tal como estar sozinho nesse serviço.

Marvin Branagh, R.P.D.

Jill colocou o relatório datilografado e o anexo escrito à mão de volta na gaveta de evidências, tristemente imaginando se Marvin ainda estava vivo; parecia improvável, o que era um deprimente pensamento. Ele era um dos melhores oficiais no R.P.D., sempre bondoso sem sacrificar a conduta profissional.

Um profissional de primeira. Maldita Umbrella.

Ela tirou da gaveta uma peça de vidro azul em forma de losango, olhando-a pensativamente. O resto da sala de evidências foi um fracasso, os armários trancados e gavetas sem nada útil como arma; certamente não foi a única que pensou em vasculhar a sala. A jóia, por outro lado...

Marvin estava certo sobre as ruas estarem bloqueadas em volta do portão da Prefeitura; ela havia tentado cruzar a área e encontrou quase tudo bloqueado. Não que houvesse muita coisa por lá – o portão dava num pequeno jardim com trilhas pavimentadas, tudo bem arranjado para apenas uma estátua sem graça do ex-prefeito Michael Warren. Depois dela vinha a Prefeitura, não muito usada

desde que construíram a nova corte judicial na zona residencial. No final, a trilha se dividia em duas, uma à norte e a outra à oeste – um posto de abastecimento com oficina e lojas de carros usados à norte, e a oeste...

"Ah, não, o bonde!".

Porque ela não havia pensado nisso antes? Jill sentiu uma onda de excitação, diminuída de leve pela vontade de dar um tapa na testa. Ela tinha se esquecido completamente do caminho. O velho bonde de dois carros era coisa de turista, mas ia para os subúrbios mais à oeste, depois do parque da cidade e através de alguns dos mais caros bairros. Havia um suposto complexo abandonado da Umbrella por esse caminho também, onde ainda poderia haver carros funcionando e estradas livres. Considerando que o bonde estivesse em condições de correr, esse seria o jeito mais fácil para sair da cidade de mãos abaixadas.

Exceto pelas barricadas, o único jeito de chegar até lá é através do portão – e eu só tenho uma das jóias.

Ela não tinha ferramentas para derrubar o grande e pesado portão sozinha... mas o relatório de Marvin dizia que Bill Hansen estava com a jóia azul, e seu restaurante só estava a três ou quatro quarteirões dali. Não havia como saber se também estava com a verde ou se estava no Grill, mas valeria a pena verificar. Se não estiver lá, não pioraria as coisas, mas se conseguir achá-la, poderá sair da cidade mais cedo do que esperava. Com Nêmesis andando por aí, poderá não ser cedo o bastante.

Então estava decidido. Jill virou e andou para a porta, colocando a jóia azul na bolsa. Ela queria checar a sala de revelação do R.P.D. antes de partir, ver se conseguia achar um daqueles coletes de fotógrafo; ela não tinha nenhum carregador rápido para a Colt, e queria alguns bolsos para carregar as balas soltas. Ela pensou

em deixar a espingarda para trás. Jill tinha improvisado um suporte no ombro usando o cinto de um homem morto, e carregá-la era ruim, ainda mais sem munição – e a .357 como fogo adicional – ela não via motivos para carregá-la mais...

Ela saiu no corredor e foi para a esquerda, deliberadamente não olhando para um corpo caído sob a janela sul.

Era uma jovem mulher que havia matado da escada, e tinha quase certeza de que conhecia a garota – uma secretária/ recepcionista que trabalhava no balcão de entrada nos fins de semana, Mary alguma coisa. A sala de revelação ficava em frente ao vão sob a escada; ela teria que passar a alguns centímetros do corpo, mas achou que conseguiria evitar olhar de perto caso ela – CRASH!

Duas das janelas implodiram, espirrando cacos de vidro sobre o corpo da recepcionista, pedaços dele arranhando as pernas descobertas de Jill. No mesmo instante, uma gigante massa negra se arremessou para dentro, maior que um homem, do tamanho de – um matador de S.T.A.R.S. – Foi tudo que pensou no tempo que teve, Jill recuou pelo caminho que veio, se jogando na porta da sala de evidências, enquanto atrás dela, vidro foi esmagado assim que se levantava, ouviu a nota inicial de seu único objetivo, “SSst—”.

Ela correu, tirando o pesado revólver de sua cintura, cruzando a sala de evidências até a outra porta e entrou na sala da equipe de patrulha. Uma curva fechada para a esquerda assim que entrou e mesas passaram, cadeiras, estantes e uma mesa derrubada com respingos de sangue e fluídos de pelo menos dois policias, seus corpos caídos apenas obstáculos em seu caminho.

Jill pulou sobre eles, ouvindo a porta abrindo, não, desintegrando atrás dela, o som de destroços e madeira quebrando sem conseguir abafar a fúria de Nêmesis.

Vaivaivairápido – Ela abriu a porta correndo, ignorando a pontada de dor que envolveu seu ombro ralado, virando para a direita quando pisou no saguão.

Shhh – BOOM!

Um clarão de luz e fumaça voou depois dela, explodindo um irregular buraco no chão a menos de um metro dela. Estilhaços de mármore queimado e cerâmica voaram, estourando no ar como uma fonte de barulho e calor.

Jesus, ele está armado!

Ela correu mais rápida, descendo a rampa lateral para o piso rebaixado do saguão, lembrando que tinha trancado as portas da frente, a lembrança como um soco no estômago. Ela nunca conseguirá abri-las a tempo, sem chance – e BOOM, outra explosão do que parecia ser um lança-granadas ou algo maior, perto o bastante a ponto de sentir o vento perto de sua orelha direita, pôde ouvir o sopro da incrível velocidade pouco antes das portas se escancararem à sua frente. Elas ficaram penduradas pelas dobradiças, balançando enquanto ela corria pelo escuro frio da noite.

“Ssstaarrrsss!”.

Perto, muito perto. Instintivamente, Jill sacrificou um segundo de velocidade e pulou para o lado, tirando os pés do chão, mau percebendo que o corpo de Brad havia sumido e sem se importar. Mesmo enquanto pousava, Nêmesis passou por ela, atropelando o espaço que ocupava um instante antes. Sua desaceleração custou vários passos, ele era rápido, mas pesado demais para parar, seu tamanho monstruoso dando-a o tempo que precisava. Um rangido enferrujado e cruzou os portões, batendo-os em seguida, tirando a espingarda das costas.

Ela virou e colocou a arma entre os puxadores do portão, ambos rachando contra o cano antes que ela tivesse tempo de soltá-la, atrás dos portões, Nêmesis gritava de raiva animal, um demoníaco som de sede por sangue tão forte que Jill estremeceu compulsivamente. Ele estava gritando por ela, era o pesadelo de novo, ela estava marcada para morrer.

Jill virou e correu, o grito sumindo atrás dela.

Quando Nicholai viu Mikhail Victor, soube que teria de matá-lo. Tecnicamente, não havia motivo, mas a oportunidade era muito atraente para deixá-la passar. Por alguma sorte, o líder do pelotão D conseguiu sobreviver, uma honra que não merecia.

Nós vamos cuidar disso...

Nicholai estava se sentindo bem; ele estava à frente da programação que tinha feito para si mesmo, e o resto de sua jornada pelos esgotos foi tranqüila. Seu próximo alvo era o hospital, o qual podia alcançar rapidamente se usasse o bonde em Lonsdale Yard; ele tinha tempo suficiente para descansar por alguns momentos, pausando sua perseguição. Ter voltado à superfície e ver Mikhail do outro lado da rua, de cima de uma dos prédios da Umbrella – um alvo perfeito – era como uma recompensa cósmica por seu trabalho até agora. Mikhail nunca saberia o que o acertou.

O líder de pelotão estava dois andares abaixo, de costas para a parede do barracão de um ferro-velho enquanto trocava a munição. Uma luz de segurança, seu brilho ofuscado com o intenso movimento de insetos noturnos, iluminando claramente sua posição – e tornaria impossível identificar seu assassino.

Bom, você não pode ter tudo; sua morte teria que ser o suficiente.

Nicholai sorriu e ergueu a M16, saboreando o momento. Uma

fria brisa noturna balançou seu cabelo enquanto estudava a vítima, notando com muita satisfação o medo no rosto de Mikhail. Um tiro na cabeça? Não; com chances de Mikhail ser infectado, Nicholai não perderia a ressurreição. Ele também teria tempo o bastante para observar. Ele abaixou o cano milimetricamente, avistando uma das joelheiras de Mikhail. Muito doloroso... mas ele ainda usaria os braços e provavelmente atiraria às cegas; Nicholai não queria arriscar ser baleado.

Mikhail tinha terminado de inspecionar o rifle e estava olhando em volta como se planejasse o próximo passo.

Nicholai mirou e atirou, um único tiro, extremamente feliz com sua decisão ao ver o líder de pelotão se reclinar, agarrando a barriga – e de repente, Mikhail se foi, contornando a esquina de um prédio e sumindo. Nicholai pôde ouvir os passos no cascalho desaparecendo.

Ele xingou baixo, apertando os dentes com frustração. Ele queria ter visto o homem se contorcendo, sofrendo com o doloroso e certamente fatal ferimento. Parecia que os reflexos de Mikhail não eram tão pobres quanto pensava.

Então, ele morre em algum lugar no escuro ao invés de onde eu possa vê-lo. O que isso significa? Não que eu não tenha outra coisa para ocupar meu tempo...

Não tinha funcionado. Mikhail estava seriamente ferido e Nicholai queria vê-lo morrer. Só levaria alguns minutos para achar o rastro de sangue e persegui-lo – uma criança poderia fazer isso.

Nicholai sorriu. E quando eu achá-lo, poderei oferecer ajuda, bancar o camarada preocupado – quem fez isso com você, Mikhail? Aqui, deixe-me ajudá-lo...

Ele virou e correu para a escada, imaginando o olhar de

Mikhail ao descobrir quem foi o responsável por sua situação, ao compreender seu fracasso como líder e homem.

Nicholai imaginou o que tinha feito para merecer tanta alegria; até agora, aquela havia sido a melhor noite de sua vida.

Quando a conversa terminou, a linha ficou muda e Carlos sentou-se num dos assentos, pensando nas coisas que Trent lhe havia dito. Se tudo o que disse era verdade – e Carlos acreditava que sim – a Umbrella teria muito que responder.

“Por que você está me contando tudo isso?”. Carlos tinha perguntado logo no fim, sua cabeça girando. “Por que eu?”.

“Porque eu estive vendo a sua ficha”. Trent respondeu. “Carlos Oliveira, mercenário por contrato – exceto por sempre ter lutado pelo lado bom, sempre do lado dos fracos e oprimidos. Já arriscou a vida duas vezes em assassinatos, ambos bem sucedidos – um tirano traficante de drogas e um pedófilo, se não me falhe a memória.

E nunca oprimiu um civil, nenhuma vez. A Umbrella está envolvida em práticas extremamente imorais, Sr.

Oliveira, e você é exatamente o tipo de pessoa que deveria estar trabalhando para impedi-los”.

De acordo com Trent, o T-virus da Umbrella – ou G-virus, aparentemente havia dois tipos – foram criados e usados em monstros caseiros para torná-los armas vivas. Quando humanos são expostos ao vírus, contraem a doença. E Trent disse que os administradores da U.B.C.S. sabiam para onde estariam enviando seu pessoal e provavelmente o fizeram de propósito – tudo em nome da pesquisa.

“Os olhos e ouvidos da Umbrella estão por toda parte”. Trent disse. “Como eu disse antes, tome cuidado em quem confia. É sério,

ninguém é seguro".

Carlos se levantou da mesa abruptamente e andou para a cozinha, perdido com pensamentos. Trent havia se recusado a falar sobre seus motivos para derrubar a Umbrella, apesar de Carlos ter tido a impressão de que Trent também trabalhava para a corporação; isso explicaria por que era tão reservado.

Ele está sendo cuidadoso, protegendo o pescoço – mas como poderia saber de tanto? As coisas que me disse...

Uma confusão de fatos, alguns pareciam totalmente arbitrários – havia uma jóia verde falsa na câmara fria sob a cozinha; Trent disse que fazia parte de um par e se recusou a dizer onde a outra estava ou porque eram tão importantes.

"Apenas faça-as terminarem juntas". Trent havia dito – como se Carlos fosse achar a outra por acaso. "Quando achar a azul terá sua explicação".

Por mais enigmaticamente inútil que isso parecia ser, Trent também disse que a Umbrella tinha dois helicópteros no complexo de tratamento de água abandonado à oeste e norte da cidade. Talvez o mais útil de tudo foi Trent ter dito que havia uma vacina sendo produzida no hospital da cidade, e apesar de ainda não ter sido sintetizada, havia pelo menos uma amostra lá.

"Apesar de haverem boas chances do hospital não ficar lá por muito tempo". Ele disse, deixando Carlos imaginar de novo como Trent ficou sabendo. O que acontecerá? E como Trent sabia disso?

Trent parecia achar a sobrevivência de Carlos importante; ele parecia confiante de que Carlos seria uma parte significante da luta contra a Umbrella, mas Carlos ainda não tinha certeza do porquê, nem se queria entrar nessa. No momento, tudo o que queria era sair da cidade... mas por algum motivo Trent havia decidido oferecer

informações, e Carlos estava agradecido.

Se bem que um pouco mais teria sido melhor – chaves para um carro de fuga blindado, talvez, ou algum tipo de spray antimonstro.

Carlos ficou parado na cozinha, olhando para o aparentemente pesado alçapão onde deveria estar a escada do porão. Trent também disse que provavelmente havia mais armas em uma torre do relógio, não muito longe do hospital; isso e os helicópteros a norte do hospital e da torre do relógio, definitivamente útil.

Mas por que me deixar vir até aqui se sou tão importante? Ele poderia ter me parado a caminho da base.

Muito daquilo não fazia sentido, e Carlos estava querendo apostar que Trent não tinha contado tudo. Carlos não tinha escolha se não confiar um pouco nele, mas iria tomar cuidado ao depender das informações de Trent.

Carlos agachou próximo ao alçapão, agarrou as alças e puxou. Era pesada, mas podia agüentar, inclinando para trás e usando as pernas para se equilibrar. A não ser que os cozinheiros fossem fisiculturistas, deveria haver um pé-de-cabra em algum lugar por ali.

A porta principal do restaurante abriu e fechou. Carlos colocou a tampa de lado e virou, ainda agachado, M16 apontada para a entrada da cozinha. Ele não achava que zumbis fossem capazes de abrir portas, não tinha idéia do que podiam fazer ou quem mais poderia estar andando por aí.

Lentos e cuidadosos passos vinham na direção da cozinha. Carlos prendeu a respiração, pensando em Trent, imaginando de repente se ele tinha planejado – e a última coisa que esperava ver era um revólver .357 aparecendo, empunhado por uma atraente e extremamente séria mulher que entrou rápida e abaixada, mirando

em Carlos antes que pudesse piscar.

Por um segundo, eles se olharam, parados, e Carlos pôde ver nos olhos dela que não hesitaria em atirar se achasse necessário. Sendo que se sentia do mesmo jeito, ele decidiu que seria melhor se apresentar.

“Meu nome é Carlos”. Ele disse claramente. “Eu não sou um zumbi. Calma aí, tá?”.

A garota o estudou por um momento, e acenou devagar, abaixando o revólver. Carlos tirou o dedo do gatilho e fez o mesmo enquanto ambos se erguiam, cuidadosamente.

“Jill Valentine”. Ela disse, e parecia começar a dizer algo quando a porta dos fundos abriu à força, a forte trovoada somada ao som de um grito profundo e quase humano que levantou os pelos das costas do pescoço de Carlos.

“Sstaarrsss!” . Seja lá o que tinha berrado, o grito ecoou pelo restaurante, gigantes passos pulsando na direção deles, implacáveis e decididos.

Capítulo 10

Não havia tempo para perguntas, sem tempo para imaginar como a tinha achado tão rápido. Jill acenou para o jovem rapaz ficar atrás dela; ela procurou desesperadamente em volta por algo que poderia distraí-lo enquanto fugiam. Eles se abaixaram atrás da abertura na parede, Carlos se movendo como se tivesse experiência; ao menos ele tinha o bom senso de ficar quieto enquanto o assassino de S.T.A.R.S. aparecia na cozinha, ainda gritando.

Fogo! Havia uma lamparina a óleo em cima da abertura. Jill não hesitou; ele os alcançaria em segundos se não agisse imediatamente, e talvez um pouco de óleo incandescente o retardaria.

Ela acenou para Carlos ficar abaixado, erguendo a lamparina e levantando-se, apoiando-se na abertura e armando o braço para trás. O volumoso Nêmesis tinha acabado de aparecer na cozinha quando ela atirou a lamparina, grunhindo com a força que levou para vencer a distância.

A lamparina voou e então tudo desacelerou, tanta coisa acontecendo que sua mente a mostrava um fato por vez. A lamparina quebrou nos pés do monstro, vidro e óleo respingando e empoçando, um raso lago de fogo se espalhando; a criatura ergueu seus grandes punhos gritando de raiva; Carlos gritou e agarrou sua cintura, derrubando-a, o desajeitado movimento levando os dois ao chão – e houve um poderoso estouro de brilho e som, o segundo desde que acordou, um deslocamento de ar que martelou seus ouvidos, e Carlos estava tentando protegê-la, segurando-a no chão enquanto dizia algo em espanhol, enquanto o tempo voltava ao

normal e algo começava a queimar.

Deus, de novo? Desse jeito, a cidade inteira vai explodir... O pensamento foi vago e desorientado, sua mente confusa até lembrar de respirar. Uma profunda inalação e Jill empurrou os braços de Carlos levantando-se, precisando ver.

A cozinha estava estourada, escurecida e com utensílios e panelas para todo lado. Ela viu vários cilindros na parede do fundo, um deles a provável origem da explosão, o metal fumegante contorcido como pétalas abertas.

Uma forte fumaça subia do ardente corpo no chão, Nêmesis deitado como um gigante caído, suas roupas pretas chamuscadas e queimadas. Ele não se movia.

“Sem ofensas, mas você tem algum problema?”. Carlos perguntou, olhando para ela como se a pergunta fosse retórica. “Você podia ter feito churrasco da gente!”.

Jill olhava para Nêmesis, ignorando Carlos, a .357 apontada para suas pernas imóveis; sua cabeça e tronco estavam escondidos por uma baixa estante. A explosão foi forte, mas depois de tudo o que pensou, preferiu ter certeza antes de deduzir qualquer coisa.

Atire, atire enquanto está deitado, você pode não ter outra chance – Nêmesis se mexeu, um leve movimento nos dedos da mão que podia ver, e os nervos de Jill dispararam. Ela queria sair, queria estar bem longe antes de se levantar, antes de se recuperar da explosão como certamente iria.

“Nós temos que sair agora”. Ela disse, virando para Carlos. Jovem, bonito, obviamente inabalado pela explosão, ele hesitou depois acenou, segurando sua metralhadora apertada contra o peito. Parecia uma M16, militar, e estava vestido para combate – um com sinal.

Espero que haja mais de onde você veio, Jill pensou, indo para a porta em ritmo acelerado. Carlos bem atrás.

Ela tinha muitas perguntas para ele e percebeu que ele também deveria ter algumas para ela... mas podiam conversar em outro lugar. Qualquer lugar onde podiam ficar seguros. Qualquer lugar.

Assim que saíram, Jill não pôde se conter; ela saiu em disparada, o jovem soldado a acompanhando, correndo pelo frio escuro da morta cidade enquanto imaginava se havia qualquer lugar onde poderiam ficar seguros.

A garota, Jill, correu por um quarteirão antes de diminuir. Ela parecia saber aonde ia, e obviamente tinha algum tipo de treinamento policial, talvez, apesar daquele jamais ser o uniforme. Carlos estava desesperadamente curioso, mas guardou sua respiração, concentrando-se em acompanha-la.

Do restaurante, eles desceram a rua, passando pelo teatro que Trent havia mencionado, virando à direita depois da fonte decorativa; mais meio quarteirão e Jill indicou uma porta para varredura padrão. Carlos acenou, parando de um lado da porta, rifle apontado para cima.

Jill puxou a maçaneta e Carlos entrou, pronto para atirar em qualquer coisa que se mexer, Jill cobrindo-o. Eles estavam em algum tipo de armazém, no final de uma passarela que terminava em forma de “T” quinze metros à frente. Parecia vazio.

“Deve estar vazio”. Jill disse baixo. “Eu vim por aqui minutos atrás”.

“Melhor prevenir do que remediar, né?”. Carlos disse, de arma para o alto e sentindo parte da tensão abandonar seu corpo. Ela era definitivamente profissional.

Eles avançaram pelo armazém, checando cuidadosamente antes de dizer outra palavra. Estava frio e mau iluminado, porém não cheirava tão mau quanto o resto da cidade, e parados no meio da junção em “T”, eram capazes de ver qualquer coisa se aproximando antes de pegá-los. No geral, parecia o lugar mais seguro no qual esteve desde o helicóptero.

“Eu queria perguntar algo caso não se importe”. Jill disse finalmente, voltando toda sua atenção para ele.

Carlos abriu a boca para falar e as palavras apenas saíram. “Você vai me convidar para sair, não é? É o sotaque, as garotas adoram o sotaque. Vocês o ouvem e não conseguem se agüentar”.

Jill o encarou, seus olhos largos, e por um momento ele pensou ter cometido um erro, ela não perceberia que estava brincando. Foi uma estupidez fazer piadas sob essas circunstâncias. Assim que estava para se desculpar, o canto da boca dela ergueu um pouco.

“Eu pensei que você não fosse um zumbi”. Ela disse. “Mas se é o melhor que pode fazer, talvez deva reavaliar sua situação”.

Carlos sorriu, deliciado com a resposta – e de repente pensou em Randy, de suas brincadeiras antes de pousar em Raccoon. Seu sorriso apagou e viu o brilho de humor deixar o rosto dela também, como se lembrasse onde estavam e o que tinha acontecido.

Quando falou de novo, seu tom foi mais frio. “Eu ia te perguntar se você foi o mesmo Carlos que mandou a mensagem há cerca de uma hora, uma hora e meia atrás”.

“Você ouviu?”. Carlos perguntou surpreso. “Quando ninguém respondeu, eu não pensei – ”.

Cuidado em quem confia. As palavras de Trent piscaram em sua mente, lembrando-o de que não tinha idéia sobre quem era Jill

Valentine. Ele parou de falar, encolhendo os ombros, indiferente.

“Eu só captei parte dela, e não podia responder de onde estava”. Jill disse. “Você disse algo sobre pelotão, não disse? Existem outros, ah, soldados aqui?”.

Fale o básico e nada sobre Trent. “Havia, mas acho que estão todos mortos agora. A operação inteira foi um desastre, diga-se de passagem”.

“O que aconteceu?”. Ela perguntou, estudando-o intensamente. “E com quem você está afinal, Guarda Nacional? Eles vão enviar reforços?”.

Carlos a olhou, imaginando quanto cuidado deveria tomar. “Nenhum reforço, eu acho. Quer dizer, eu tenho certeza que mandarão alguém eventualmente, mas sou apenas um soldado, eu realmente não sei de nada – nós pousamos e os zumbis atacaram. Talvez alguém conseguiu escapar, mas até onde eu sei, você está olhando para o único membro vivo da U.B.C.S.. Isso significa Umbrella Bio-hazard Coutermeasure – ”.

Ela o interrompeu, a expressão em seu roto perto do nojo. “Você está com a Umbrella?”.

Carlos acenou. “Sim. Eles nos mandaram para resgatar sobreviventes”. Ele queria dizer mais, dizer o que suspeitava – qualquer coisa para mudar o olhar dela, como se tivesse acabado de descobrir que ele era um estuprador ou coisa do tipo – mas o conselho de Trent continuava se repetindo.

Os lábios de Jill curvaram-se. “Não fale besteira? A Umbrella é a responsável pelo que aconteceu aqui, como se não soubesse – não adianta mentir. O que você realmente está fazendo aqui? Diga a verdade, Carlos, se esse for o seu nome”.

Ela realmente estava irritada, e Carlos sentiu um momento de incerteza, imaginando se ela era uma aliada, alguém que sabia a verdade sobre a Umbrella – ma também podia ser uma armadilha.

Talvez ela trabalhe para eles e está tentando me testar, tentando desmascarar minha lealdade...

Carlos permitiu um toque de raiva invadir sua voz. “Eu sou apenas um soldado, como havia dito. Eu sou – todos nós – somos pistoleiros de aluguel. Sem política, entendeu? Eles não nos dizem nada. E no momento, eu não estou interessado se a Umbrella é ou não é responsável. Se eu vir alguém que precise de ajuda, eu farei meu trabalho, caso contrário, eu só tentarei sair daqui”.

Ele a encarou, determinado a manter seu papel. “E por falar em quem-oque-porquê, o que você faz aqui?”. “O que você fazia naquele restaurante? E o que era aquela coisa que você explodiu”.

Jill o encarou por outro segundo, e soltou-se, suspirando. “Eu também estou tentando fugir. Aquela coisa é um dos monstros da Umbrella, está me caçando, e duvido muito que esteja morto, mesmo agora – o que significa que não estou a salvo. Eu pensei que talvez houvesse... eu estava procurando por um tipo de chave, eu pensei que estivesse no restaurante”.

“Que tipo de chave?”. Ele perguntou, e de alguma forma, ele já devia saber.

“É uma jóia, faz parte de um mecanismo de fechadura do portão da Prefeitura. Existem duas jóias, na verdade, eu já tenho uma. Se conseguir outra e abrir o portão, haverá um caminho para fora da cidade – um bonde que vai para oeste, para os subúrbios”.

Carlos manteve seu rosto neutro, mas estava pulando por dentro. O que Trent disse?

Ir para oeste primeiro... e quando eu encontrar a jóia azul, entenderei sua importância... mas o que isso me diz sobre Jill Valentine? Devo confiar agora ou não? O que ela sabe?

“Sério,”. Ele disse, mantendo seu tom constante. “eu vi algo assim no porão do restaurante. Uma jóia verde”.

Os olhos de Jill arregalaram. “Mesmo? Se pudermos pegá-la... Carlos, nós temos que voltar”.

“Se esse for meu nome”. Ele disse, pego em algum lugar entre irritação e espanto. Ela parecia saltar de temperamento para temperamento, energética depois divertida, depois brava, depois empolgada; era cansativo, e ainda não sabia se podia virar as costas para ela. Ela parecia sincera...

“Me desculpe”. Ela disse, tocando seu braço levemente. “Eu não devia ter dito aquilo, é só – a Umbrella e eu não somos melhores amigos. Houve um acidente em um de seus laboratórios, aqui, há cerca de seis semanas.

Pessoas morreram. E agora isso”.

Carlos derreteu um pouco com o calor de sua mão. Jesus, Carlos era um idiota para um primor, e ela era algo para se olhar.

“Carlos Oliveira,”. Ele disse. “a seu serviço”.

Calma, garoto. Sair da cidade, disse Trent, mas você tem certeza de que quer andar com alguém que pode acabar te matando? Você precisa limpar a mente antes de partir com a cuero senhorita Valentine.

Imediatamente, ele começou a argumentar consigo mesmo. É, tome cuidado, mas vai deixá-la sozinha? Ela disse que o monstro estava atrás dela...

Ele brincava com isso às vezes, mas não era machista; ela podia se virar sozinha, e já tinha provado isso. E se fosse uma espiã da Umbrella... bom, então ela merecia isso, não é?

“Eu – eu não acharia certo partir sem ao menos tentar achar alguns dos outros”. Ele disse, e agora que sabia que existir um modo de fugir, ele percebeu que era verdade. Até uma hora atrás, a idéia teria sido ridícula; mas agora, armado com as informações de Trent, tudo tinha mudado. Ele ainda estava assustado, claro, mas saber algo sobre a situação o fez sentir menos vulnerável. Apesar dos riscos, ele queria andar por mais algumas quadras antes de partir, tentando ajuda alguém. Ele queria tempo para pensar, para organizar as idéias.

Isso... mais saber que ela sobreviveu, significa que eu também posso.

“Eu vi o portão do qual você falou, aquele perto da redação do jornal, si? Por que não nos encontramos lá... ou melhor, no bonde”.

Jill franziu e acenou. “Tá bom. Eu voltarei para o restaurante enquanto você anda por aí, e te esperarei no bonde. Ao passar pelo portão, siga o caminho e mantenha-se à esquerda, você verá placas para Lonsdale Yard”.

Por alguns segundos ninguém falou, e Carlos viu, no cauteloso modo como o olhava, que Jill também tinha seus próprios receios sobre ele. Sua desconfiança o fazia confiar mais nela; se ela fosse anti-Umbrella, faria sentido ela não querer andar com um de seus empregados.

Pare de debater e ande logo, pelo amor de Deus!

“Não parta sem mim”. Carlos disse, querendo soar levemente. Ele soou muito sério.

“Não me faça esperar muito”. Ela respondeu e sorriu, e considerou que ela estava bem apesar de tudo. Depois ela virou e correu devagar, voltando por onde vieram.

Carlos a ouviu partindo, imaginando se estava louco por não ir com ela – e depois de um momento, ele virou e andou rapidamente para a outra saída antes que mudasse de idéia.

Para alguém que sangrava como um porco, Mikhail estava surpreendentemente rápido. Durante pelo menos vinte minutos, Nicholai seguiu pingos escuros através de um longo bloqueio, sobre cascalho e asfalto, grama e escombros, e ainda não tinha avistado o homem morrendo.

Talvez morrendo seja uma palavra muito forte, considerando...

Nicholai tinha planejado desistir caso não achasse o líder de pelotão em alguns minutos, porém quanto mais procurava, mais determinado ficava. Ele acabou ficando nervoso, também – como Mikhail ousa fugir de sua justa punição? Quem ele pensava que era, desperdiçando o precioso tempo de Nicholai? Para frustrá-lo ainda mais, Mikhail tinha coberto uma grande distância e estava levando Nicholai de volta ao centro da cidade; outro quarteirão e já estaria no R.P.D. de novo.

Nicholai abriu outra porta, vasculhou outra sala e suspirou. Mikhail devia saber que estava sendo seguido – ou simplesmente não tinha o bom senso para cair e morrer. De qualquer modo, não deveria, não poderia demorar muito agora.

Nicholai andou pelo pequeno e arrumado escritório, aparentemente parte de uma garagem, os redondos pingos de sangue arroxeados sob o azul linóleo das lâmpadas enjauladas acima. Os pingos pareciam estar diminuindo; ou o ferimento estava fechando – improvável – ou Mikhail tinha achado tempo para cobrir

o ferimento.

Nicholai rangeu os dentes, retomando sua confiança. Ele se cansará, diminuindo, talvez procurando um lugar para descansar. Eu vi onde acertei, ele não irá muito longe.

Ele saiu para a escura e cavernosa garagem, o frio ar pesado com cheiro de gasolina e graxa – e algo mais. Ele parou e respirou fundo. Uma arma havia sido disparada recentemente, ele tinha certeza.

Nicholai moveu-se rápida e silenciosamente pelo caminho, esticando o pescoço perto de um furgão branco que bloqueava uma das fileiras de carros, e viu o que parecia ser um cachorro esparramado numa poça de sangue, seu estranho corpo na posição fetal.

Ele foi em sua direção, enjoado e assustado ao mesmo tempo. Eles o avisaram sobre os cães, o quanto rápido se infectavam, e sabia que estudos tinham sido feitos sobre sua viabilidade como armas na mansão de Spencer...

... e foram considerados perigosos demais quando se voltavam para seus manipuladores. Não podiam ser treinados e seu nível de decomposição era mais alto que o do outros organismos.

Verdade, o animal metade sem pele aos seus pés parecia e cheirava como um pedaço de carne crua exposta ao sol durante muito tempo. Acostumado com a morte do jeito que era, Nicholai ainda sentiu ânsia, mas continuou a estudar a criatura, certo de que o canino foi um alvo recente de tiros.

Certo o bastante. Dois buracos de entrada abaixo da amassada aba da orelha esquerda... mas não de uma M16, os buracos eram bem maiores. Nicholai recuou, franzindo. Alguém além de Mikhail Victor tinha passado por essa garagem na última meia hora, e

provavelmente não era um soldado da U.B.C.S., a não ser que tenha trazido armas próprias, um revólver talvez – Nicholai ouviu algo. Sua cabeça levantando, sua atenção voltada para a porta de saída, bem à frente, às duas horas. Um leve som de deslizamento, um humano infectado se esfregando na porta talvez – ou talvez um homem ferido, escorregando e morrendo contra a saída, exausto demais para continuar.

Nicholai foi para a porta, esperançoso – e sorriu com o som da voz de Mikhail, esforçada e cansada, flutuando através do velho metal.

“Não... saiam daqui!”.

Nicholai abriu a porta avidamente, arrancando o sorriso do rosto enquanto avaliava a situação. Uma grande área bagunçada, bloqueada, carros empilhados numa inútil barricada, mais dois cães mortos no chão.

Mikhail estava deitado perto do portão da garagem, parcialmente encostado na parede e tentando desesperadamente erguer seu rifle. Sua pálida face estava molhada de suor e suas mãos tremiam fortemente. A cinco metros dali, metade de uma pessoa estava se impulsionando na direção do condenado homem, arrastando-se com as pontas dos dedos rasgados, sua podre e assexuada face com um permanente sorriso.

Seu progresso era lento, porém constante; parecia que a parte debaixo do corpo -certamente com metade do sistema digestivo – não impedia o infectado de querer comer.

Será que eu banco o herói, salvando meu líder de ser devorado? Ou aproveito o espetáculo?

“Nicholai, me ajude, por favor...”. Mikhail falou roucamente, rolando sua cabeça para vê-lo, e Nicholai não resistiu. A idéia de

Mikhail ficar grato por ter salvado sua vida parecia extraordinariamente... divertida, por falta de um termo melhor.

“Agüente firme, Mikhail”. Nicholai disse forçadamente. “Eu cuidarei disso!”.

Ele arremeteu e pulou, descendo seu calcanhar no crânio do infectado, fazendo uma careta quando uma grande seção de seu escalpo deslizou umidamente do osso. Ele desceu o calcanhar de novo, e novo, e o ex-humano morreu com um grosso e despedaçado som de esmagamento, seus braços espasmando, seus dedos sem carne dançando levemente no asfalto. Nicholai virou, voltando e ajoelhando-se perto de Mikhail.

“O que aconteceu?”. Ele perguntou, sua voz pesada de preocupação enquanto olhava para o ensangüentado estômago de Mikhail. “Algum deles te pegou?”.

Mikhail balançou a cabeça, fechando os olhos como se estivesse exausto demais para mantê-los abertos.

“Alguém atirou em mim”.

“Quem? Por que?”. Nicholai fez o possível para parecer chocado.

“Eu não sei quem foi e porque? Eu pensei que alguém estivesse me seguindo, também, mas – talvez me confundiu com um deles. Um zumbi”.

Na verdade, isso não está tão longe da verdade...

Nicholai teve que conter outro sorriso; ele merecia um prêmio por sua atuação.

“Eu vi... alguns homens conseguiram escapar”. Mikhail suspirou. “Se conseguirmos chegar no local do resgate, chamar o

transporte...".

A Torre do Relógio St. Michael era o suposto local de resgate para onde os soldados deveriam levar os civis sobreviventes. Nicholai sabia da verdade – que uma equipe de reconhecimento desceria primeiro disfarçada de médicos de emergência, e nenhum helicóptero apareceria a não ser que a Umbrella desse a ordem. Sendo que os líderes estavam provavelmente mortos, Nicholai teve que imaginar se algum soldado sabia sobre o "resgate", mas não era importante para ele. Isso não afetaria seus planos.

Ele descobriu que não estava gostando daquele jogo tanto quanto imaginava. Mikhail confiava demais nas pessoas, era como caçar um cachorro amigável. Era quase vergonhoso olhar, também, o modo como se rendeu a dor...

"Eu não acho que esteja em condições de viajar". Nicholai disse friamente.

"Não é tão ruim. Dói como o inferno, e perdi um pouco de sangue, mas se conseguir recuperar o fôlego, descansar por alguns minutos...".

"Não, parece muito grave". Nicholai disse. "Mortal. De fato, eu acho – ".

Creeaak.

Nicholai parou de falar assim que a porta da garagem abriu perto deles, um lento movimento, e um dos soldados da U.B.C.S. apareceu, seus olhos iluminando-se ao vê-los, sua metralhadora abaixando – mas não muito.

"Senhores! Soldado Carlos Oliveira, esquadrão A, Pelotão Delta. Eu estou... caramba, como é bom ver vocês".

Nicholai acenou vaziamente, infinitamente incomodado

quando Carlos se agachou ao lado deles, checando o ferimento de Mikhail, fazendo perguntas idiotas. Ele estava noventa e nove por cento certo de que poderia matá-los antes que entendessem a situação, mas até um por cento era muito arriscado considerando o que estava em jogo. Ele teria que esperar... e talvez achar um jeito de usar as novas circunstâncias a seu favor.

E caso não... bom, pessoas dão as costas para seus amigos o tempo todo, não é? E nenhum deles tinha motivos para desconfiar de Nicholai.

Como era o ditado, sobre um obstáculo ser apenas uma oportunidade disfarçada? Tudo ficaria bem.

Capítulo 11

Jill parou no portão da Prefeitura, as duas jóias apertadas firmemente na mão suada. A área estava segura até onde podia ver, e o restaurante estava vazio; ela não sabia como, mas estava sendo perseguida, e queria ir embora.

Sua corrida pelos becos atrás do restaurante a haviam deixado sem fôlego e nem um pouco assustada. Ela quase tropeçou no corpo de uma criatura incomum, uma que não conseguia ver na escuridão – mas a silhueta de múltiplas garras penduradas foi o suficiente para mantê-la correndo. Não se parecia com nada que já tenha visto antes; isso e a inevitável perseguição de Nêmesis a deixou num suave pânico. Ela usou isso para dar velocidade a seus esforços, cuidando para não perder o controle. Ela sabia por experiência que manter contato com o instinto animal era vital para a sobrevivência; um pouco de medo era uma coisa boa, mantinha a adrenalina fluindo.

O relógio ornamental estava instalado sobre um bloco de pedra. Ela encaixou a jóia azul no lugar, o vidro em forma de diamante liberando um suave zumbido elétrico, o círculo de jóias piscando. O losango verde encaixou do mesmo jeito, completando o círculo. Houve um pesado rangido e os dois portões deslizaram, revelando um caminho cheio de sombras e envolto por cercas vivas.

Não parecia ruim de onde estava. Ela começou uma quieta caminhada, aguçando os sentidos. Frio, escuro, uma leve brisa que se movia prometendo chuva, agitando as folhas das árvores, gelando o suor de seu rosto e braços. Ela podia ouvir o distante gemido de um zumbi ecoando pelo ar, e viu o pálido reflexo de luz

lunar nas pedras do chão. Alerta, mas sem perceber perigo imediato, ela avançou mais, seus pensamentos voltados para Carlos Oliveira.

Ele estava falando a verdade sobre ser um dos contratados pela Umbrella e provavelmente não sabia do que a companhia era realmente capaz, mas também estava escondendo algo. Ele não mentia tão bem quanto achava, e sua aparente disposição para mentiras não pegou bem. Por outro lado, ele não parecia ser mau – talvez um mentiroso com boas intenções, ou pelo menos um que não queria mal. Ele provavelmente estava tentando ser cauteloso – fazendo o mesmo que ela. Seja qual for o caso, ela não tinha tempo para fazer maiores interpretações, e ficaria com a primeira impressão: ele era um dos mocinhos. Se isso fosse ajudá-la ou não, já era outra história; por enquanto, ela queria se aliar com qualquer um que não pretendia matá-la.

Mas eu deveria me juntar com alguém? E se ele ficar no caminho de Nêmesis, e – Como uma indireta, ela ouviu, uma malevolente coincidência que pareceu surreal, como uma piada mortal.

“Sstaarrss—”.

Por falar no demônio, ah, não, onde ele está? Jill estava quase no meio do pequeno jardim, onde os três caminhos se juntavam, e o som veio de algum lugar à frente – ou de trás? A acústica era estranha, o pequeno pátio adiante fazendo o som parecer vir de toda parte. Ela virou, procurando, mas a passagem atrás dela e as duas que saíam do pequeno pátio estavam cobertas de sombras.

Qual caminho... ela deu um passo no espaço aberto, ganhando mais acesso para fuga e espaço para manobrar, caso seja necessário.

Um sólido e pesado passo. Outro. Jill inclinou a cabeça – e lá, à

frente e à esquerda, no caminho que levava ao bonde. Um grosso escuro ainda fora de uma clara visão.

Volte, para o prédio da imprensa ou para a delegacia, não, não vai dar para despista-lo, mas ainda havia ao posto de abastecimento, tem uma porta de enrolar metálica e um monte de carros, melhor para se esconder – Adiante e à direita. Um plano simples era melhor do que nada, e não tinha tempo para considerar mais opções.

Jill decolou, seu leve bater de botas perdido sob um súbito estrondo, o crescente berro e o denso pisar de pés semi-sintéticos na passagem. Ela estava profundamente consciente de si, de seus músculos contraindo, do som de seu coração e respiração enquanto voava pelas pedras. Num instante, ela estava no pequeno portão que levava mais à norte, através de uma quadra cheia de carros abandonados depois de um posto de abastecimento/oficina, na direção de – Ela não lembrava. Se a rua estiver vazia, ela poderia ir na direção da região industrial da cidade, esperando não encontrar com um grupo de zumbis. Caso barricadas tenham sido erguidas – aí eu estou ferrada, mas de qualquer jeito já é tarde demais.

Ela deixou o resto de seu corpo bem treinado terminar o pensamento, rapidamente cruzando o portão e correndo em disparada para a relativa segurança de um labirinto de carros. Ela podia senti-lo vindo, e mergulhou nas sombras, entendendo seu lugar na caçada. Ela era a presa, ela tinha que ser tão evasiva quanto Nêmesis era determinado; se fizesse certo, ela sobreviveria e o monstro passaria fome. Se não conseguir...

Sem tempo, chega de pensar. A nêmese estava vindo. Jill correu.

No escritório do estacionamento, Carlos achou metade de uma garrafa com água, fita isolante e uma camisa social masculina,

ainda no pacote – o mais próximo de material esterilizado que conseguiriam ter. Ele imediatamente começou a fazer o que podia por Mikhail enquanto Nicholai olhava para os carros quebrados no escuro de metralhadora na mão. O pátio fora da garagem estava calmo exceto pela áspera respiração de Mikhail e o solitário berro de um distante corvo.

Carlos não sabia muito além de curativo simples, mas não achou que o ferimento estivesse tão ruim; a bala tinha atravessado o lado de Mikhail, não muito longe do osso da bacia; dois ou quatro centímetros para dentro e estaria ferrado, um tiro no fígado ou no rim seria morte garantida. Mesmo assim, seu intestino devia ter sido perfurado; isso provavelmente o mataria, mas com atenção médica, ele ficaria bem por enquanto.

Carlos limpou e cobriu o ferimento, comprimindo, amarrando tiras da camiseta em volta do tronco de Mikhail para pressionar. O líder de pelotão parecia estar agüentando a dor apesar de estar enjoado com a perda de sangue.

Pelo canto do olho, Carlos percebeu que Nicholai estava se movendo. Ele terminou de prender a atadura com fita e olhou para cima, viu que o líder de esquadrão havia tirado um computador portátil da mochila e estava digitando, seu olhar concentrado. Ele havia tirado o rifle do ombro e estava sentado perto de uma caminhonete amassada.

“Senhor – é, Nicholai, eu terminei”. Carlos disse, levantando. Mikhail tinha insistido para deixarem as formalidades de lado, dizendo que a situação demandava flexibilidade. Carlos tinha concordado apesar de ter achado que Nicholai não havia gostado muito; ele parecia ser do tipo que seguia o manual de instruções.

Mikhail, pálido e de olhos fundos, levantou-se apoiado nos cotovelos. “Você consegue usar essa coisa para chamar o resgate?”.

Sua voz foi fraca.

Nicholai balançou a cabeça, suspirando. Ele fechou o computador e o colocou na mochila. “Eu o achei na delegacia e pensei que fosse ser útil – listas de barricadas, talvez, ou mais informações sobre esse desastre”.

“Deu sorte?”. Mikhail perguntou.

Nicholai foi até eles, suas expressões negativas. “Não. Eu acho que nossa melhor opção é tentar chegar à torre do relógio”.

Carlos franziu. Trent havia falado sobre haver armas na torre do relógio, e que partir de lá, deveria continuar à norte; com o bonde da Jill e essa nova informação, ele se sentiu perseguido por coincidências. “Por que a torre do relógio?”.

Mikhail respondeu, falando suavemente. “Evacuação. É para onde nós deveríamos levar os civis e chamar os transportes. Os sinos do relógio estão programados para tocar por computador, um sistema que emite um sinal quando o programa está sendo usado. Nós tocamos os sinos e o helicópteros vem. Bonitinho, né?”.

Carlos imaginou por que ninguém tinha se preocupado em incluir essa pequena informação na reunião, mas decidiu não perguntar. Realmente não importava agora; eles tinham que chegar ao bonde. Ele não conhecia bem Nicholai, mas Mikhail não era ameaça, não em suas condições, e precisava chegar ao hospital. Trent falou que havia um não muito longe da torre do relógio.

Mas os olhos e ouvidos da Umbrella – Não. Suas histórias eram as mesmas que a dele; eles lutaram e viram seus colegas morrerem, se perderam, procuraram uma saída e acabaram aqui. Parece estranho ter mais duas pessoas envolvidas de repente. Trent o estava fazendo questionar os motivos de todo mundo agora, imaginando quem estaria envolvido na suposta conspiração da

Umbrella, preocupando-se com o que dizer e não dizer.

Além disso, a Umbrella ferrou eles também. Por que ajudariam os desgraçados que nos colocaram aqui? Trent pode estar dizendo a verdade, mas não está aqui. Eles estavam, e eu preciso deles. Nós precisamos deles. Jill não recusaria ter alguns soldados ao seu lado.

“Tem um bonde que podemos usar para sair daqui”. Carlos disse. “Direto para a torre do relógio, eu acho. Está perto, vai para oeste... e com todas aquelas coisas procurando por carne fresca – ”.

“Nós podíamos usá-lo para sair da cidade”. Nicholai interrompeu, acenando. “Considerando que os trilhos estejam desimpedidos. Ótimo. Você tem certeza de que está em condições para funcionar?”.

Carlos hesitou, e deu com os ombros. “Eu não cheguei a vê-lo. Eu encontrei uma – policial, eu acho, uma mulher, ela falou sobre ele. Ela estava a caminho de lá para ver, ela disse que esperaria por mim. Eu quis ver se conseguia achar mais alguém antes de partir”. Carlos quase se sentiu culpado em falar dela para eles, e percebeu que estava se deixando levar pelo papo de espião de Trent. Por que manter Jill em segredo? Quem se importa?

Mikhail e Nicholai trocaram um olhar e depois acenaram. Carlos estava agradecido. Finalmente um plano de verdade, um plano de ação. Pior do que ficar atolado na merda era ficar atolado na merda sem direções.

“Vamos”. Nicholai disse. “Mikhail, você está pronto?”.

Mikhail acenou, e juntos, Carlos e Nicholai o ergueram, suportando seu peso pela metade. Eles entraram na garagem e quase alcançaram o escritório quando Nicholai soltou um inofensivo palavrão e parou.

“O que?”. Mikhail fechou os olhos, respirando fundo.

“Os explosivos”. Nicholai disse. “Não acredito que esqueci porque tinha seguido esse caminho. Depois que achei Mikhail, eu acabei – ”.

“Explosivos?”. Carlos perguntou.

“É. Logo depois que os zumbis atacaram, e meu esquadrão – ”. Nicholai engoliu, obviamente tentando manter sua postura. “– depois que os zumbis atacaram, eu acabei num canteiro de obras na área industrial. Um prédio estava sendo demolido, eu acho, e haviam algumas caixas com avisos de explosivos. Havia um trailer trancado, eu ia arromba-lo mas outro bando deles apareceu”.

Ele encontrou o olhar de Carlos sinceramente. “Eles pensariam duas vezes antes de nos atacar se tivermos algumas dinamites RDX. Você acha que consegue chegar no bonde sem mim? Eu posso te encontrar lá”.

“Eu acho que não devemos nos separar”. Mikhail disse. “Teremos maiores chances se – ”.

“Se tivermos um jeito de mantê-los longe”. Nicholai completou a frase. “Nós não podemos ficar sem munição, não sem outra coisa de reserva. E há mais para se considerar, as criaturas...”.

Carlos não achava a idéia de se separar muito boa, também, mas ao se lembrar daquela coisa cheia de garras perto do restaurante – e aquele grande feón dentro do restaurante? Jill disse que viria atrás dela novamente...

“Tá bom”. Carlos disse. “Nós esperaremos no bonde”.

“Bom. Não vai demorar”. Sem mais palavras, Nicholai virou e andou rapidamente para fora da garagem.

Carlos e o pálido Mikhail se esforçaram em silêncio. Eles passaram pelo escritório e saíram na rua antes de Carlos perceber que Nicholai não tinha se preocupado em saber como chegar até o bonde.

Nicholai teria que resistir à vontade de verificar o computador quando saísse do alcance deles; ele tinha perdido tempo demais bancando o honesto líder de esquadrão com os dois soldados. Já tinha se passado dezenove minutos desde que o Capitão Davis Chan preencheu um relatório de status em um dos escritórios de vendas da Umbrella – a duas quadras da garagem – e se Nicholai tiver muita sorte, ele pode pegar Chan em ação, checando textos atualizados ou tentando entrar em contato com um dos administradores.

Nicholai correu por um beco cheio de panfletos, saltando sobre vários corpos espalhados, evitando os braços e cabeças caso não estejam mortos. E realmente, uma das criaturas estouradas no final do beco esticou-se e tentou agarrar sua bota esquerda. Nicholai pulou sobre ele sem problemas, sorrindo um pouco com o frustrado gemido. Quase tão patético quanto o de Mikhail.

Mas Carlos Oliveira. Mais esperto do que parecia, e definitivamente mais inteligente – não mais que ele, claro, e Nicholai vai querer matá-lo o quanto antes...

... ou não. Eu poderia poupá-lo completamente.

Nicholai cruzou uma porta de metal à direita e entrou em outro beco forrado de restos humanos, considerando suas opções enquanto corria. Ele não precisava ir para a torre do relógio, somente para o hospital – e não precisava pegar o bonde. Enganar Mikhail e Carlos era mais divertido, porém não uma necessidade. Ele até podia deixá-los viver, se assim escolhesse...

Ele sorriu, fazendo uma curva no sinuoso beco. Que graça isso teria? Não, ele queria ver a confiança nos olhos deles desmoronar, vê-los perceberem o quanto burros tinham sido – Tic tic tic.

Nicholai congelou, entendendo o som instantaneamente. Garras sobre pedra bem à frente, o quase gentil bater vindo das sombras acima à direita. A única luminária do local estava atrás dele na curva do beco, uma das fluorescentes de segurança barulhentas que mau tinha força para se manter; ele recuou até ela, os tics se aproximando rápido, a criatura ainda fora de visão.

“Mostre-se, então”. Ele resmungou, frustrado com outro problema de tempo. Ele tinha que chegar ao escritório de vendas antes que Chan desaparecesse, ele não tinha tempo para lutar com uma das aberrações da Umbrella, por mais que quisesse.

Tic tic tic.

Dois deles! Ele pode ouvir garras arranhando cimento à sua direita, onde tinha acabado de estar, ao mesmo tempo um infernal berro soou à sua frente, um som igual ao de loucura, como almas sendo rasgadas – e lá estava ele, gritando, saltando do escuro enquanto o outro o acompanhava na canção monstruosa.

Ouvindo tudo em estéreo, Nicholai viu as garras em forma de gancho erguerem-se de um deles, as proeminentes e babantes mandíbulas, os brilhantes olhos de inseto, e sabia que o outro estava a apenas um segundo atrás de seu irmão, preparando-se para saltar enquanto o primeiro ainda pousava.

Nicholai abriu fogo, o chocalho da metralhadora perdido sob os gritos dos gêmeos, as balas achando o destino no primeiro, seu grito mudando enquanto contorcia-se até parar a três metros de distância, buracos sangrentos surgindo em seu negro exoesqueleto como flores abrindo explosivamente. Tal como o primeiro, o

segundo se contorceu até cair imóvel, seu agudo berro virando gargarejo até o silêncio.

Nicholai ficou de pé, abatido, incerto sobre a espécie – ou era o brain sucker (sugador de cérebro) ou o mais anfíbio deimos, outro cheio de pernas da família. Ele esperava mais ferocidade e método de ataque, mas não tinha entendido como haviam sido tão rápidos.

Se eu estivesse um segundo atrasado...

Sem tempo para imaginar, ele estava com pressa. Ele avançou, passando rapidamente pelos escuros e ensangüentados membros espalhados, correndo assim que passou.

A cada passo mais longe das criaturas mortas, ele sentia sua compostura voltar, sentia uma descarga de realização esquentá-lo por dentro. Eles foram rápidos, mas ele foi mais – e com tais monstros soltos na cidade, ele não teria que se preocupar com Carlos, Mikhail ou ninguém escapando do destino. Se não conseguir fazer com as próprias mãos, ele podia ter certeza de que seus camaradas certamente virariam presas de uma dezenas de horrores, seus reflexos inadequados falhando, a falta de habilidade assegurando suas mortes.

Nicholai apertou a pega da M16, uma onda de elevação adicionando velocidade a cada passo. Raccoon não era um lugar para os fracos. Ele não tinha o que temer.

Capítulo 12

A porta de aço que protegia a entrada da loja de conveniências estava abaixada e trancada, mas Jill havia conseguido entrar pela oficina, chegando na loja por uma porta lateral. Era uma boa loja, bem protegida contra ladrões e certamente contra zumbis – mas Jill não tinha dúvidas de que se Nêmesis quisesse entrar, nada o impediria. Ela só tinha que esperar que não a tivesse seguido até lá...

... apesar de fazer isso muito bem.

Jill não tinha idéia. Ele sentia seu cheiro? Talvez não, considerando sua caminhada cuidadosa e sem respiros até o posto; ela tinha pulado de sombra em sombra, ouvindo o barulhento e desajeitado progresso de Nêmesis enquanto procurava por ela no meio do monte de carros abandonados. Se perseguisse pelo cheiro, já a teria pego... mas como sabia quem ela era, especificamente? Se uma mulher de seu tamanho entrasse no caminho, seria confundida com Jill?

Jill andou pela oficina bem iluminada, suas botas fazendo barulhos molhados sobre o chão grudento de óleo, seus pensamentos bem longe enquanto reconhecia o local e checava as portas. Ela não sabia como Nêmesis foi programado para achar e matar os S.T.A.R.S., ou porque parecia interromper a perseguição às vezes; com Brad morto, ela era o único membro do S.T.A.R.S. ainda em Raccoon.

A não ser... Irons, o chefe da polícia, já foi um membro da equipe B uns vinte anos atrás, e provavelmente ainda estava na cidade...

Jill balançou a cabeça. Ridículo. Chris tinha conseguido informações o suficiente para ter quase certeza de que Irons estava trabalhando para a Umbrella, do mesmo jeito que suspeitava do misterioso Sr. Trent – a diferença era que Trent parecia querer ajudá-los, enquanto Irons era um corrupto que não se importava com ninguém além de si mesmo. Se Irons estiver na lista de Nêmesis, Jill até ficaria de acordo.

Da oficina, ela entrou num tipo de combinação entre escritório e sala de descanso – uma máquina de soda, uma pequena mesa com algumas cadeiras e uma escrivaninha bagunçada. Jill tentou o telefone a princípio, ouvindo o sinal mudo que esperava.

"Agora é só esperar, eu acho". Ela disse para ninguém, encostada no balcão. Se Nêmesis não aparecer em alguns momentos, ela sairia de novo e voltaria para o bonde. Ela imaginou se Carlos já estava lá, e se achou algum sobrevivente de seu pelotão – como era mesmo? Umbrella Bio-Hazard alguma coisa. Provavelmente uma de suas ramificações semi-legítimas; seria bom para relações públicas, assim que as notícias sobre Raccoon vazassem.

A administração da Umbrella seria capaz de apontar para sua força tarefa especial e dizer à mídia o quanto rápido agiu ao saber do acidente.

Exceto que não chamará de acidente, porque isso significaria negligência de sua parte; com certeza já arrumaram um bode expiatório pronto para ser crucificado, algum desafortunado empregado a ser culpado pela morte de milhares...

Não se ela puder ajudar, não se seus amigos puderem ajudar; de um modo ou de outro, a verdade viria à tona.

Tinha que vir.

Jill reparou em algumas ferramentas – um conjunto de chaves inglesas, pés-de-cabra – e percebeu que seria útil levar algumas coisas para o bonde. Não seria bom chegar lá e acabar precisando de uma chave-de-fenda ou coisa do tipo, algo de que precisassem buscar lá. Ela não sabia nada sobre mecânica, talvez Carlos tivesse mais experiência – Thump! Thump! Thump!

Jill se agachou atrás do balcão assim que ouviu as lentas e pesadas batidas na porta da oficina, persistentes e constantes.

Nêmesis. Não, as pancadas eram altas mas não poderosas, ou eram humanas ou – "Uuhh". O gentil choro de fome foi filtrado pela porta, acompanhado por outro, depois um terceiro, depois um coral. Contaminados, e parecia um grande grupo deles. Qualquer alívio que sentiu ao perceber que não era Nêmesis, se foi; uma dúzia de zumbis socando a porta como se houvesse uma placa escrita com néon dizendo COMIDA BOA.

E como exatamente vou sair daqui agora.

O simples plano de se esconder até Nêmesis ir embora foi arruinado. Ela precisava de outro plano, de preferência um que tivesse mais do que alguns segundos para estudar.

Então pense em algo já. A não ser que queira sair e bater em todo mundo.

Jill suspirou, o baixo nó de enjôo em seu estômago tão constante que já nem reparava mais. Lá fora, os apodrecidos infectados continuavam gemendo, batendo desesperadamente na porta.

É melhor rever suas opções; ela só tinha alguns minutos para gastar.

Eles chegaram ao bonde sem problemas.

Carlos estava sentindo-se esperançoso quando entraram na área da estação, iluminada por uma grande massa de escombros em chama de um lado – nenhum zumbi, nenhum monstro, e Mikhail não parecia estar piorando. O portão da Prefeitura estava aberto, várias jóias acopladas em algum tipo de relógio num pedestal ao lado. Carlos esperava que ela conseguisse, mas ainda assim era um alívio.

“Lá está”. Mikhail disse, e Carlos acenou torcendo o nariz quando uma corrente de fumaça cheirando podridão passou por eles. À direita deles estava uma grandiosa e antiga construção, ou era a estação de bonde ou o suposto prédio da Prefeitura. À frente, depois de um monte de caixas que bloqueavam o caminho, estava o bonde já fora de moda, sua pintura vermelha levemente desbotada. Assim que se aproximavam, Carlos pôde ver que um segundo vagão estava engatado, quase todo escondido na sombra da marquise do prédio.

Jill provavelmente estava esperando por eles. Carlos empurrou algumas das caixas para o lado com a perna, Mikhail encostado contra a parede da estação.

“Quase lá”. Carlos disse.

Mikhail sorriu fracamente. “Aposto como ficará agradecido quando colocar o meu traseiro num assento”.

“Ficaria mais colocando o meu próprio. Uma passagem só de ida fora daqui”.

Mikhail conseguiu uma risada. “Eu ouvi”.

Eles andaram sob a marquise, Carlos procurando movimento através das janelas de ambos os vagões. Ele não viu nada; pior, ele não sentiu nada. O lugar parecia totalmente deserto, quieto e sem vida.

Espero que não esteja cochilando aí dentro, Jill Valentine.

A porta deslizante do primeiro vagão estava trancada; para alívio mútuo, a do segundo não. Depois de vasculhar o vagão por entro para ter certeza de estar vazio, Carlos ajudou Mikhail a subir, deitando-o num assento sob a janela. Assim que o líder de pelotão deitou, pareceu desmaiar.

“Eu vou checar o outro vagão e ver se consigo acender as luzes”. Carlos disse, Mikhail gemeu em resposta.

Sem novidade, Jill não estava no outro vagão, mas Carlos achou o controle elétrico perto do assento do condutor. Ao apertar um botão, uma fileira de luzes acima acendeu, iluminando um velho chão de madeira e assentos de vinil vermelho ao longo da lateral.

“Onde está você, Jill?”. Carlos sussurrou, sentindo uma verdadeira preocupação por ela. Se algo aconteceu, ele se sentiria um pouco responsável por não tê-la acompanhado ao restaurante.

Mikhail estava quase inconsciente quando Carlos o verificou, mais para sono do que para coma. Até um médico olhar o ferimento, descanso era provavelmente o melhor para ele.

Havia um painel de controle na parte de trás do último vagão, e Carlos se ajoelhou para examinar. Seu coração caiu quando descobriu ser parte de um sistema primário de energia, e que alguns componentes estavam faltando. Ele não sabia nada sobre bondes, mas não precisava ser gênio para saber que uma máquina não funcionaria se os cabos fossem arrancados, principalmente em um sistema tão antigo. Parecia estar faltando um fusível também.

“Hijo de la chingada” . Ele cochichou e ouviu uma frágil risada.

“Eu sei espanhol o suficiente para saber que você não deveria

beijar a sua mãe com essa boca". Mikhail disse.

"O que foi?".

"Está faltando um fusível". Carlos disse. "E esses circuitos foram encurtados. Teremos que arrumar isso para fazer essa coisa andar".

"À nordeste daqui...". Mikhail começou, e parou para respirar um pouco antes de continuar. "Tem um posto de gasolina. Loja de reparos. Era um dos pontos de referência no... mapa da cidade, antes dos subúrbios.

Provavelmente deve haver equipamento lá".

Carlos pensou nisso. Ele não queria deixar Mikhail sozinho, Jill ou Nicholai podia aparecer a qualquer minuto...

... mas não iremos à parte alguma sem um cabo de energia e um fusível de alta voltagem, e Mikhail está escorregando por um abismo; que escolha eu tenho?

"Está bem". Carlos disse suavemente, indo até Mikhail. Ele olhou para baixo, preocupado com a cor de suas bochechas, o oleoso suor em seu pálido rosto. "Acho que vou até lá – quer ir comigo?".

"Ha ha". Mikhail sussurrou. "Tenha cuidado".

Carlos acenou. "Tente dormir um pouco. Se alguém aparecer, diga que já volto".

Mikhail já estava começando a cochichar. "Claro". Ele falou.

Carlos certificou-se de que o rifle de Mikhail estava carregado, e colocou perto do assento acolchoado, à fácil alcance. Ele olhou em volta procurando algo para dizer, palavras de conforto, e finalmente apenas virou e foi para a saída. Mikhail não era burro, ele sabia

quais eram os riscos.

Sua vida e outras coisas.

Carlos respirou fundo e abriu a porta, rezando para o posto não estivesse longe demais.

Chan não estava lá e não havia como saber para onde tinha ido, Nicholai o perdeu por alguns minutos. O computador de onde aparentemente reportou ainda estava quente, o vidro do monitor arrepiando de eletricidade estática. Impulsivamente, Nicholai ergueu o monitor e o arremessou pela sala, mas não ficou satisfeito com sua mundana explosão de vidro e plástico barato. Ele queria sangue. Se Chan voltasse para o escritório, Nicholai bateria nele severamente antes de tirar sua vida.

Ele caminhou pelo pequeno e bagunçado escritório, enfurecido. Ele me atiça com sua ignorância. Ele é tão burro, tão distraído, como pode ser tão inferior e ainda estar vivo? Nicholai sabia que não era um pensamento estritamente racional, mas estava furioso com Chan. Davis Chan não merecia ser um Watchdog, ele não merecia viver.

Gradualmente, Nicholai se controlou, respirando profundamente, forçando a si mesmo a contar até cem em pares. Ainda era o começo do jogo. Além disso, o plano de Nicholai dependia da posse das informações que a Umbrella queria – e se pretendia roubar essas informações, deveria dar algum tempo para os outros Watchdogs as coletarem. Os relatórios de campo diários eram apenas um resumo de condições e contagem de corpos, usados mais como marca-ponto; conteúdo de verdade estaria sendo armazenado em discos, transcritos de documentos achados ou recolhidos dos arquivos de alguém, somente reportados se o Watchdog considerar de extrema importância.

E... enquanto eu espero, posso encontrar com meus companheiros no bonde.

Nicholai parou de andar, percebendo que tinha gostado de enganar Carlos e Mikhail. De alguma forma, ter um a mais no jogo o tinha tornado mais interessante. Será que eles suspeitaram? O que estavam falando sobre sua repentina partida? O que pensavam dele?

E como seria presenciar a lenta e crucial perda de vida de Mikhail, vê-lo perder sua capacidade de raciocinar enquanto o jovem protagonista, Carlos, luta ingenuamente para entender as estranhezas? Nicholai podia desativar o mecanismo dos sinos ao chegarem na torre do relógio... talvez voluntariar-se corajosamente a procurar o hospital e trazer suprimentos – Nicholai riu de repente, um áspero latido na quieta sala. Ele tinha que matar o Dr. Aquino – o cientista que deveria reportar do hospital, o mesmo que trabalhava com a vacina – de qualquer forma, ele sabia que Aquino fora ordenado a destruir o hospital antes de sair de Raccoon, eliminando as evidências de sua pesquisa. E também havia uma espécie orgânica específica guardada no hospital cuja Umbrella decidiu abandonar, a série Hunter Gamma. Sendo assim, a destruição do hospital significaria cumprir dois objetivos pelo preço de um.

Parecia que os HG não eram efetivos em custo, apesar de ter havido uma séria discussão sobre destruir ou não os protótipos. Se Nicholai pudesse atrair Carlos para combater um deles, teria valiosas informações de sua autoria para vender... e ele também estaria cumprindo dois objetivos com apenas uma ação.

Tudo surgiu de uma vez, havia um tipo de simetria nisso tudo. Ele abandonaria esse plano caso algo desse errado, claro, ou se achasse que não combinaria com seus objetivos. Ele não era idiota –

mas ter um projeto para ocupar seu tempo livre o impediria de ficar frustrado demais.

Nicholai virou e foi para a porta, impressionado com a própria indulgência. Raccoon City era como um reino assombrado onde ele ditava as regras, capaz de fazer como quisesse – tudo o que quisesse. Mentir, matar, banhar-se na glória da derrota de outro homem. Era tudo seu por submeter-se, e com uma recompensa no final.

Nicholai voltou a se sentir como ele mesmo. Era hora de jogar.

Capítulo 13

Jill tinha finalmente decidido abrir a porta metálica de enrolar quando ouviu tiros lá fora, o alto e intenso barulho de uma metralhadora. Dizer que estava aliviada era pouco; as incansáveis pancadas dos mortos lá fora estiveram devorando seus nervos, quase a fazendo atirar em si mesma, só para não ouvi-los mais – e agora, em questão de segundos, o silêncio retornou.

Ela foi rapidamente para a porta lateral até a oficina, andando abaixada na ponta dos pés sob um carro vermelho em cima de um elevador hidráulico, encostando seu ouvido no fino metal. Tudo estava quieto, os infectados certamente mortos – Bam-bam-bam!

Jill se jogou para trás assim que alguém socou a porta, seu coração contendo-se.

“Ei, tem alguém aí dentro? Os zumbis estão mortos, pode abrir agora!”.

O sotaque era inconfundível; Carlos Oliveira. Aliviada, Jill girou a trava, anunciando-se enquanto erguia a porta.

“Carlos, aqui é Jill Valentine”.

Ela estava feliz em vê-lo, e o olhar no rosto dele era tão sinceramente animado que quase se sentiu tímida de repente. Ela se afastou da porta para que ele pudesse entrar.

“Que bom que você está bem, quando não te achei no bonde pensei...”. Carlos parou de falar, o que havia “pensado” obvio demais. “Bom, é muito bom vê-la de novo”.

Sua aparente séria preocupação por ela foi uma surpresa, e não

sabia como responder – com irritação, por estar sendo protegida? Ela não se sentia irritada. Ter alguém interessado em seu bem estar, principalmente considerando o tipo de caos no qual estava, era – - até que bom.

O fato de alguém ser alto, moreno e bonito também não era algo tão ruim, né? Jill instantaneamente derrubou o pensamento. Verdade ou não, era uma questão de sobrevivência; eles podiam se olhar mais tarde, se sobreviverem juntos.

Carlos não pareceu notar seu leve desconforto. “Então, o que está fazendo aqui?”.

Jill deu um leve sorriso. “Eu fiquei encurralada. Não me diga que viu o monstro de Frankenstein vagando lá fora?”.

Carlos franziu. “Você viu ele de novo?”.

“Ele não, aquilo. Aquilo se chama Tyrant, se é o que eu acho ser – talvez uma variação. Bio-sintético, extremamente forte e difícil de matar. E parece que a Umbrella descobriu como programá-lo para uma tarefa específica – nesse caso, me matar”.

Carlos olhou cético. “Por que você?”.

“É uma longa história. Resumindo, eu sei demais. Em todo caso, eu estava me escondendo aqui, e – ”.

Carlos terminou para ela. “Mas uma gangue de zumbis apareceu e não te deixou partir, certo?”.

Jill acenou. “E você? Você disse que conseguiu achar o bonde, e o que faz aqui?”.

“Eu encontrei outros dois caras da U.B.C.S. um deles levou um tiro e ainda está vivo, mas não muito bem.

Mikhail. Nicholai – o outro – sabia onde achar explosivos,

então eu e Mikhail fomos para o bonde esperá-lo.

Parece que há um resgate aguardando, se conseguirmos chegar na torre do relógio e tocar os sinos. Nós tocamos os sinos, os helicópteros vêm".

Ele percebeu as expressões de Jill e balançou o ombro, sorrindo.

"É, eu sei. É algum tipo de sinal computadorizado, eu não sei como funciona. São boas notícias exceto pelo bonde não estar funcionando, precisamos de algumas coisas – um cabo de energia e um daqueles fusíveis antigos, para começar. Mikhail disse que havia uma loja de reparos por aqui; ele é um dos líderes de pelotão, ele deu uma olhada no mapa antes de pousarmos...".

Carlos franziu, depois acenou para si mesmo como se resolvesse algum quebra-cabeça. "Nicholai deve ter visto um mapa também, isso explicaria porque não precisou de direções".

"Carlos, Mikhail, Nicholai – a Umbrella não discrimina nacionalidades, não é?". Jill fez a piada fora de hora, mais para encobrir um profundo senso de insegurança. Ela achava Carlos de bom coração, mas os outros dois soldados da Umbrella, um deles líder de pelotão – quais eram as vantagens de ter três caras que foram enganados pelo seu empregador? A Umbrella era o inimigo, ela tinha que ter isso em mente.

Carlos já estava andando, sua atenção voltada no carro erguido. "Se estavam revirando a parte elétrica deveria haver... ali, é aquilo que estou procurando!".

Parecia que Carlos tinha visto o cabo que queria, um emaranhado de cordas e arames sob o capô do carro, alguns deles conectados numa máquina que Jill não conhecia, e outros sobre o chão oleoso.

“Cuidado!”. Jill disse, indo até lá enquanto ele se esticava para pegar um dos cabos, verde escuro. Ela tinha uma desconfiança instintiva de aparelhos elétricos, e acreditava que pessoas que mexiam com essas coisas estavam querendo ser eletrocutadas.

“Não esquenta”. Carlos disse descontraído. “Só um verdadeiro baboso deixaria qualquer um desses ligados na – ”.

Crack!

Uma faísca branca-alaranjada foi cuspida da ponta de um dos cabos no chão, alto e brilhante, tão explosiva quanto um tiro. Antes que Jill pudesse respirar, o chão de cimento estava em chamas – não houve crescimento gradual nem senso de expansão, simplesmente começou a flamejar, as chamas a sessenta, noventa centímetros de altura, e aumentando.

“Por aqui!”. Jill gritou, correndo para a porta lateral, o fogo alimentado pelo óleo jogando calor contra sua pele nua. Quando atingir o tanque de combustível do carro, vai explodir, nós temos que sair daqui – Carlos estava logo atrás dela, e enquanto corriam pelo escritório, Jill sentiu seu sangue gelar. Dane-se o carro, ele não seria nada se comparado ao que aconteceria se o fogo atingisse os tanques subterrâneos do posto.

Havia uma corrente na polia ao lado da porta de aço que bloqueava a porta da frente. Jill correu para ela, mas Carlos estava um passo à frente. Ele soltou a corrente e puxou, mão após mão, a porta erguendo-se vagarosos centímetros para cima junto com o frenético bater de articulações metálicas.

“Agache e engatinhe”. Carlos disse, gritando para ser ouvido sobre o barulho da porta e sobre as ondas de fogo espalhando-se pela loja.

“Carlos, os tanques externos – ”.

“Eu sei, agora vai!”.

A ponta da porta estava a quase cinqüenta centímetros do chão. Jill desceu, agachando-se contra o frio chão, gritando para Carlos antes de se arrastar para fora.

“Pode parar, está bom o bastante!”.

E ela passou, ficando de pé e virando para agarrar a mão de Carlos e levantando-o. Dentro da loja, algo explodiu, um abafado whoop, talvez um botijão de gás ou aquele armário cheio de óleo automotivo, Jesus, eu devo estar amaldiçoada, as coisas não param de explodir perto de mim – Carlos agarrou seu braço, tirando-a de seu estado de choque. “Vamos!”.

Não precisou dizer duas vezes. Com a crescente luz tocando as janelas da loja, iluminando os corpos de laranja, pelo menos oito infectados, ela correu, Carlos ao seu lado. O engarrafamento estava ruim, a rua estava obstruída, nenhum caminho livre para conseguirem a tempo. Jill pôde sentir os segundos voarem enquanto corriam pelo labirinto de ferro-velho e vidro quebrado. A primeira explosão de verdade e o som de janelas estilhaçando esteve muito perto, eles ainda não estavam longe o bastante, mas tudo o que podiam fazer era o que estavam fazendo – além de estarem rezando para que o fogo não chegasse aos tanques de alguma forma.

Talvez devêssemos nos proteger, talvez estejamos fora do raio de explosão e – Por algum motivo, ela não ouviu – ou sim, ela ouviu uma repentina e total ausência de som. Concentrada demais em costurar o silencioso trânsito na escuridão, a circulação de sangue em seus ouvidos, o tempo passando, talvez. Tudo o que sabia era que estava correndo, e depois houve uma gigante onda de pressão que a impulsionou para frente, erguendo-a ao mesmo tempo, a lateral de uma caminhonete batida se aproximando rapidamente e Carlos gritou algo – e depois não houve nada além de escuridão,

nada além de um distante sol que corria pelos cantos de sua escuridão, enviando-lhe sonhos de furiosa luz.

Mikhail estava afundando, descendo num febril delírio que certamente o mataria. Tudo o que conseguiu ouvir do condenado homem foi que Carlos havia ido pegar algumas coisas para consertar o bonde e que voltaria logo. Se tivesse mais, Nicholai teria que esperar – até a febre de Mikhail passar ou Carlos voltar, nenhuma das opções parecia boa. Mikhail só iria piorar, e a profunda e estrondosa explosão que agitou o chão sob o bonde, que tinha lançado um relâmpago no céu noturno à norte, sugeria que tinha acontecido um incêndio no posto de gasolina – não necessariamente culpa de Carlos, mas Nicholai suspeitava que sim, e que Carlos Oliveira tinha virado churrasco.

O que significa que terei de achar um cabo de energia sozinho se quiser carona para o hospital.

Irritante, mas não tinha outra escolha. Nicholai tinha achado uma caixa de fusíveis e um galão de 20 litros de óleo mixado, mais do que suficiente para levar o bonde até o hospital – mas nenhum cabo, nenhuma fiação que pudesse completar os circuitos. Nicholai imaginou porque Carlos não procurou na sala de manutenção da estação, e decidiu que foi por falta de imaginação.

“Não, não, não pode – atirem! Atirem à vontade, eu acho... eu acho...”.

Nicholai levantou o olhar da inspeção no painel de controle do bonde, curioso, mas seja lá o que Mikhail disse foi perdido assim que retornou ao seu problemático sono, o velho assento rangendo com seus pesados movimentos. Era patético. Ele podia ao menos ter dito algo interessante.

Nicholai ficou de pé e se espreguiçou, virando para a porta. Ele

já tinha adicionado óleo no rudimentar tanque do motor, mas tinha pego o fusível errado. Ele pegaria outro ao voltar para o centro, provavelmente todo o caminho até a mesma garagem maldita onde havia perseguido Mikhail; ele tinha visto algumas prateleiras de equipamento lá. Ir e voltar estava ficando cansativo, mas pelo menos a maioria dos canibais do caminho já tinham sido mortos, e não demoraria muito – e quando retornasse, recompensaria a si mesmo contando à Mikhail quem foi o responsável por sua iminente morte.

Ele saiu para a área de embarque, pensando vagamente onde passaria a noite quando viu duas figuras cambaleando na direção do bonde, suas formas meio escondidas na vasta luz de uma barricada em chamas no canto nordeste do pátio. Ao se aproximarem, viu que Carlos tinha conseguido escapar da morte e trazido uma mulher consigo, certamente a mesma que o informou sobre o bonde. Ambos estavam chamuscados, suas peles avermelhadas e borradas de cinzas; talvez não estivessem tão longe do local da explosão...

... e mais uma vez, que comecem os jogos!

“Carlos! Você está ferido? Algum de vocês?”. Ele avançou para que pudessem vê-lo melhor, seu rosto profundamente preocupado.

Carlos estava obviamente feliz em vê-lo. “Não, eu – ambos estamos bem, só um pouco detonados. O posto pegou fogo e explodiu. Jill apagou por um minuto ou dois, ela está...”.

Carlos subitamente limpou a garganta, acenando para a mulher. “É, Jill Valentine, este é o Sargento Nicholai Ginovaef, U.B.C.S.”.

“Só Nicholai, por favor”. Ele disse, e ela o olhou, suas expressões ilegíveis. Parecia que a Senhorita Valentine não estava interessada em fazer amigos. Isso o agradou, apesar de não saber

porque. Ela carregava um revólver .357 na mão e o que parecia uma 9mm presa na cintura de sua mini-saia extremamente justa.

“Nós estamos em dívida com você por ter dito à Carlos sobre o bonde. Você está com a polícia?”. Nicholai perguntou.

O olhar de Jill estava fixado no dele, não houve como negar o tom desafiador em sua resposta. “A polícia está morta. Eu estou com o S.T.A.R.S., Esquadrão de Táticas Especiais e Resgate”.

Ora, ora, que ironia. Imagino se já se encontrou com a pequena surpresa da Umbrella... Se tivesse, provavelmente não estaria de pé na frente dele; a não ser que não estivesse funcionando bem, um Tyrant podia dividir um homem adulto em dois sem usar um quarto de sua força. Alguém como Jill Valentine não teria chances contra algo bem mais avançado como o novo brinquedo da Umbrella que foi programado para aparecer.

Nicholai ficou agradecido com a estranha coincidência de conhecer um membro do S.T.A.R.S.; fez parecer como se tudo estivesse em ordem, como se seus pensamentos estivessem refletindo no mundo à sua volta...

“Como está Mikhail?”.

Nicholai desviou do direto olhar de Jill para responder à Carlos, não querendo parecer combativo. “Não muito bem, eu acho. Nós devemos partir o mais rápido possível. Você achou algo útil? Mikhail disse que você foi pegar algumas coisas para arrumar o bonde”.

“Já era, queimou tudo”. Carlos disse. “Acho que teremos de—”.

“Você conseguiu os explosivos?”. Jill interrompeu, ainda o encarando cuidadosamente. “Onde estão?”.

Não muito hostil, mas quase; nenhuma surpresa, considerando

a situação. O problema com os S.T.A.R.S. era que tinham descoberto informações sobre as verdadeiras pesquisas da Umbrella na mansão de Spencer. Eles perderam a credibilidade mais tarde, claro, mas a Umbrella vem tentando se livrar deles desde então.

Se todos forem tão desconfiados como ela, está explicado porque a Umbrella não conseguiu.

“Não havia explosivos”. Ele disse devagar, de repente decidindo pressioná-la um pouco, para ver o quando era franca. “Tudo o que encontrei foram caixas vazias. Sra. Valentine, há algo te incomodando? Você parece... tensa?".

Ele deliberadamente deu um agudo olhar para Carlos, como se estivesse bravo por ter trazido uma mulher tão desconfiada. Carlos ficou corado e se manifestou rapidamente, tentando mudar de assunto.

“Acho que todos nós estamos no limite, e a coisa mais importante agora é Mikhail. Nós temos que tirá-lo daqui”.

Nicholai segurou o olhar de Jill mais um pouco e acenou, voltando sua atenção para Carlos. “De acordo. Se você puder conseguir o cabo, eu vou ver o que posso fazer sobe o fusível – há uma central elétrica não muito longe daqui, vou procurar lá. Na garagem onde achamos Mikhail, tenho certeza que vi cabos de bateria, nos encontraremos aqui em meia hora”.

Carlos acenou. Nicholai ignorou o aceno de Jill, endereçando-se à Carlos. “Bom. Eu verei Mikhail antes de ir.

Movam-se”.

Ele virou na direção do bonde como se tudo estivesse resolvido, parabenizando-se em silêncio enquanto subia.

Eles iriam buscar o cabo para ele enquanto tudo o que

precisava fazer era subir alguns degraus na estação e abrir uma caixa.

O que significa que tenho muito tempo de sobra. Fico imaginando o que falarão de mim em minha ausência... talvez ele os encontre na volta, os observaria por um minuto ou dois antes de aparecer.

Nicholai andou até onde Mikhail dormia e sorriu para ele, satisfeito. As coisas estavam ficando interessantes, finalmente. Carlos estava trabalhando para ele, Mikhail na porta da morte, e a adição da mulher do S.T.A.R.S. tinha engordado a trama. Ele olhou pela janela do bonde e viu que os dois tinham ido, desaparecendo no escuro.

Jill Valentine desconfiava dele, mas só pelo que sabia sobre a Umbrella; ele tinha certeza de que ela se acalmaria, dado o tempo certo.

“E se não o fizer, eu a mataria junto com o resto de vocês”. Ele disse suavemente.

Mikhail soltou um leve suspiro de sofrimento mas continuou dormindo, e depois de um momento, Nicholai saiu silenciosamente.

Capítulo 14

Apesar de terem muito que conversar, Jill não teve vontade, nem Carlos. Eles tinham que pegar um cabo de força, voltar para o bonde, e não morrer durante o processo – não é exatamente a hora de bater papo, mesmo se as ruas parecessem seguras. E depois de quase terem morrido, eles apenas correram da estação, Carlos não podia imaginar conversa.

Sobre o que falaríamos, afinal? Sobre o tempo? Sobre quantos de seus amigos estão mortos? Que tal se aquele monstro irá ou não aparecer e matá-la, ou talvez sobre a lista dos dez motivos pelos quais não gosta de Nicholai...

Jill estava obviamente desconfortável com Nicholai – quase que certamente por seus sentimentos pela Umbrella – e Nicholai não devia gostar muito dela também, apesar de Carlos não ter certeza do porquê; o líder de esquadrão foi perfeitamente educado, e até animado. Carlos gostou da atitude de Jill, desconfiada e desafiadora, apesar desse atrito tê-lo deixado um pouco ansioso. Por mais clichê que fosse, eles precisavam ficar juntos se quisessem sobreviver.

De qualquer jeito, Jill não estava se voluntariando a discutir seus sentimentos sobre o assunto, e Carlos estava ocupado debatendo consigo mesmo se dizia ou não aos outros sobre Trent, e ambos estavam protegendo o próprio traseiro. Eles andaram em silêncio do bonde para o centro da cidade e estavam quase na garagem quando viu alguém que conhecia.

O corpo estava encostado no canto de um sinuoso beco, não muito longe de dois grotescos corpos de criaturas da Umbrella que

Carlos viu duas vezes nas últimas horas, igual ao que tinha matado perto do restaurante; pela aparência do corpo, já estava lá há algum tempo – o que significa que Carlos também passou por ele sem perceber. Era muito triste perceber que nem olhava mais para seus rostos, e ficou surpreso com o sentimento.

"Ei, eu conheci esse cara". Carlos disse, agachando-se ao lado dele, tentando lembrar o nome – Hennessy?

Não, Hennings. Alto, cabelo escuro, uma fina cicatriz que ia do canto da boca até a bochecha. Um único tiro na cabeça, nenhum sinal claro de decomposição...

... e o que diabos está fazendo aqui?

Jill estava andando um pouco à frente de Carlos. Ela virou e voltou, olhando sorrateiramente para o relógio.

"Sinto muito sobre seu amigo, mas temos que ir". Ela disse gentilmente.

Carlos balançou a cabeça e começou a cutucar o corpo em busca de munição ou algum documento de identificação. "Não, não éramos amigos. Eu o conheci na base logo depois de ser contratado, ele trabalhava para outra unidade da U.B.C.S., eu acho. Ele era um ex-militar e definitivamente não veio para Raccoon conosco... hola, o que é isso?".

Carlos tirou um pequeno livro de couro da jaqueta de Hennings, e abriu. Um diário. Ele folheou até o final e viu que a última anotação estava datada do dia antes de ontem.

"Isso pode ser importante". Ele disse, levantando. "Tenho certeza de que Nicholai o conhecia, e vai querer ver isso".

Jill franziu. "Se é importante você deveria ler agora. Talvez ele... talvez ele mencione Nicholai ou Mikhail".

A última frase foi dita com mais cautela, e Carlos entendeu onde ela queria chegar, e não gostou muito. “Olha, Nicholai é meio orgulhoso, mas você não o conhece. Ele perdeu todo o seu esquadrão hoje, homens que provavelmente conhecia e trabalharam com ele por anos, então porque você não dá um tempo para ele?”.

Jill não se redimiu. “Por que você não lê o livro enquanto eu pego o cabo? Você quer dizer que esse cara era um tipo de agente, que trabalhava para a Umbrella e que tecnicamente não deveria estar aqui. Eu quero saber o que ele disse em suas últimas horas, você não?”.

Carlos olhou para ela e acenou relutantemente, deixando a tensão ir. Ela estava certa; se houvesse algo importante nas anotações de Hennings sobre o que estava acontecendo em Raccoon, poderia ser útil para eles.

“Tá. Pegue todos os cabos que achar e volte rápido, tá bom?”.

Jill acenou e se foi um segundo depois, desaparecendo nas sombras sem barulho. Incrível como era silenciosa; isso leva muito treino. Carlos já ouviu falar nos S.T.A.R.S., apesar de não saber muito sobre eles, sabia que eram bons; Jill Valentine certamente comprovou isso.

“Vamos ver o que você disse à si mesmo, Hennings”. Carlos murmurou, abriu o diário e começou a ler a última anotação.

Eu não sabia que seria assim. Eu devo tudo à eles, mas teria recusado isso se soubesse. É a gritaria, eu não agüento mais, e quem liga se meu disfarce foi descoberto. Todos morrerão, não importa. As ruas estão cheias de gritaria e isso também não importa.

Quando a companhia me salvou dois anos atrás, eles disseram que eu estaria trabalhando no lado escuro, o que para mim estava bom. Eu estava para ser executado e teria concordado com dez anos

limpando merda, e o que os representantes me disseram não parecia tão ruim – outros sentenciados e eu seríamos treinados para resolver problemas, lidando com os aspectos ilegais de suas pesquisas. Eles já têm sua organização legítima, algumas unidades paramilitares, o pessoal do risco biológico e uma boa equipe de proteção ambiental. Nosso trabalho seria arrumar a bagunça antes que muitas pessoas percebessem, e certificar que essas pessoas nunca tenham a chance de falar.

Seis meses de treinamento intensivo e já estava pronto para qualquer coisa. Nossa primeira missão foi para nos livrarmos de alguns objetos de teste que se esconderam. Essas pessoas queriam ir à público falar sobre a droga a qual foram injetadas, ela deveria reduzir o processo de envelhecimento mas acabou dando câncer em todos.

Demorou um pouco, mas pegamos todos eles. Eu não me orgulho disso, nem de nada que fiz durante o último ano e meio, mas aprendi a viver com isso.

Eu fui especialmente selecionado para a operação Watchdog. Eles plantaram muitos de nós aqui logo depois da primeira contaminação, por precaução, mas nem todos foram escolhidos para ser um Watchdog. Eles disseram que eu era mais empenhado que os outros, que eu não tremeria vendo os outros morrendo. Viva para mim. Eu trabalhei num depósito por duas semanas como especialista em inventário, esperando algo acontecer, entediado até o pescoço – e de repente tudo aconteceu de uma vez só, eu não durmo há três dias e todo mundo fica gritando até os canibais os pegarem, aí eles morrem ou torna-se um deles.

Eu tentei achar alguns dos outros, os espiões, mas não achei ninguém. Eu só conheço alguns deles, quatro das pessoas selecionadas para Watchdogs – Terry Foster, Martin, aquele russo

esquisito, e o médico de óculos do hospital. Talvez estejam mortos, talvez escaparam ou talvez estejam à caminho. Eu não me importo. Eu não reporto desde anteontem, e a Umbrella que vá para o inferno. Tenho certeza de que verei todos eles lá.

Eu decidi puxar o gatilho, um tiro na cabeça para não voltar. Eu queria ter sido executado, eu merecia aquilo.

Ninguém merece isso aqui.

Eu sinto muito. Se alguém achar isso, acredite no que digo.

O resto das páginas estava em branco.

Carlos ajoelhou-se perto de Hennings num tipo de confusão e examinou sua fria mão direita por resíduos de pólvora. Estava lá. Alguém deve ter pego a arma depois – “Carlos?”.

Ele olhou para cima e viu Jill segurando um monte de cabos, um olhar preocupado e curioso em seu bonito e sujo rosto.

“Aquele russo esquisito”. Quantos poderia haver? Carlos não sabia o que eram os Watchdogs, mas achou que Nicholai tinha algumas explicações para dar – e que seria uma boa idéia voltar para Mikhail o mais rápido possível.

“Eu acho que te devo desculpas”. Carlos disse, seu estômago dando nós de repente. Nicholai achou Mikhail logo depois de ter sido baleado, supostamente por um estranho qualquer...

“Pelo quê?”. Jill perguntou.

Carlos colocou o diário no colete, olhando Hennings pela última vez, sentindo pena, nojo e uma crescente raiva – pela Umbrella, por Nicholai e por si mesmo dada tanta ingenuidade.

“Eu explico na volta”. Ele disse, apertando sua metralhadora tão forte que suas mãos começaram a tremer, a raiva ainda

aumentando como uma inundação negra. “Nicholai estará esperando por nós”.

Depois de instalar o novo fusível no painel de controle do bonde, Nicholai decidiu esperar dentro da estação pelo retorno de Jill e Carlos. Muitas das janelas do primeiro andar estavam quebradas, e estava escuro dentro; ele seria capaz de ouvir qualquer conversa privada, o último minuto de conversa entre eles. Nicholai não tinha dúvidas de que Jill teria algumas palavras de alerta para Carlos à respeito da Umbrella, talvez sobre Nicholai, e a verdade era, ele não conseguia se agüentar; ele queria saber o que a S.T.A.R.S. tinha para dizer, qual bobagem paranóica ela diria e como Carlos reagiria. Ele se reuniria com eles um pouco depois de entrarem, diria que estava checando o prédio por suprimentos e por aí vai.

Passearemos juntos ou viajarei sozinho? Talvez fiquemos juntos esta noite, procurando comida, fazendo turnos de vigia. Eu podia matá-los enquanto dormem; eu podia chamar ambos para me acompanharem no hospital e soltar os Hunters; eu podia desaparecer e deixá-los partir achando que seu querido amigo havia se perdido.

Nicholai sorriu, uma brisa fresca passou pela vidraça estilhaçada e pelo seu rosto. De verdade mesmo, suas vidas estavam em suas mãos. Era um sentimento poderoso, até intoxicante, ter esse tipo de poder. O que tinha começado com uma aventura financeira havia se tornado algo novo, bem mais que isso. Um entendimento do destino humano como jamais experimentou. Ele sempre soube que era diferente, aquelas fronteiras sociais não se aplicavam à ele como os outros entendiam; ir para Raccoon foi uma amplificação daquilo, era como uma realidade alternativa na qual eles eram os estranhos, os invasores, e ele era o único que sabia o

que estava acontecendo. Pela primeira vez em sua vida, ele esteve livre para fazer do jeito que queria.

Nicholai ouviu o portão do pátio ranger devagar e cuidadosamente, e ele recuou da janela. Um segundo depois, os dois jovens soldados apareceram, andando tão quietos quanto ele próprio. Ele percebeu que eles vasculharam o pátio como se esperassem problemas.

Talvez encontraram o Tyrant. Isso certamente apimentaria as coisas. Se Jill estivesse sendo perseguida, Nicholai pretendia deixá-la por conta do monstro; ele mataria qualquer um burro o bastante para entrar em seu caminho; Nicholai ficaria muito feliz em deixá-lo passar.

Jill estava um pouco à frente de Carlos, e enquanto avançavam com cuidado, Nicholai viu que ela carregava vários cabos pendurados no ombro. Talvez ele os deixe viver mais um pouco, estavam provando serem bons em cumprir tarefas.

“Tudo limpo”. Carlos suspirou, e Nicholai sorriu para si mesmo. Ele podia ouvi-los perfeitamente.

“Ele já deve ter voltado, se não encontrou alguma das criaturas”. Jill cochichou.

O sorriso de Nicholai diminuiu um pouco. Era impossível, mas estavam vasculhando por ele?

“Sugiro que nos aproximemos como se não soubéssemos de nada”. Carlos disse, mantendo a voz baixa.

“Subimos, fazemos ele soltar a arma. Ele tem uma faca também”.

O que é isso, o que aconteceu. Nicholai estava confuso, incerto. O que eles estão sabendo?

Jill estava acenando. “Deixe que eu faça as perguntas. Eu sei mais sobre a Umbrella, eu acho que tenho chances melhores para convencê-lo e que sabemos tudo sobre essa missão Watchdog. Se achar que já sabemos – ”.

“– então não se importará em esconder nada”. Carlos completou. “Tá bom. Vamos fazer isso. Deixe a arma preparada caso ele esteja planejando alguma festa surpresa”.

Jill acenou de novo, e ambos se ergueram, Carlos pendurando a metralhadora no ombro. Eles foram para o bonde, sem se preocuparem em fazer barulho.

A fúria que tomou conta de Nicholai foi tão apaixonante, tão envolvente que por um momento ele ficou cego por ela. Lampejos de preto e vermelho golpearam seu cérebro, inconseqüentes e violentos, mas a única coisa que o impedia de descer para o pátio e assassinar os dois foi o fato de estarem preparados para seu ataque. Ele quase fez isso, a necessidade de machucá-los era tão forte que as conseqüências seriam irrelevantes. Foi necessário todo o seu controle para ficar parado, tremendo e sem gritar de raiva.

Depois de um tempo indeterminado, ele ouviu o motor do bonde roncar para a vida, o som finalmente passando por ele. Sua mente voltou a funcionar de novo, mas só podia pensar de modo simples, já que sua raiva era grande demais para pensamentos complexos.

Eles sabiam que não dizia a verdade. Eles sabiam algo sobre a operação Watchdog, sabiam que estava envolvido, e agora eram seus inimigos. Não haveria estragos no cuidadoso planejamento que fez, nenhuma chance de confiança para o camarada Nicholai. Tudo foi uma perda de tempo... e para piorar, ele teria que ir andando para o hospital.

Nicholai apertou os dentes, afogando-se, o impotente ódio como um segredo doente implodindo dentro de si.

Eles fizeram isso com ele, roubaram sua capacidade de controle como se tivessem o direito.

Meus planos, meu dinheiro, minha decisão. Tudo meu, e não deles, meu – depois de um momento, o mantra começou a funcionar, acalmando-o de leve, as palavras acalmando com sua verdade. Meu, eu decido, eu.

Nicholai respirou fundo várias vezes e fixou-se na única coisa que podia trazê-lo alívio enquanto ouvia o bonde se distanciando.

Ele acharia um meio de fazê-los se arrepender. Ele os fará implorar por piedade, e rirá enquanto gritam.

Capítulo 15

Jill ficou de pé ao lado de Carlos nos controles do bonde, olhando para fora enquanto as ruínas de Raccoon passavam vagarosamente. Eles não conseguiam ver muito através do único farol amarelado da dianteira, mas havia inúmeros pequenos incêndios fora de controle, e uma meia lua jogando sua pálida luz em tudo – ruas cheias de escombros, janelas quebradas, sombras vivas que vagavam sem destino.

"Continue devagar". Jill disse. "Se os trilhos estiverem bloqueados e estivermos rápidos demais...".

Carlos olhou irritado para ela. "Nossa, eu não tinha pensado nisso. Gracias".

Seu sarcasmo pedia uma resposta, mas Jill estava cansada demais para fazer piadas, e seu corpo parecia um único e grande machucado. "Tá bom, desculpe".

Os trilhos desenrolavam-se à frente deles enquanto Carlos guiava cuidadosamente, desacelerando quase que por completo a cada curva. Jill queria sentar, talvez ir para o outro vagão com Mikhail e deitar – eram poucos quilômetros até a torre do relógio e alguém correndo podia facilmente acompanhá-los – mas sabia que Carlos também estava cansado; ela podia sofrer de pé mais alguns minutos com ele.

Por um acordo não falado, eles não discutiram sobre Nicholai, talvez porque a especulação sobre onde estava e o que fazia, não serviria para nada; seja lá o que pretendia, eles estavam saindo da cidade. Considerando que sobreviveriam, Jill estava mais

comprometida em ver a Umbrella pagar pelos seus crimes, pois era a Umbrella e não Nicholai, que carregava a responsabilidade pela morte de Raccoon.

Sua intuição sobre Nicholai estava certa, ele sabia sobre as maldades da Umbrella, e Jill não percebeu um pingo de decepção nele. Pelo que leu no diário que Carlos achou, parecia que a companhia estava preparada para a contaminação de Raccoon e preparou uma equipe secreta para fazer relatórios sobre a catástrofe. Era repugnante, mas não uma surpresa.

Estamos lidando com a Umbrella, afinal. Se eles podem projetar vírus e máquinas assassinas para serem infectadas, por que não investir em assassinato em massa? Faça algumas anotações, documente algumas agressões – Crash!

Jill caiu em Carlos quando o bonde chacoalhou, o som de vidro quebrando vindo do vagão de trás. Meio segundo depois, eles ouviram Mikhail soltar um tenebroso grito – de medo ou dor, Jill não sabia.

“Aqui, assuma os comandos”. Carlos disse, mas Jill já estava no meio do vagão, o pesado revólver empunhado.

“Eu cuido disso, continue andando”. Ela gritou, não querendo pensar no que era enquanto ia para a porta. Para fazer o bonde balançar daquele jeito – -– tinha que ser um dos monstros. E Mikhail mau podia se sentar.

Ela empurrou a porta e pisou na plataforma de ligação, o pesado barulho das rodas nos trilhos parecendo incrivelmente alto enquanto abria a segunda porta, o desamparo de Mikhail no topo de seus pensamentos.

Essa não.

Os elementos do cenário eram simples e mortais: uma janela quebrada e vidro por toda parte; Mikhail à sua esquerda, suas costas contra a parede da porta enquanto lutava para ficar de pé, usando a metralhadora como muleta – e o matador de S.T.A.R.S. de pé no meio do vagão, sua cabeça jogada para trás, sua grande boca sem lábios abrindo enquanto gritava sem palavras. As janelas restantes vibravam com a força de seu berro insano.

Jill abriu fogo, cada tiro como uma explosão ensurdecedora, o alto calibre acertando o peito superior enquanto continuava gritando. O impacto das balas o fez recuar alguns passos, mas se houve algum outro efeito, ela não conseguia ver.

A partir do sexto tiro, a metralhadora de Mikhail a acompanhou, os projéteis menores furando as gigantescas pernas de Nêmesis assim que acabou a munição de Jill. Mikhail ainda estava apoiado na parede e sua mira era ruim, mas Jill aceitaria qualquer ajuda. Ela sacou a Beretta – mesmo com um carregador automático, demoraria muito para carregar a .357 – e abriu fogo, quatro tiros no rosto – e não funcionou – e Nêmesis parou de gritar voltando sua atenção para ela, seus brancos olhos rasgados como cataratas, seus grandes dentes lisos e brilhantes. Tentáculos iguais a cobras em volta de sua cabeça sem cabelo.

“Saia daqui!”. Mikhail gritou, e Jill olhou para ele, sem ao menos considerar a idéia enquanto atirava de novo – até perceber um instante depois que ele estava segurando uma granada, um dedo temendo entre o anel. Ela reconheceu o formato sem pensar nele – uma RG34 Czech, Barry também colecionava granadas anti-pessoas – enquanto mandava outra bala em sua costurada sobrancelha, mas sem efeito. Granada de impacto, uma vez puxado o anel, detonaria em contato – e Mikhail não sobreviveria, seria suicídio – “Não, você sai daqui, fique atrás de mim”. Ela gritou, e o matador de S.T.A.R.S.

deu um largo passo adiante, diminuindo a distância quase pela metade.

“Saia daqui!” . Mikhail ordenou de novo e puxou o anel, uma expressão de incrível concentração e propósito em seu pálido rosto. “Eu já estou morto! Vai, agora!” .

Sua Beretta atirou mais uma vez e recuou.

Jill girou e correu, deixando Mikhail para enfrentar o monstro sozinho.

Carlos ouviu os gritos em meio aos tiros enquanto tentava parar o bonde, desesperado para ajudar Jill e Mikhail, mas estavam no meio de uma curva relativamente fechada, e os controles mau cuidados combatiam seus esforços. Ele estava a um segundo de se juntar à eles quando a porta atrás dele abriu fortemente.

Carlos girou, apontando sua M16 com uma mão enquanto mantinha a outra instintivamente na válvula, e viu Jill.

Ela praticamente voou pelo vagão, suas feições como uma máscara de horror, seu nome surgindo entre os lábios dela – e um tremendo balanço de fogo e barulho estourou atrás dela, fazendo-a mergulhar, rolando desajeitada sobre o ombro enquanto um boom-crash ecoava do segundo vagão. Línguas de fogo passaram pela janela da porta assim que o chão tremeu violentamente. Carlos pulou no assento, o apoio do braço acertando forte o bastante para trazer lágrimas aos seus olhos.

Mikhail!

Carlos deu um vacilante passo em direção à porta -e só viu pedaços em chamas do vagão rasgado sendo puxado, distanciando-se enquanto o bonde ganhava velocidade. Não havia chances de Mikhail ter sobrevivido, e Carlos começou a ter sérias dúvidas sobre

suas próprias chances assim que Jill se aproximou, sua face assombrada pelo que tinha visto.

O bonde entrou em outra curva, e ficou fora de controle, balançando para frente e para trás como um navio em mares tempestuosos, exceto pelos trovões e relâmpagos estarem sendo causados pelo vagão raspando em prédios e batendo em carros, criando grandes plumas de faíscas. Ao invés de diminuir, o bonde parecia ganhar velocidade a cada impacto, colidindo no escuro em uma série de agudos gritos metálicos.

Carlos lutou contra a gravidade para agarrar a válvula, ciente de que tinham descarrilado, de que Mikhail se fora, de que a única esperança era o freio manual. Se tiverem muita sorte, as rodas travariam.

Ele puxou o freio manual o mais forte que pôde – e nada aconteceu, nada mesmo. Eles estavam ferrados.

Jill chegou na frente apoiando-se nos assentos e barras enquanto o bonde continuava a sacudir e raspar.

Carlos a viu olhar inconformada para a válvula sob os dedos dele, viu desespero em seus olhos, e sabia que precisavam saltar.

“Os freios!”. Ela gritou.

“Não funcionam! Nós temos que pular!”.

Ele virou, pegou a metralhadora pelo cano e usou a coronha para quebrar a janela ao lado, um súbito balanço lateral mandou cacos de vidro em seu peito. Ele segurou na lisa moldura da janela com uma mão, e esticou-se para agarrar Jill – e a viu descer o cotovelo num pequeno painel de vidro na parte debaixo do console, um olhar de desesperada esperança no rosto dela enquanto apertava o botão que ele não conseguia ver – SKREEEEEEE – Freio de

emergência. – e incrivelmente, o bonde estava parando, inclinando um pouco para a esquerda antes de equilibrar-se, continuando a deslizar sobre o decrescente brilho das faíscas. Carlos fechou os olhos e agarrou a inútil válvula, ansioso, tentando preparar-se para o impacto – e alguns segundos depois, um suave e anti-climático esmago disse que sua viagem havia acabado; o vagão parou em cima de uma pilha de pedaços de concreto no meio de um gramado bem cuidado, perto de algumas estátuas sombrias e arbustos. Um último tremor balançou o vagão e estava acabado.

Silêncio, exceto pelos estalos de metal resfriando. Carlos abriu os olhos, quase incapaz de acreditar no assustador passeio que fizeram pela cidade. Ao lado dele, Jill deu um trêmulo respiro. Tudo aconteceu tão rápido que foi um milagre terem sobrevivido.

“Mikhail?”. Ele perguntou delicadamente.

Jill balançou a cabeça. “Foi o Tyrant, a punição do S.T.A.R.S. Mikhail tinha uma granada, o monstro continuou andou até nós e ele – ”.

Sua voz parou, e ela começou a recarregar suas armas, concentrando-se nos simples movimentos. Eles pareciam acalmá-la. Quando falou de novo, sua voz soou firme.

“Mikhail sacrificou-se quando viu que Nêmesis estava vindo para mim”.

Ela desviou o olhar, olhando para o escuro lá fora assim que uma fria brisa passou pelas janelas estilhaçadas do bonde. Seus ombros caíram. Carlos não sabia o que dizer. Ele deu um passo até ela, tocando gentilmente um de seus ombros arranhados, e sentiu o corpo dela endurecer sob seus dedos. Ele rapidamente tirou a mão, com medo de tê-la ofendido de alguma forma, e percebeu que ela olhava para algo lá fora, um olhar de pura surpresa em suas

delicadas feições.

Carlos seguiu seu olhar, olhando para fora e para cima, vendo uma torre de três ou quatro andares erguendo-se sobre eles, em forma de silhueta contra um fundo de nuvens noturnas. A face de um brilhante relógio branco estava no topo e marcava quase meia-noite.

“Alguém nos ama, Carlos”. Jill disse, e Carlos só conseguiu acenar, calado.

Eles estavam na torre do relógio.

Nicholai andou pelos trilhos refletindo a luz da lua, sem se preocupar em se esconder enquanto marchava à oeste. Ele seria capaz de ver qualquer coisa vindo e a mataria antes que o alcançasse; ele estava irritado e agradeceria pela oportunidade de estourar as tripas de alguma coisa humana ou não.

Sua raiva tinha diminuído um pouco, dando lugar a um estado de consciência pessimista. Não havia mais condições de perseguir o líder de pelotão e os dois jovens soldados – basicamente, não havia tempo o bastante.

Levaria pelo menos uma hora para chegar à torre do relógio; se conseguirem descobrir como tocar os sinos, já não estariam mais lá quando chegar.

Nicholai franziu, tentando se lembrar de que os planos não tinham mudado, de que ainda tinha um roteiro para seguir. Quatro pessoas ainda esperavam por ele inconscientemente. Depois do Dr. Aquino, havia os soldados – Chan e o Sargento Ken Franklin – e o funcionário da fábrica, Foster. Quando todos estiverem fora do caminho, Nicholai ainda tinha que organizar os dados, marcar uma reunião e sumir de helicóptero. Ele tinha muito o que fazer... e ainda não podia deixar de se sentir enganado pelas circunstâncias.

Ele parou de andar, inclinando a cabeça para o lado. Ele ouviu um barulho, um impacto de algum tipo mais adiante, talvez até uma pequena explosão abafada pela distância. Um segundo depois, ele sentiu uma levíssima vibração vindo dos trilhos. A linha corria pelo meio da rua, qualquer coisa sólida podia fazê-la vibrar – mas eram eles, Mikhail, Carlos e Jill Valentine. Eles esbarraram em algo, ou algo deu errado com o motor, ou...

Ele não sabia o quê, mas de repente ficou certo de que eles encontraram problemas. Isso reforçou o sentimento positivo de que ele era o único com habilidade; os outros precisavam confiar na sorte, e nem toda sorte era boa.

Talvez nos encontremos de novo. Tudo é possível, especialmente num lugar como esse.

Adiante e à esquerda, entre um prédio e um terreno cercado, veio um ronco borbulhante. Três infectados cambalearam até o espaço aberto, dez metros de onde ele estava. Ele estava muito longe para vê-los claramente sob a pálida lua, mas Nicholai viu que nenhum deles estava em boa forma; dois não tinham braços e o terceiro parecia ter perdido metade das pernas, dando a impressão de estar andando ajoelhado, cada passo criando um barulho igual a alguém estalando os lábios.

“Uhllg”. O mais próximo reclamou, e Nicholai atirou em seu cérebro desintegrado. Mais dois tiros e os outros se juntaram ao primeiro, caindo no asfalto como leves tapas.

Ele sentiu-se bem melhor. De alguma forma ganhou uma oportunidade para ver seus camaradas novamente – e percebeu estar confiante de que os veria – ele era um homem superior e triunfaria no final.

Isso o encheu com nova energia. Nicholai passou a correr

devagar, animado para enfrentar qualquer desafio que encontrar.

Capítulo 16

A porta do bonde estava retorcida e Jill e Carlos teriam que sair por uma janela, Carlos parecendo tão esgotado quanto Jill se sentia. Era uma coincidência muito estranha de terem parado exatamente onde precisavam, mas as últimas horas – semanas também foram estranhas. Jill pensou que ajudaria se parasse de deixar as coisas a surpreenderem.

A torre do relógio parecia sem vida, nada se movendo exceto a fina coluna de fumaça de óleo fervendo do sistema elétrico do bonde. Eles andaram para a fonte decorativa na frente da porta principal, olhando para o gigante relógio acima e para o pequeno campanário que cobria a torre, os pensamentos de Jill pesados com imagens de Mikhail Victor. Ela nem tinha sido apresentada formalmente ao homem salvou sua vida, e achou ter perdido um valioso aliado. A força de caráter que levou para morrer e deixar outra viver... heróico era a única palavra que servia.

De repente ele até matou Nêmesis, o monstro estava praticamente sobre ele quando a granada explodiu... pensando com otimismo, ela só podia desejar.

“Então, acho que devemos tentar achar o mecanismo do sino”. Carlos disse. “Você acha seguro nos separarmos ou – ”

Caw!

O áspero choro de um corvo o interrompeu, e Jill sentiu uma nova onda de adrenalina em suas veias. Ela agarrou a mão de Carlos assim que um alvoroçado som encheu o escuro acima e em volta deles, o som de asas batendo no ar.

A sala de quadros na mansão, observada de cima por dezenas de olhos negros brilhantes esperando para atacar. E Forest Speyer, do Bravo Team, Chris disse que tinha sido rasgado por dezenas, talvez centenas deles.

“Vamos!”. Ela puxou Carlos, lembrando da implacável perversidade dos corvos modificados da mansão de Spencer. Carlos parecia saber o que era melhor além de perguntas assim que uma dezena de berros rouca cortou o ar. Os dois contornaram a fonte até a porta dupla frontal da torre.

Trancada.

“Me dê cobertura!”. Jill gritou, procurando suas pinças na bolsa, os gritos se aproximando deles – e Carlos se jogou nas portas, batendo forte o bastante para estilhaços voarem. Ele recuou alguns passos correndo e voou nelas de novo, bam – e as portas abriram para dentro, Carlos tropeçando e se esparramando nas lajotas de bom gosto que cobriam o chão, Jill entrando rapidamente atrás dele. Ela agarrou as alças da porta e as bateu o quanto antes. Houveram dois socos abafados do outro lado, acompanhados por um coro de berros famintos e bater de asas, e começaram a recuar, o barulho se distanciando. Jill encostou-se nas portas, exalando fortemente.

Deus, será que isso não vai acabar mais? Será que teremos de enfrentar cada besta demoníaca dessa cidade antes de fugirmos?

“Pássaros zumbis? Você tá brincando?”. Carlos disse, levantando-se do chão enquanto Jill trancava as portas manualmente. Ela não se preocupou em responder, virando para examinar o grandioso saguão da torre do relógio.

O lugar a fez lembrar da mansão de Spencer, as luzes baixas e ornamentação gótica, criando uma desgastada e elegante atmosfera.

Uma larga escadaria de mármore dominava o amplo saguão, levando ao segundo andar com janelas de vitral. Havia uma porta de cada lado do saguão, duas mesas de madeira bem à frente, e à esquerda...

Jill inspirou e sentiu algo apertar por dentro. Não que esperasse encontrar um santuário intocado, só por estar mais longe do centro, e percebeu que carregava esperança – uma esperança perdida ao ver mais morte.

A cena contava uma história, do tipo misteriosa. Cinco cadáveres masculinos, todos eles vestidos com roupas militares. Três deles deitados perto das mesas, aparentemente vítimas de um infectado; o corpo baleado do infectado estava ali perto. A carne das vítimas tinha sido mastigada, seus crânios esmagados e vazios. O quinto corpo, um jovem, tinha baleado a própria cabeça, provavelmente depois de ter derrubado o zumbi. Será que ele se matou por desespero ao ver os amigos devorados? Será que de alguma forma foi o responsável por aquilo?

Ou ele conhecia o infectado e se matou depois de ter sido forçado a tirar sua vida?

Jamais poderemos saber. São apenas outras vidas perdidas nessa tragédia, uma das milhares da cidade.

Carlos se aproximou do corpo, franzindo. Com uma apertada expressão no rosto, ela teve a impressão de que ele os conhecia. Ele agachou entre eles e puxou uma mochila manchada com um risco de sangue, fazendo um rastro vermelho pelas lajotas. Jill pôde ouvir metal tocando metal dentro da mala, e provavelmente estava pesada, o bíceps de Carlos contraindo para erguê-la.

“É o que penso que é?”. Jill perguntou.

Carlos levou a mala para uma das mesas e tirou o conteúdo. Jill

sentiu uma inesperada explosão de alegria com o que estava lá; ela correu para a mesa, mau acreditando na sorte deles.

Meia dúzia de granadas iguais à que Mikhail tinha, RG34; oito pentes de trinta balas para M16, aparentemente completos; e mais do que poderia imaginar, um lançador de granadas US M79 com um monte de gordos cartuchos de 40mm.

“Armas na torre do relógio”. Carlos disse, pensativo. Antes que Jill pudesse perguntar o que ele quis dizer, ele pegou um dos cartuchos e sussurrou de leve.

“Chumbo grosso”. Ele disse. “Um desses teria estourado aquela porcaria de Nêmesis espantajo”.

Jill ergueu a sobrancelha. “Espantajo?”.

“Literalmente, espantalho,”. Carlos disse. “mas é usado como esquisito ou aberração”.

Apropriado. Jill acenou na direção dos homens que estavam com as armas. “Você os conhecia?”.

Desconfortável, Carlos balançou os ombros, passando-a três granadas. “Todos são da U.B.C.S., eu já os tinha visto de passagem, mas eu não conheço – não conhecia eles. Eles eram apenas soldados, provavelmente não tinham idéia de onde estavam se metendo quando entraram para a Umbrella, ou quando foram enviados para cá. Como eu”. Ele parecia bravo e um pouco triste, e mudou de assunto de repente, lembrando do quanto perto estavam de escapar de Raccoon City. “Você quer ficar com o lança-granadas?”.

“Pensei que nunca ofereceria”. Jill disse, sorrindo. Ela poderia usar a arma que, segundo Carlos, explodiria a porcaria do Nêmesis. “Agora só precisamos achar algum botão em algum lugar, apertá-lo,

e esperar nosso táxi chegar".

Carlos sorriu de leve em resposta, guardando os pentes de M16 nos bolsos do colete. "E tentar não morrer, como todos nesse maldito lugar".

Jill não respondeu à isso. "Escada acima?".

Carlos acenou. Armados e preparados, eles começaram.

O segundo andar da torre do relógio era na verdade uma sacada interna que circundava o saguão. Corria por três paredes do saguão e terminava em uma única porta, a qual deveria levar para outra escadaria – até o campanário, se Carlos lembrou do termo corretamente. Onde os sinos ficavam.

Está quase acabado, quase acabado... ele deixou o pensamento afugentar todos os outros, cansado demais para considerar seus sentimentos de raiva, tristeza e medo, ciente de que não faltava muito para chegar ao seu limite. Ele poderia organizar suas emoções assim que saísse de Raccoon.

A sacada interna era tão ricamente adornada quanto o saguão, ladrilhos azuis que combinavam com o azul dos vitrais, uma viga arqueada suportada por colunas brancas. Eles podiam ver tudo do topo da escada, e parecia estar vazio, nenhum monstro ou zumbi a vista. Carlos respirou mais fácil e viu que Jill também parecia mais calma. Ela levava a Colt Python como ajuda.

Como Trent sabia que haveria armas aqui? Será que ele sabia que eu estaria pegando-as de homens mortos?

Carlos percebeu de repente que estava subestimando o poder de Trent. Tinham que haver mais armas no prédio, Jill e ele apenas esbarraram numa mala pessoal. A opção – de que Trent sabia sobre os soldados mortos – era muito estranha.

Eles começaram a andar pela primeira asa da sacada, um do lado do outro, Carlos imaginando o que Jill diria se ele contasse sobre Trent. Ela provavelmente pensaria que ele estava brincando, a coisa toda era tão misteriosa, igual um romance de espionagem – Algo se moveu. Na frente deles, depois da primeira curva, algo no teto, um relance de escuro movimento. Carlos debruçou-se no peitoril, mas seja lá o que fosse, ou estava escondido atrás de um dos arcos ou era apenas algo que seu exausto cérebro criou para mantê-lo acordado.

“O que é?”. Jill suspirou no ombro dele, seu revólver preparado.

Carlos procurou por mais alguns longos segundos e balançou a cabeça, virando para ela. “Nada, eu acho, pensei ter visto algo no teto, mas – ”.

“Droga!”.

Carlos girou assim que Jill apontou sua arma para o teto bem na frente deles, assim que uma criatura do tamanho de um cachorro grande ia de encontro à eles, uma coisa corcunda e com várias pernas, seus grossos e peludos pés andando pegajosamente no teto mais rápido do que poderia imaginar.

Jill descarregou três balas antes que Carlos pudesse piscar, mas não antes de registrar o que estava vendo. Era uma aranha, grande o bastante para que Carlos pudesse ver seu próprio reflexo nos brilhantes olhos enquanto caia no chão. Escuros fluídos jorravam de suas costas enquanto suas pernas multicoloridas se debatiam no ar, sangue viscoso empoçando ao seu redor. A silenciosa e violenta dança durou um segundo ou dois antes de se encolher, morta.

“Eu odeio aranhas”. Jill disse, um olhar de repugnância em seu rosto enquanto andava novamente, vasculhando o teto. “Todas

aquelas pernas, aquele estômago inchado... eca".

"Você já viu dessas antes?". Carlos perguntou, incapaz de não olhar para o corpo fechado como um punho.

"Já, no laboratório da Umbrella na floresta. Não vivas, as que eu vi estavam mortas".

Jill aparentou calma enquanto pulavam a aranha e continuavam a andar, Carlos lembrando do quanto sortudo foi de ter se aliado à ela. Ele já conheceu muitos homens corajosos em suas experiências, mas duvidava que muitos deles, postos no lugar dela, sairiam-se tão bem quanto Jill Valentine.

O resto da sacada estava vazia, apesar de Carlos ter notado com certo desconforto um monte de teias no teto, montes da coisa branca e grossa acumulados em cada canto; ele não ligava muito para aranhas mesmo.

Quando alcançaram a porta e a cruzaram, Jill passando abaixada, Carlos ficou aliviado por sair ao ar livre novamente.

Eles saíram numa ampla laje bem na frente da torre, um isolado lugar cercado por um parapeito adornado, alguns holofotes queimados e algumas plantas. Havia uma abertura parecida com uma porta um andar acima na torre, e nenhum meio de chegar lá. Parecia não ter saída, nenhum lugar para ir exceto voltar por onde vieram.

Carlos suspirou; pelo menos os corvos, se é o que eram, tinham migrado para outro lugar.

"E agora?". Carlos perguntou, olhando para o pátio escuro lá embaixo, o bonde ainda soltando fumaça. Quando não recebeu resposta, Carlos virou e a viu parada na frente de uma placa de cobre, presa entre as pedras da parede da torre. Ela abriu sua bolsa

e tirou um conjunto de pinças.

“Você desiste muito fácil”. Jill disse, selecionando algumas das peças. “Vigie os corvos, e verei o que poso fazer para conseguir uma escada”.

Carlos a cobriu, imaginando vagamente se havia algo que ela não podia fazer, respirando o cheiro de chuva no frio vento que soprava na laje. Um momento depois houve uma série de cliques seguidos por um leve hum de maquinário, e uma estreita escada metálica de mão começou a descer logo abaixo da abertura.

“O que me diz se ficar vigiando por mais alguns minutos?”. Jill perguntou, sorrindo.

Carlos sorriu, notando a empolgação dela; estava realmente quase acabado. “Tá bom”.

Jill escalou a escada e desapareceu na abertura acima. Ela gritou um segundo depois dizendo estar tudo limpo, e durante os vários minutos seguintes, Carlos passeou pela laje, pensando no que faria depois de ser resgatado.

Ele queria falar com Trent de novo, sobre o que precisaria ser feito para acabar com a Umbrella; para o que der e vier, ele estaria lá.

Eu aposto que Trent ficaria interessado em falar com Jill, também. Quando os helicópteros vierem, nós bancaremos os idiotas até nos deixarem ir, aí planejaremos o próximo passo – depois de comer, de tomar um banho e de dormir por umas vinte e quatro horas, claro...

Ele estava tão fixado no pensamento que não reparou nas expressões de Jill quando voltou, não percebeu que não havia sinos tocando. Ele sorriu para ela... e sentiu seu coração afundar,

entendendo que a aventura ainda não tinha acabado.

“Está faltando uma engrenagem do mecanismo,”. Ela disse. “e precisamos dela para fazê-los tocar. A boa notícia é, eu aposto que está em algum lugar do prédio”.

Carlos ergueu uma sobrancelha. “Como você sabe?”.

“Eu achei isso perto de uma das outras engrenagens”. Jill disse, e lhe passou um esfarrapado cartão postal.

A foto da frente era de três pinturas penduradas uma ao lado da outra, cada uma com um relógio no meio.

Carlos virou o cartão e viu “St. Michael Clock Tower, Raccoon City” impresso elegantemente no canto superior esquerdo. Abaixo disso, estava uma linha impressa de um verso, o qual Jill leu em voz alta.

“Dê sua alma para a deusa. Ponha suas mãos juntas para rezar por ela”.

Carlos a olhou. “Você está sugerindo que nós rezemos pela engrenagem perdida?”.

“Ha ha. Eu estou sugerindo que a engrenagem está onde esses relógios estão”.

Carlos devolveu o cartão. “Você disse que essa é a boa notícia – qual é a ruim?”. Jill sorriu amargamente, uma expressão totalmente sem humor. “Eu duvido que a peça estará em algum lugar visível. É um tipo de quebra-cabeça, como os que eu encontrei na mansão de Spencer – e alguns deles quase me mataram”.

Carlos não perguntou. Por enquanto, ele não queria saber.

Capítulo 17

Depois de persegui-lo por quase meia hora, Nicholai achou o Dr. Richard Aquino no quarto andar do maior hospital de Raccoon City. Ver o Watchdog fez Nicholai feliz de um modo que não podia explicar, nem para si mesmo. Uma sensação de que tudo estava de bem com o mundo, de que as coisas estavam se desenrolando como deveriam...

... comigo no topo, tomando decisões. Em um momento só restariam três, três cachorrinhos para caçar na terra dos mortos-vivos, ele pensou sonhadoramente. Pode ficar melhor do que isso?

Aquino só estava trancando uma porta, um olhar de medo transpirante em seu pálido rosto enquanto seu olhar vagava pelo lugar apreensivamente. Ele guardou as chaves no bolso e virou para o corredor que levava para o elevador, trazendo seus manchados óculos para a ponta do nariz. Nicholai estava impressionado pelo fato de nem estar armado.

Nicholai saiu das sombras, planejando se divertir. Depois de ter gasto mais de uma hora para chegar ao hospital andando, o ratinho do Dr. Aquino ainda teve coragem de tentar se esconder dele – se bem que olhando para ele agora, Nicholai pensou que o cientista nem sabia que estava sendo caçado e evitou Nicholai por acidente.

Aquino parecia ser o tipo de homem que podia se perder no próprio jardim; e mesmo naquele momento o "cão-de-guarda" não tinha percebido que estava acompanhado, que Nicholai estava só a três metros de distância.

"Doutor". Nicholai disse em voz alta, e Aquino pulou girando,

suspirando, balançando as mãos involuntariamente à sua frente; a surpresa foi total. Nicholai não conseguiu conter um leve sorriso.

“Quem, quem é você?”. Aquino gaguejou. Ele tinha olhos azuis aguados e um péssimo penteado.

Nicholai se aproximou, intimidando o cientista abertamente com seu tamanho. “Eu estou com a Umbrella. Eu vim ver como vocês estão se saindo com a vacina... entre outras coisas”.

“Com a Umbrella? Eu não – que vacina, eu não sei do que você está falando”.

Desarmado, sem habilidades físicas e não consegue mentir sem ficar vermelho. Ele deve ser brilhante.

Nicholai abaixou a voz conspiratoriamente. “A Operação Watchdog me enviou, Doutor. Você não vem arquivando relatórios de detalhes ultimamente. Eles estiveram preocupados com você”.

Aquino pareceu na beira de um colapso por causa do alívio. “Ah, se você sabe sobre – eu pensei que você fosse – sim a vacina, eu tenho estado ocupado; meu, é, contato queria a síntese inicial dividida em etapas, então não há uma amostra misturada produzida – mas eu posso assegurar que é apenas uma questão de combinar elementos e tudo fica pronto”. O doutor praticamente tagarelou em seu esforço para submeter-se.

Nicholai balançou a cabeça de modo zombador, como se não acreditasse. “E você fez tudo isso sozinho?”.

Aquino sorriu de leve. “Meu assistente, Douglas, me ajudou, que Deus o tenha. Eu sinto que tenho estado um pouco sobrecarregado desde sua morte, antes de ontem. É por isso que eu perdi os últimos relatórios...”.

Ele parou de falar, e tentou outro sorriso. “Então... é você que

foi enviado para recolher a amostra – Franklin, não é?".

Nicholai não pode acreditar em sua própria sorte, ou na ingenuidade de Aquino; o homem estava preste a entregar o único antídoto existente dos vírus T e G, só porque Nicholai disse ter sido enviado pela Umbrella. E agora outro de seus alvos estava aparecendo – "Sim, está certo". Nicholai disse suavemente. "Ken Franklin. Onde está a vacina, Doutor?".

Aquino procurou suas chaves. "Aqui. Eu tinha acabado de escondê-la – a vacina base, nós mantemos a média separada – eu a escondi aqui por segurança, até você chegar. Eu pensei que você viesse amanhã à noite, você está mais adiantado do que eu esperava".

Ele abriu a porta e o convidou. "Há um cofre refrigerado na parede atrás daquele quadro de paisagem sem graça – uma recente adição de um rico paciente, um excêntrico, não que isso seja relevante...".

Nicholai passou pelo doutor tagarela, interrompendo-o, ainda pasmo por Aquino ter sido selecionado para Watchdog, quanto percebeu ter deixado o cientista em sua retaguarda.

Tudo veio ao mesmo tempo naquele instante, uma cena completa na mente de Nicholai – o burro e nerd falante da ciência, deixando seus inimigos à vontade, deixando-os subestimar suas habilidades – Essa consciência só levou uma fração de segundo, e Nicholai já estava se movendo.

Ele se ajoelhou e girou os braços, agarrando os tornozelos de Aquino e literalmente varrendo-o do chão. Aquino uivou e caiu em cima de Nicholai. Uma seringa caiu no chão e Aquino tentou alcançá-la, mas Nicholai ainda segurava suas esqueléticas pernas. O doutor nem tinha músculos. De fato, Nicholai achou bem fácil

segurar o alvoroçado doutor com um braço enquanto alcançava sua faca presa na bota com o outro.

Nicholai sentou, puxou Aquino mais próximo e esfaqueou sua garganta.

Aquino colocou as mãos no pescoço enquanto Nicholai tirava a lâmina, olhando para seu assassino com olhos arregalados e chocados, sangue jorrando sobre seus dedos enquanto o coração continuava fazendo seu trabalho.

Nicholai também olhou, sorrindo sem dó. Aquino tinha sido golpeado para morrer, e o fato de ter atacado Nicholai só fez a morte mais prazerosa, além de ser uma necessidade.

O cientista finalmente caiu, ainda apertando sua borbulhante garganta, perdendo a consciência. Ele morreu rapidamente depois disso, um último espasmo e pronto.

“Melhor você do que eu”. Nicholai disse. Ele vasculhou o resfriante corpo e achou várias outras seringas e um código de quatro dígitos num pedaço de papel – sem dúvida era a combinação do cofre. Aquino certamente não esperava que Nicholai aparecesse para roubar a vacina.

Nicholai levantou e andou para o cofre, repassando seus planos como sempre fazia depois de qualquer ocorrido inesperado. Aquino estava esperando Ken Franklin buscar a amostra, o que significava que Franklin iria aparecer, a não ser que o doutor estivesse mentindo. Nicholai acreditava nele. Aquino foi tão convincente porque esteve dizendo a verdade, uma excelente técnica para distrair o oponente...

... então eu sintetizo a vacina, talvez eu cace um pouco enquanto espero o Sargento Franklin, me livro dele – e destruo o hospital, junto com a pesquisa de Aquino. Se a Umbrella estiver

observando, vai pensar que tudo está acontecendo conforme o planejado. Depois disso, só restará Chan e o empregado da fábrica, Terence Foster...

Dane-se Mikhail e os outros dois, eles não eram mais importantes. Quanto mais cedo se tornar o único Watchdog sobrevivente, mais valioso Nicholai ficaria. E com a vacina TG em mãos, não haveria limite para a recompensa da Umbrella.

Ao chegarem nas salas de trás, Jill estava quase pronta para admitir derrota. Eles foram à toda parte, destrancando portas, revirando cada sala extremamente bem mobiliada, pulando sobre cadáveres e fazendo mais alguns. Uma parede de vidro quebrada no salão antes da capela permitiu que vários infectados entrassem, e encontraram outra aranha gigante no corredor depois da biblioteca.

Durante o caminho, ela contou um pouco sobre a mansão de Spencer e arredores, histórias as quais precisou desenterrar depois da desastrosa missão do S.T.A.R.S.. O velho Spencer, um dos fundadores da Umbrella, era um fanático por esconderijos e passagens secretas, e contratou George Trevor, um arquiteto conhecido por sua criatividade, para projetar a mansão e renovar alguns dos locais históricos da cidade, amarrando lugares de Raccoon nas fantasias de espião de Spencer.

“Isso tudo foi trinta anos atrás,”. Jill disse. “e o cara era completamente maluco por elas, é por aí vai. Assim que tudo ficou pronto, ele trancou a mansão e levou a sede da Umbrella para a Europa”.

“O que aconteceu com George Trevor?”. Carlos perguntou. Eles pararam em outra porta, que devia ser uma das últimas salas.

“Ah, essa é a melhor parte”. Jill disse. “Ele desapareceu um pouco antes de Spencer sair da cidade e ninguém jamais o viu de

novo”.

Carlos balançou a cabeça devagar. “Que lugarzinho pra se viver, viu?”.

Jill acenou, abrindo a porta e recuando, revólver empunhado. “É, eu estive pensando nisso”.

Nada se movia. Pilhas de cadeiras à direita. Três estátuas, bustos femininos, bem à frente. Haviam dois corpos abraçados à esquerda da porta, um casal, fazendo Jill erguer a sobrancelha e desviar o olhar – e lá, pendurados na parede sul dentro de molduras douradas, estavam os três relógios.

Eles andaram na sala, Jill estudando seu redor impacientemente. Parecia normal...

... tão normal quanto aquela sala da mansão que acabou virando um compactador de lixo gigante. Por força do impulso, Jill encostou uma cadeira na porta para mantê-la aberta enquanto ia olhar as pinturas.

Bom, os tipos de pinturas. Ela supunha serem chamadas de mídia combinada. As três pinturas eram de três mulheres, uma em cada tela, e cada uma contendo um relógio octogonal – o primeiro e o último marcando meia-noite, o do meio marcando cinco horas. Uma pequena cavidade em forma de concha avançava sob cada moldura. As obras estavam intituladas como deusa do passado, presente e futuro, da esquerda para a direita.

“O cartão postal dizia algo sobre colocar as mãos juntas”. Carlos disse. “Como se fossem os ponteiros do relógio, certo?”.

Jill acenou. “É, faz sentido. Só é obscuro o bastante para incomodar”.

Ela esticou o braço e tocou levemente a concha da pintura do

meio, a de uma mulher dançando. Houve um fraco clique e a concha desceu como uma balança, o peso de sua mão empurrando-a para baixo. Ao mesmo tempo, os ponteiros do relógio começaram a girar.

Jill puxou a mão, com medo de ter tirado algo do lugar, e os ponteiros voltaram para a configuração anterior.

Nada mais aconteceu.

“Mãos juntas...”. Ela sussurrou. “Você acha que eles querem dizer que todos os ponteiros devem marcar a mesma hora? Ou querem dizer literalmente, mãos alinhadas?”.

Carlos balançou os ombros e tocou a concha da deusa do futuro, definitivamente a mais arrepiante de todas. A do passado era uma jovem garota sentada numa colina, a do presente era uma mulher dançando... e a do futuro era a figura de uma mulher em um justo vestido de festa, seu corpo posando sedutoramente – mas com a careca e brilhante face de uma caveira.

Jill conteve o arrepio e não deixou nenhum pensamento entrar no tema da morte iminente, como se já não tivesse tido o bastante disso.

A concha que Carlos tocou desceu, e de novo, foram os ponteiros da deusa do presente que se moveram.

Aparentemente, os outros dois estavam presos em meia-noite.

Jill se afastou da parede e cruzou os braços pensando – e de repente conseguiu adivinhar como o quebra-cabeça funcionava, se não estivesse errada. Ela girou, esperando que as peças faltando estivessem por perto, e sorriu ao ver as três estátuas – ah, a simetria – e os três objetos que seguravam em seus finos dedos de pedra.

“É um quebra-cabeça de peso”. Jill disse, andando para as

estátuas. Vendo de perto, ela viu que cada uma segurava uma concha contendo uma única pedra do tamanho de um punho. Ela as ergueu, sentindo os globos, notando os pesos diferentes.

"Três pedras, três conchas". Ela continuou, voltando para as pinturas, entregando a pedra escura – feita de obsidiana ou ônix, ela não sabia – para Carlos. A outra era de cristal claro e a terceira de âmbar brilhante.

"E o objetivo é fazer o relógio do meio marcar meia-noite". Carlos disse, pegando a pedra.

Jill acenou. "E tenho certeza que há uma lógica para seguir, uma combinação de cor, como preto para morte, talvez... ou talvez matemática. Não importa, não levará muito tempo para tentar todas as combinações".

Eles começaram tentando cada pedra em uma pintura por vez, depois usando todas, Jill estudando cuidadosamente o relógio do presente com cada depósito. Parecia que cada pedra tinha diferentes valores dependendo do lugar onde fosse colocada. Jill estava começando a achar que sabia – era certamente matemático – quando por acaso acharam a solução.

Com a de cristal no passado, obsidiana no presente e âmbar no futuro, o relógio do meio alcançou meia-noite, tocando levemente. O ponteiro dos minutos começou a correr no sentido anti-horário clicando – e então a face do relógio saiu da parede, empurrada por um mecanismo que Jill não podia ver. No buraco revelado estava a brilhante engrenagem dourada do mecanismo dos sinos que estava faltando.

Inteligente, seus idiotas, mas não inteligente o bastante.

Carlos estava franzindo, suas expressões claramente confusas. "O que diabos é isso, afinal? Por que alguém esconderia a

engrenagem, e de modo tão complicado?”.

Jill tirou a brilhante peça do esconderijo, lembrando de seus próprios pensamentos sobre a mesma situação há seis semanas, de pé nos escuros corredores da mansão de Spencer. Por que, por que um sigilo tão elaborado?

Os arquivos que Trent a entregou pouco antes da missão eram cheios de respostas para os enigmas da mansão, sorte a dela; sem eles, ela nunca poderia ter escapado. A maioria dos pequenos e bizarros mecanismos eram muito complicados para serem práticos, prudentes ou funcionais. Qual era o objetivo?

Depois de ter pensado muito, Jill finalmente concluiu que o verdadeiro quadro de diretores da Umbrella, aqueles que ninguém conhecia, eram fanáticos paranóicos. Eles eram crianças auto-envolvidas, brincando com jogos de agente secreto e apostando com a vida de outras pessoas, só porque podiam. Porque ninguém nunca os explicou que esconder brinquedos e fazer mapas do tesouro era algo que as pessoas superavam com o crescimento.

E porque ninguém as impediu. Ainda.

De repente, animada para acabar com tudo, colocar a engrenagem, tocar o sino e apenas partir, Jill respondeu para Carlos do modo mais simples. “Eles são loucos, por isso. Cem por cento malucos de primeira categoria.

Está pronto para sair daqui, ou não?”.

Carlos acenou soberbamente, e depois de olhar em volta pela última vez, eles voltaram por onde vieram.

Capítulo 18

Carlos observou Jill subir a escada de mão outra vez, tentando não elevar as esperanças de novo. Se isso não funcionar, ele ficaria profundamente – não, magistralmente decepcionado.

Dane-se. Se não funcionar, nós deveremos apenas sair, ou ver se podemos chegar àquela fábrica e conseguir uma carona. Ela está certa, esse pessoal é andar lurias, perdidos no espaço; o quanto antes sairmos de seu território, melhor.

Ele olhou neutramente para o escuro pátio por mais alguns momentos, tão distraído que imaginou como faria mais alguma coisa, como daria outro passo; parecia impossível. Tudo o que motivava era seu desejo de partir, sair daquele holocausto e recuperar-se.

Quando o primeiro e estrondoso badalar de sinos surgiu, o profundo e oco tom ecoando do topo da torre, Carlos percebeu que não podia esconder sua esperança. Ele tentou, dizendo a si que poderia haver um problema no programa, dizendo que a Umbrella enviaria assassinos, que o piloto seria um zumbi; nada adiantou. Um helicóptero estava a caminho, ele sabia, ele acreditava; ele só esperava que a equipe de resgate não tivesse problemas para achar um local de pouso – holofotes! Havia quatro deles na laje e uma velha caixa de controle perto da porta; a luz guiaria o helicóptero mais rápido. Carlos correu para a caixa, erguendo o olhar para ver se Jill já estava descendo. Ainda não – e quando olhou para frente de novo, ele viu que não estava sozinho. Como num passe de mágica, a gigante e mutilada aberração que vinha perseguindo Jill, simplesmente estava lá, perto o bastante para Carlos sentir o cheiro

de queimado, rosnando, seu apertado e desorientado olhar voltado para o topo da escada.

“Carlos, cuidado!”. Jill gritou, o monstro Nêmesis o ignorou completamente, seus tentáculos que pareciam cobras sem olhos debatendo-se em volta de sua colossal cabeça. Mais um passo e estaria na base da escada – e Jill ficaria encurralada.

– ela disse que balas não o machucavam – Desesperado para fazer algo, Carlos viu o grande botão verde no painel dos holofotes e correu para ele, incerto sobre o que esperar. Distraí-lo, talvez, se tiverem sorte – e todos os quatro holofotes acenderem de uma vez, cegando-o, aquecendo instantaneamente o ar em torno deles e iluminando a torre, provavelmente visível a quilômetros. Uma das luzes estava completamente no rosto da aberração. A luz forçando a coisa a recuar um passo, mãos gigantes cobrindo os olhos, e Carlos agiu.

Ele correu para o cego Nêmesis, a M16 alta, e bateu o rifle contra seu peito, o mais forte que pôde.

Desequilibrado, o monstro cambaleou para trás, suas pernas tocando o antigo parapeito – e com um frágil estalo, uma larga seção do parapeito cedeu, caindo na escuridão, Nêmesis mergulhando logo depois. Carlos ouviu um doentio thump lá embaixo no mesmo instante que as lâmpadas super-aqueceram e desligaram, deixando formas escuras flutuarem nos olhos de Carlos por um momento.

O grandioso e melódico badalar continuava enchendo o ar enquanto Jill descia da escada e empunhava o lança-granadas, juntando-se à Carlos no parapeito quebrado.

“Eu... obrigada”. Jill disse, olhando nos olhos dele, seu próprio olhar sincero e estável. “Se você não tivesse acendido as luzes, eu

estaria morta. Obrigada".

Carlos ficou impressionado e um pouco agitado com sua sinceridade. "De nada". Ele disse, de repente muito ciente do quanto atraente ela era – não só fisicamente – e o quanto pouca era a experiência que tinha com mulheres. Ele era um mercenário autodidata de vinte e um anos, e não teve exatamente todo o tempo do mundo e oportunidade para namorar.

Ela não deve ser tão velha, vinte e cinco pelo lado de fora, e talvez ela – Jill estalou os dedos na frente dele, trazendo-o de volta à realidade e lembrando-o do quanto cansado estava.

Ele esteve totalmente fora de si.

"Você ainda está comigo?".

Carlos acenou, limpando a garganta. "Sim, desculpe. Você disse algo?".

"Eu disse que precisamos ir. Se ele ainda está irritado com uma granada na cara, eu duvido que uma queda do segundo andar o mataria".

"Certo". Carlos disse. "É melhor nós darmos uma volta. Eles provavelmente jogarão uma corda se não puderem aterrissar".

Jill acenou. "Vamos lá".

Iluminado por dentro pela profunda voz do oco metal, Carlos imaginou de repente se Nicholai ainda estava vivo – e se estivesse, o que faria ao ouvir os sinos?

Nicholai ouviu os sinos no caminho de volta para o centro e rosnou irritado, recusando-se a cair na isca. Ele não esperava que o trio fosse conseguir, mas e daí? Davis Chan tinha arquivado outro relatório, de uma boutique feminina, e Nicholai queria perseguí-lo.

E por que me importar se eles fugiram com suas vidas miseráveis, com tudo o que consegui?

Nicholai tirou a caixa metálica do bolso pela terceira vez desde que deixou o hospital, incapaz de resistir. Dentro havia um frasco de vidro com um líquido roxo sintetizado que o assistente de Aquino tinha deixado para trás.

Nicholai sabia que seria mais seguro armazenar a amostra em algum lugar, porém o pequeno frasco representava sua autoria perante os outros Watchdogs e uma recente elevação de status com a Umbrella; ele era um líder, um supervisor de homens inferiores, e descobriu que carregar a vacina e tocá-la de vez em quando, o fazia se sentir poderoso. Sustentado, de certo modo.

Sorrindo, Nicholai guardou a caixa no bolso à fácil alcance, e começou a andar de novo, ignorando as badaladas. As coisas estavam indo muito bem – ele tinha a vacina; ele sabia onde Chan estava e onde Franklin estaria em menos de quarenta e oito horas; ele já tinha equipado o hospital para explodir e apertaria o botão assim que seu encontro com Franklin acabasse. Nicholai pensou em dar um pulo na fábrica e livrar-se de Terence Foster enquanto esperava por Franklin, havia tempo de sobra – do mesmo jeito que havia tempo para caçar Mikhail, fingir ser um nobre membro da equipe e decidir qual deles morreria primeiro...

Os clamorosos sinos vibravam nele, seguindo-o para lembrá-lo de seu fracasso, mas ele se recusou a se distrair com a fuga dos três incompetentes. Ele estava se aproximando do centro, podia ver as combinadas chamas das centenas de pequenos e não tão pequenos incêndios encaixotando a escura cidade; mesmo se quisesse, ele não voltaria para a torre do relógio antes do primeiro helicóptero chegar. E ele não queria. Ele teve a oportunidade depois de ter matado Aquino, mas decidiu que não valia seu tempo. Foi a decisão

certa... e as estranhas dúvidas que se reviravam dentro dele com o som dos sinos deviam ser ignoradas; não significava nada, o fato de terem sobrevivido, não significava que eram tão bons quanto ele.

Além disso, ele ainda tinha que derrubar alguns cães para garantir seu monopólio de informações. Ele acreditava que Chan podia ter decidido ficar na boutique de onde reportou, já que era tão tarde. Nicholai iria matá-lo, pegar seus dados e passar a noite em algum lugar na cidade. Na reunião dos Watchdogs, foi falado que a comida era escassa, mas Nicholai sabia que podia se virar – comida enlatada, talvez. Pela manhã, ele faria seu próprio relatório para manter seu disfarce, e passaria o dia caçando suas próprias informações, indo à oeste novamente.

Tudo estava bem, e enquanto cruzava os subúrbios na direção da cidade, o som de um helicóptero e aproximando não o incomodou nem um pouco. Deixe aqueles molengas desgraçados correrem, ele sentia-se ótimo, sob controle, melhor do que ótimo. Só estava com dor de cabeça por causa dos malditos sinos.

Eles refizeram todo o caminho pela torre do relógio, Jill querendo ter certeza antes de saírem e encontrarem-se com o helicóptero, de que Nêmesis tinha se confundido ou que tivesse muito tempo para andar por aí. Enquanto andavam eles inventaram uma história para contar ao comandante da evacuação – Jill seria Kimberly Sampsel (o nome de sua melhor amiga da quinta série), ela trabalhava numa galeria de arte local, não tinha família e mudou-se para Raccoon recentemente. Carlos a tinha achado logo depois que seu líder de pelotão foi morto por zumbis, o outro único membro sobrevivente da U.B.C.S.. Juntos, eles chegaram na torre do relógio e fim de história.

Eles decidiram não mencionar Nicholai, Nêmesis, ou qualquer outra criatura não identificada que encontraram; a idéia era parecer

o mais ignorante possível em relação aos fatos. Nenhum deles queria testar a lealdade da equipe de resgate, e Jill não tinha dúvidas de que haveria alguém no helicóptero para interrogá-los, sendo assim quanto mais simples a história, melhor. Eles só tinham que rezar para que ninguém tivesse a foto dela em mãos.

Eles se preocupariam em fugir deles depois de terem saído da cidade.

Eles pararam na porta dupla da entrada do saguão por um momento, olhando um para o outro, Jill sentindo uma estranha mistura de felicidade e ansiedade. O resgate estava vindo, porém estavam tão perto de fugir que ela sentiu medo de algo dar errado.

Talvez seja porque a Umbrella esteja fazendo o resgate, só Deus sabe se eles não vão esquecer o caminho de volta...

“Jill? Antes de partirmos, eu quero te dizer uma coisa”. Carlos disse, e por alguns segundos, Jill pensou que sua ansiedade estava preste a ser confirmada, de que ele iria contar algum segredo terrível que vem guardando – mas então viu suas cuidadosas e pensativas expressões, e pensou diferente.

“Tá bom, manda”. Ela disse neutramente, pensando no modo como ele a olhou na laje. Ela já tinha visto esse olhar antes, em outros homens – e não sabia o que sentir ao certo com isso vindo de Carlos. Antes de partir para a Europa, Chris Redfield e ela estavam ficando bem próximos...

“Antes de vir para cá, eu fui avisado por um cara sobre Raccoon, sobre o que estava acontecendo”. Carlos começou, e Jill teve bastante tempo para se sentir uma idiota com sua suposição.

Trent!

“Ele me disse que passaríamos por maus bocados e se ofereceu

para me ajudar. Eu pensei que ele fosse louco a princípio – ".

"– mas aí você chegou aqui e descobriu que ele não era".

Carlos a encarou. "Você o conhece ou algo assim?".

"Provavelmente tanto quanto você. Aconteceu o mesmo comigo, pouco antes da mansão, ele me deu informações sobre ela – e me disse para tomar cuidado em quem confiava. Trent, não é?".

Carlos acenou, e apesar de ambos terem aberto a boca para falar, nenhum deles disse uma palavra. Foi o som do helicóptero se aproximando que os interrompeu, que fez ambos sorrirem e trocarem olhares de alegria e alívio.

"Vamos falar dele mais tarde". Carlos disse, abrindo as portas, o bater das pás de helicóptero enchendo o saguão enquanto os dois saíam para o pátio.

Jill só viu um deles mas não se importou, obviamente não restava mais ninguém para evacuar, e assim que a aeronave pairou sobre o bonde batido, ela e Carlos começaram a acenar com os braços e gritar.

"Aqui! Nós estamos aqui!" . Jill gritou, e até viu o rosto barbeado do piloto, o sorriso dele iluminado pelas luzes do painel enquanto se aproximava – perto o bastante que pôde ver seu sorriso desaparecer no mesmo instante que ouviu uma arma disparar à sua direita, um olhar de crescente terror na jovem face do piloto.

Shhhh – Uma linha de fumaça colorida, riscando na direção do helicóptero, vindo de alguém no telhado das salas adjacentes da torre, superfície ao ar, bazuca ou um lança mísseis – BOOM!

"Não". Jill sussurrou, mas o som ficou perdido assim que o míssil atingiu o helicóptero e explodiu, Jill pensando vagamente que deveria ser um míssil com sensor térmico para causar os danos

que estava causando enquanto a aeronave girava na direção deles, adernando para um lado, fogo saindo pela despedaçada cabine.

Carlos agarrou seu braço e a puxou, quase a tirando de suas botas, levando-a para o pátio enquanto um alto e ascendente relincho estourava sobre eles, o helicóptero em chamas avançando desgovernado enquanto se abaixavam atrás da fonte – e então a aeronave colidiu com a torre. Pedaços de metal, pedra e madeira em chamas choveram sobre eles enquanto o helicóptero perfurava a cobertura do saguão, e como a voz da destruição, Jill ouviu o triunfante grito de Nêmesis elevar-se sobre tudo.

Capítulo 19

Carlos ouviu o grito do monstro e começou a se levantar, ainda segurando o braço de Jill. Eles tinham que fugir antes que ele a visse – e as portas do prédio abriram fortemente como se fossem feitas de madeira balsa, destroços do helicóptero saindo num estouro de estilhaços fumegantes.

Antes que Carlos pudesse se abaixar, um grande pedaço de pedra escura da parede externa do prédio socou seu lado esquerdo. Ele ouviu e sentiu uma costela ceder, sentindo no mesmo instante a intensa dor.

“Carlos!”.

Jill curvou-se sobre ele, seu olhar indo para frente e para trás entre ele e a parte da torre que não podia ver, o lança-granadas ainda firme nas mãos dela. O Nêmesis tinha parado de roncar; entre isso e o súbito e brutal silêncio dos sinos, Carlos podia ouvir algo batendo pesadamente no chão, seguido pelo esmagamento de frágeis pedras em um lento e constante ritmo. Crunch. Crunch.

Está vindo, ele pulou do telhado e está vindo – “Corre”. Carlos disse, e viu que ela entendeu, que não tinha escolha, decolando um segundo antes. Com as botas chutando o chão, ela o deixou sozinho o mais rápido que pôde.

Carlos virou a cabeça e se sentou, não querendo sentir a dor, e viu a criatura de pé numa pilha de concreto quebrado e madeira em chamas, sem perceber que a bainha de seu colete de couro estava pegando fogo enquanto o olhar da coisa procurava Jill. Como antes, ele não parecia ver Carlos.

Desde que eu não cruze seu caminho, Carlos pensou, apoiando-se nas frias pedras da fonte, levantando seu rifle. Não está doendo, não está, não está.

Com um único e poderoso movimento, Nêmesis ergueu o lança-mísseis até o ombro e mirou enquanto Carlos começava a atirar.

Cada chacoalho da M16 mandava um novo pulso de agonia através de seus ossos, mas sua mira era boa apesar da dor. Pequenos buracos escuros apareceram no rosto da criatura, e Carlos pôde ouvir o ping do ricochete no lança-mísseis. Os carnudos tentáculos que se ergueram sob o longo casaco do monstro, debatiam-se na parte superior do corpo como se estivessem fora do controle, enrolando e desenrolando com uma grande velocidade.

Carlos viu que ele estava virando a bazuca na sua direção, mas continuou atirando, sabendo que não conseguiria se levantar a tempo e correr. Fuja, Jill, vai!

O monstro o viu e atirou, e Carlos viu o estouro de luz e movimento vindo até ele, sentiu o calor do míssil anti-tanques altamente explosivo brilhando contra sua pele – e de alguma forma não estava morto, mas algo não muito longe atrás dele explodiu. A força da explosão levantando e arremessando-o contra a lateral da fonte; a dor era espetacular e mau ficou consciente, determinado a dar mais alguns segundos para Jill.

Parcialmente deitado na beira da fonte, Carlos começou a atirar de novo, mirando no rosto, balas indo para todo lado enquanto lutava para controlar a arma.

Morra, apenas morra logo... mas não estava morrendo, nem se quer estava vacilando, e Carlos sabia que só tinha meio segundo antes de virar uma mancha no gramado.

O lança-mísseis estava apontado diretamente para o rosto de

Carlos quando aconteceu, um tiro em um em um milhão – Carajo! – assim que um dos pings metálicos tornou-se uma explosão, uma súbita e quente luz aparecendo. O monstro foi empurrado para trás assim que sua arma desintegrou, caindo fora de visão.

O rifle de Carlos secou. Ele esticou o braço para pegar outro pente e houve mais dor. Ele perdeu o caminho da luz, a escuridão levando-o ao chão.

Jill viu Carlos cair e ficou onde estava, de pé entre o bonde e uma cerca viva. Ela viu Nêmesis sumir, jogado nos destroços em chamas com a falha de sua bazuca, mas sua confirmada habilidade para driblar a morte a manteve longe de Carlos. Se ainda estiver vindo, ela queria mantê-lo concentrado somente nela.

O lança-granadas parecia leve em suas mãos, alta adrenalina dando-a uma segunda vontade de vingança – e quando Nêmesis se ergueu, com um ombro queimado, sua carne vermelha e preta inchada e visível sob a roupa arruinada, Jill atirou.

A “granada” carregada com chumbo grosso, como se fosse um super cartucho de escopeta, enviou uma concentrada explosão de milhares de projéteis pelo pátio – mas errou completamente o uivante Nêmesis, o tiro cavando novos buracos no que restou da fachada frontal da torre.

Nêmesis parou de gritar mesmo com seu peito ainda queimando, a pele quebradiça e chamuscada agora. Ele virou seu corpo para Jill enquanto ela abria a arma e a carregava com outro cartucho de sua mala, rezando para que ele estivesse mais seriamente ferido pelo tiro de sorte de Carlos do que parecia.

Ele abaixou a cabeça e correu para ela, sua gigante disparada levando-o rapidamente até ela. Em um segundo tinha cruzado o pátio, seus tentáculos espalhados como se fossem agarrá-la.

Jill saltou para a esquerda e começou a correr cegamente, ainda segurando o cartucho, passando entre um canteiro de arbustos e o muro oeste do pátio. Ela pôde ouvi-lo entrar no caminho atrás dela ao terminar o percurso; ele quase a pegou, sua velocidade era extraordinária, deixando-o a um braço de distância enquanto contornava o fim do canteiro – e algo acertou seu ombro direito, algo sólido e liso, escavando sua pele como um gigante dedo sem ossos. Ele picou, mil vespas inundando seu sistema com veneno ao mesmo tempo, e ela entendeu que um dos tentáculos a tinha picado.

Ahdrogadrogadroga, ela não podia pensar nisso, não havia tempo, mas Nêmesis parou de repente, jogou a cabeça para trás e contou sua vitória às frias estrelas, e Jill parou, colocou o cartucho na arma e a desdobrou ao meio para fechar – e atirou quando ele partiu para cima dela de novo. O tiro acertou o berrante Nêmesis bem abaixo do lado direito da cintura, perfurando a carne de sua coxa, pedaços de pele e músculo voando atrás dele – e ele caiu depois de alguns momentâneos passos, com um espirro de pele devastada.

Apressada para recarregar, Jill acabou derrubando o penúltimo cartucho no chão, rolando para longe. Ela conseguiu segurar o quinto firmemente e estava fechando a arma quando Nêmesis sentou, olhando para ela.

Jill mirou na parte debaixo das costas e atirou, o trovão da arma apenas um abafado som sob o apito em seus ouvidos. Nêmesis estava se movendo, levantando ao ser atingido, os projéteis acertando baixo e à esquerda, o que seria um tiro renal fatal para humanos. Aparentemente não para o matador de S.T.A.R.S.. Ele cambaleou e ficou de pé, começando a se afastar mancando, uma das gigantes mãos cobrindo o novo ferimento.

Indo embora, ele está indo embora – Seus pensamentos eram lentos e pesados. Levou um tempo para ela entender que sua partida não era algo bom. Ela não podia deixá-lo partir, deixá-lo se recuperar para voltar – ela tinha que tentar matá-lo enquanto estava fraco.

Jill sacou sua Python e tentou mirar, mas sua visão dobrou de repente e não conseguiu se concentrar na figura fugindo, arrastando-se pelos destroços em chamas. Ela sentiu-se tonta e febril, e pensou com certeza que tinha sido infectada pelo T-virus.

Ela não precisava ver o ferimento no ombro para saber se era grave, ela podia sentir o sangue deslizando pelo seu lado, encharcando a cintura de sua saia. Ela queria acreditar que o vírus estava sendo lavado de seu sistema, mas não podia se enganar, mesmo estando tão ferida.

Por alguns segundos ela considerou a .357 carregada em sua mão – e depois pensou em Carlos, e sabia que devia esperar. Ela tinha que ajudá-lo se pudesse, ela devia isso a ele.

Convocando o resto de sua força, Jill foi até Carlos. Ele estava perto da fonte, gemendo e meio consciente, machucado, mas ao menos não via sangue, talvez estivesse bem...

Foi seu último pensamento antes de sentir seu corpo a trair desistindo, derrubando-a no chão e deixando-a num sono muito profundo.

Escuro, badalar, e escapar, fogo e escuridão e balas, não posso ouvir, Jill correndo do fogo e a coisa atirando, míssil de alto poder apontado – apontado para minha – cara.

Carlos voltou a si apressado, confuso, dolorido e procurando pelo combate, por Nêmesis e Jill. Ela terá problemas se aquela coisa pegá-la...

Era uma quieta e calma noite, fogo baixo queimando por toda parte, iluminando com um laranja dançante e quente o bastante para fazê-lo suar. Carlos forçou a sim mesmo para se mexer, engatinhando para ficar de pé e segurando suas costelas firmemente, seus dentes apertados de dor. Fraturada ou quebrada, talvez duas delas, mas precisava pensar em Jill agora, tinha que esquecer os efeitos das várias explosões e – "Ah, não". Ele disse, esquecendo sua dolorida exaustão e correndo para ela. Jill estava caída num caminho de grama queimada, perfeitamente imóvel exceto pelo constante sangramento em seu ombro direito. Ainda estava viva, mas talvez não por muito tempo.

Carlos engoliu sua dor e a levantou, o peso morto de seu corpo fazendo-o querer gritar, com a insanidade que tinha se desenrolado e crescido em Raccoon, que tinha imposto suas impiedosas garras sobre Jill e ele. A Umbrella, monstros, espiões, e até Trent – tudo isso era loucura, era um conto de fadas de terror... mas o sangue era bem real.

Ele a segurou firme, virando e procurando. Ele tinha que levá-la para dentro, para um lugar seguro, um lugar onde poderia tratar seus ferimentos, onde ambos pudessem descansar um pouco. Havia uma capela na quase intacta asa oeste; não havia janelas e a porta tinha boas travas.

"Não morra, Jill". Ele disse, e esperou que ela estivesse ouvindo enquanto o carregava pelo pátio em chamas.

Capítulo 20

Tempo passando. Escuro, escuro e fragmentos de milhares de sonhos, girando até ganharem foco para uma breve olhada antes de se embaralharem de novo. Ela era uma criança na praia com seu pai, o gosto de sal no vento. Ela era uma adolescente bobona, apaixonada pela primeira vez; uma ladra, roubando de estranhos ricos como seu pai lhe havia ensinado; uma estudante, treinando para o S.T.A.R.S., aprendendo como usar suas habilidades para ajudar as pessoas.

Mais escuro. O dia em que seu pai foi preso por um grande roubo. Amores que traiu, ou que a traíram.

Sentimentos de solidão. E sua vida em Raccoon City, a completa morte da luz.

Becky e Priscilla McGee, sete e nove anos, as primeiras vítimas. Estripadas, partes delas comidas. Achar o helicóptero acidentado do Bravo Team fora da mansão; o cheiro de pó e podridão lá dentro. Descobrir sobre a conspiração da Umbrella, sobre a corrupção e colaboração de alguns poucos membros do S.T.A.R.S.. A morte do capitão traidor, Albert Wesker, e o ataque final de Nêmesis.

Várias vezes, meio acordada, ela engoliu água fria e dormiu de novo, mais lembranças recentes aparecendo. Os sobreviventes perdidos, as pessoas que tentou salvar, os rostos das crianças em sua maioria. Todos eles se foram. A morte brutal de Brad Vickers. Carlos. O olhar estático e sem emoções de Nicholai, e o sacrifício de Mikhail. E reinando sobre tudo como um epítome demoníaco do mal, o monstro além-Tyrant, a nêmese, sua terrível voz chamando por ela, seus terríveis olhos a seguindo por onde quer que fosse, não

importa o que fizesse.

A coisa mais perturbadora, apesar de tudo, era que havia algo acontecendo com seu corpo, e estava muito desacordada, e não menos desagradável com isso. Era como se suas veias estivessem aquecendo e expandindo. Como se cada célula estivesse engordando e ficando pesada com estranhos temperos, grudando nas células ao redor, todas fervendo levemente. Como se o corpo inteiro fosse um vaso cheio de calor líquido.

Finalmente, o gentil som de chuva correu pelos limites de sua plenitude e ela ansiou por vê-la, por sentir sua frieza na pele, mas era uma longa luta para abandonar a escuridão. Seu corpo não queria, protestando em voz alta quando chegava perto da superfície de cinza, a penumbra entre os sonhos e a chuva – mas determinada, ela venceu.

Capítulo 21

Carlos estava sentado com suas costas contra a porta comendo um coquetel de frutas de uma lata quando ouviu Jill se agitar, o regular e consistente som de sua profunda respiração ficando mais leve. Ela virou a cabeça de lado a lado, ainda adormecida, porém, o movimento foi a ação mais deliberada que viu em quarenta e oito horas.

Ele se levantou o mais rápido que pôde, forçado a tomar cuidado com o beliscão de suas costelas amarradas bem apertado, e se apressou até o altar elevado onde ela estava.

Ele pegou a garrafa d´água na base do tablado, e quando levantou de novo, ela abriu os olhos.

“Jill? Eu vou te dar água agora. Tente me dar uma força, tá bom?”.

Ela acenou, e Carlos sentiu-se cheio de alívio, apoiando sua cabeça no alto enquanto ela tomava alguns goles da garrafa. Foi a primeira vez que respondeu claramente, e sua cor parecia boa. Por dois dias ela bebeu quando ele a fez beber, ao menos engolia apesar de ter estado branca como um fantasma e completamente fora de si.

“Onde estamos?”. Jill perguntou fracamente, fechando seus olhos enquanto deitava a cabeça no travesseiro improvisado, um pedaço e carpete enrolado. O cobertor era feito de cortinas não queimadas que achou no salão do lado de fora.

“Na capela da torre do relógio”. Ele disse suavemente, ainda sorrindo. “Nós estamos aqui desde – desde que o helicóptero caiu”.

Jill abriu os olhos de novo, obviamente ciente e consideravelmente concentrada. Ela não estava infectada, ele esteve com muito medo, mas ela estava bem, tinha que estar.

“Quanto tempo?”.

Falar parecia tão cansativo para ela que Carlos tentou resumir tudo o que tinha acontecido, para economizá-la perguntas. “O Nêmesis atirou no helicóptero e nós dois fomos feridos. Seu ombro estava... machucado, mas eu tenho trocado os curativos e não parece haver infecção. Nós estamos aqui há dois dias, nos recuperando, você dormiu o tempo todo. Hoje é primeiro de Outubro, eu acho, o sol se pôs há uma hora e está chovendo desde a noite passada...”.

Ele parou, sem saber o que mais dizer e não querendo que ela voltasse a dormir, não agora. Ele ficou sozinho com os próprios pensamentos durante muito tempo.

“Ah, eu achei uma caixa de coquetel de frutas no baú daquela sala de estar – aquela com o tabuleiro de xadrez, lembra? Água também, alguém estava estocando, eu acho, sorte a nossa. Eu não quis deixa-la sozinha, eu estive, é, cuidando de você”. Ele não disse que a esteve limpando, trocando as cortinas sob ela quando necessário; ele não quis deixá-la constrangida.

“Você está ferido?”. Ela perguntou, franzindo, piscando devagar.

“Umas duas costelas fraturadas, nada demais. Bom, talvez quando precisar puxar a fita adesiva, isso vai doer que nem uma desgraça. Tudo o que consegui achar foi fita isolante”.

Ela sorriu de leve, e Carlos suavizou a voz, quase com medo de perguntar. “Como você está?”.

“Dois dias? Sem mais helicópteros?”. Ela perguntou, desviando o olhar, e ele sentiu-se um pouco tenso. Ela não tinha respondido sua pergunta.

“Mais nenhum”. Ele disse e percebeu pela primeira vez que suas bochechas estavam vermelhas demais. Ele tocou a lateral de seu pescoço, e sua tensão aumentou, era febre, nada grave, mas ela não a tinha uma hora atrás quando verificou pela última vez. “Jill, como se sente?”.

“Nada mau. Nada mau mesmo, quase sem dor”. Sua voz era constante, não afetada.

Carlos deu um sorriso torto. “Bien, si? Isso é bom, significa que podemos fazer as malas e sair daqui em breve...”.

“Eu estou infectada com o vírus”. Ela disse, e Carlos congelou, seu sorriso sumindo.

Não, não, ela está errada, não é possível.

“Faz dois dias, você não pode estar”. Ele falou firmemente, dizendo a ela o que vem dizendo a si mesmo. “Eu vi um dos outros soldados virar zumbi, não deve ter levado mais de duas horas do momento em que Randy foi mordido até ele mudar. Se você estivesse, algo já teria acontecido”.

Jill rolou para o lado cuidadosamente, franzindo um pouco, fechando os olhos de novo. Ela soou incrivelmente cansada. “Eu não vou discutir com você Carlos. Talvez seja uma mutação diferente por ter vindo do Nêmesis, ou talvez consegui algum tipo de imunidade por ter estado na mansão de Spencer. Eu não sei, mas estou com o vírus”. A voz dela tremeu. “Eu posso sentir, eu posso me sentir piorando!”.

“Tá, tá bom, shhh”. Carlos disse, decidindo que partiria

imediatamente. Ele levaria o revólver de Jill além da metralhadora, e certamente algumas granadas de mão.

O hospital estava perto, e havia pelo menos uma amostra da vacina lá, foi o que Trent disse. Carlos quis ter procurado o hospital antes para pegar suprimentos, mas esteve muito cansado e machucado para sair, a princípio – depois não quis arriscar deixar Jill sozinha e inconsciente, perigoso por vários motivos.

Eu sairei pela frente e seguirei à oeste, ver se consigo achar alguma placa... Trent também disse algo sobre o hospital não ficar lá por muito tempo; Carlos esperava não estar atrasado demais.

“Tente voltar a dormir”. Carlos disse. “Eu vou sair por um tempo, para tentar achar algo que possa ajudá-la. Eu não demorarei”.

Jill já parecia estar meio desacordada, mas ela ergueu a cabeça e forçou para ser clara, falando com cuidado.

“Se você voltar e eu estiver – mais doente, eu quero que me ajude. Eu estou perguntando agora, pois posso não conseguir depois. Você entende?”.

Carlos quis protestar, mas sabia que pediria a mesma coisa se tivesse a doença. Ser sugado até a morte, mas Raccoon era a prova de que havia coisas piores.

Como ter que atirar em alguém com a qual se importa.

“Eu entendo”. Ele disse. “Descanse agora. Eu volto logo”.

Jill dormiu, e Carlos começou a se equipar. Pouco antes de partir, ele olhou para o rosto adormecido dela por um longo momento, silenciosamente rezando para que ela ainda fosse Jill quando voltasse.

O hospital acabou sendo mais perto do que imaginava, a menos de duas quadras de distância.

Nicholai esperou Ken Franklin ansiosamente, sabendo que a morte o Watchdog marcaria o começo do fim do jogo. A crescente frustração de Nicholai estava para acabar.

Isso se o desgraçado aparecer... mas não, ele estava vindo, e depois Nicholai voltaria aos trilhos. Ele olhou pela janela do canto do escritório que escolheu, vasculhando a vazia e escura rua – que também era sua rota de fuga caso o sargento desse trabalho – pela décima vez, querendo que o errante Watchdog se apressasse.

Nada correu como planejado, e apesar de ter feito o melhor possível, Nicholai estava perdendo a paciência. A busca por Davis Chan foi um espetacular fracasso; Nicholai se quer o viu durante os dois dias que ficou na cidade – e por duas vezes o evasivo soldado conseguiu evitar um confronto depois de reportar, fazendo Nicholai correr por toda a cidade.

Nicholai também tinha planejado ir para a “estação de tratamento” da Umbrella e se livrar de Terence Foster no começo do dia, mas se envolveu em outra caçada – ele tinha visto uma americana asiática não infectada perto do R.P.D., vestindo um apertado vestido vermelho sem mangas e segurando uma arma como se soubesse o que fazer com ela. Ela entrou na delegacia e se foi. Nicholai a procurou por cerca de quatro horas, mas não viu a mulher misteriosa de novo.

Sendo assim, três alvos estavam vivos. Pelo menos ele conseguiu coletar algumas informações para seu crédito, descobrindo alguns relatórios particulares de laboratório sobre a força da maioria dos zumbis – mas já teve o bastante, bancando o caçador, comendo grãos enlatados frios e dormindo com um olho aberto. Segundo suas contas, já tinha matado quatro Hunters Beta,

três aranhas gigantes e três brain suckers. E dezenas de zumbis, claro, apesar de não considerá-los de grande importância na contagem, não mais. Eles apenas ficavam mais lentos e mais persistentes; Raccoon já cheirava como uma fossa gigante, e só ficaria pior enquanto os contaminados continuarem se decompondo, virando uma grande e pegajosa pilha de carne mau cheirosa.

Até lá eu já terei partido. Afinal de contas, Franklin estará aqui a qualquer minuto.

Depois de dois dias de objetivos não cumpridos, Nicholai viu seu encontro com Franklin no hospital como algo sólido, algo com o qual podia contar – uma morte certa. E como tem passado longas e solitárias horas imerso no crescente caos de incerteza, a morte de Ken Franklin tinha se tornado extremamente importante. Uma vez morto, Nicholai poderia explodir o hospital; uma vez explodido, Nicholai poderia caçar Chan e Foster, e assim poderia partir. Tudo se encaixaria assim que matasse Franklin.

Enquanto abraçava esse pensamento, ele ouviu passos no corredor. De coração inchado de prazer, Nicholai posicionou-se ao lado da janela e esperou Franklin achá-lo. O bagunçado escritório/depósito ficava no quarto andar, não muito longe de onde havia matado e escondido o Dr. Aquino.

Apareça, Sargento...

Quando o Watchdog abriu a porta, Nicholai estava apoiado casualmente no canto, de braços cruzados. Franklin estava carregando uma VP70 de 9mm top de linha, e a tinha travado no rosto de Nicholai num piscar de olhos.

Nicholai não se moveu.

“Você não devia estar aqui”. Franklin disse friamente, sua voz profunda e mortal. Ele avançou na sala, sem tirar o olhar – ou a

semi-automática – de Nicholai.

É hora de ver quem é mais esperto. Qualquer um poderia armar uma emboscada, mas era preciso uma certa quantidade de inteligência e habilidade para fazer o oponente cair numa. Nicholai fingiu um leve e rude nervosismo.

“Você tem razão, eu não devia. Aquino deveria estar aqui – mas parou de preencher relatórios ontem. Eles pensaram que ele estava muito ocupado, trabalhando no antivírus, mas o estive procurando desde a última noite e não consegui achá-lo”. Na verdade, Nicholai tinha preenchido vários relatórios de status como o nome do Dr.

Aquino desde que o matou, para manter as aparências.

“Quem é você?”. Franklin perguntou. Ele era alto e musculoso, pele bem escura e óculos aparentemente delicados, com armação de arame. Entretanto, não havia nada de delicado no modo como olhava para Nicholai.

Nicholai descruzou os braços e os abaixou bem devagar. “Nicholai Ginovaef, U.B.C.S.… e Watchdog. Eu fui enviado para verificar as coisas quando o doutor se ausentou. Você é Franklin, certo? Você teve algum contato com Aquino desde sua chegada? Ele mencionou onde guardaria a amostra, ou entregou alguma combinação ou chave?”.

Franklin não abaixou a arma, mas obviamente estava confuso. “Ninguém me disse sobre mudança de planos.

Quem você disse que o enviou?”.

Essa parte era arriscada. Nicholai sabia o nome de quatro homens importantes que poderiam ter feito mudanças na agenda da Umbrella, e havia boas chances de que um deles fosse o contato de

Franklin, e já o teria informado.

“Eu não disse”. Nicholai falou. “Mas acho que não há problema em contar... Trent me colocou nessa”.

Ele escolheu o homem do qual sabia menos, mesmo depois de toda sua cuidadosa pesquisa, na esperança de que Franklin também não soubesse muito sobre ele. Trent era um enigma, esgueirando-se em volta dos outros chefões como uma sombra oculta. Nicholai nem sabia seu primeiro nome.

Funcionou para o sargento. Franklin abaixou a arma, ainda desconfiado, mas obviamente querendo acreditar.

“Então, você não achou Aquino? E a vacina?”.

Nicholai suspirou, balançando a cabeça, e depois olhou deliberadamente para a esquerda, para um espaço escondido fora da visão de Franklin, atrás de uma prateleira sobrecarregada. “Nenhum sinal do doutor... mas este era seu escritório, e tem um cofre na parede aqui atrás. Você sabe como abrir uma dessas coisas?”.

Nicholai sabia que Franklin sabia – em eu arquivo pessoal, arrombamento de cofre estava listada entre suas habilidades. Nicholai não dava a mínima se Franklin conseguiria ou não abri-lo; o importante era que para chegar ao cofre, o sargento teria que dar as costas para Nicholai.

Eu sou melhor nisso, melhor do que Aquino, Chan ou esse tolo, eu provarei isso. Eu nunca darei as costas para ninguém, nunca. Claro, seria desonroso de sua parte...

Franklin acenou, guardando a VP70 e andando na direção do canto onde Nicholai estava. “É, sei um pouco.

Mesmo assim eu posso dar uma olhada”.

Nicholai acenou vaziamente. “Bom. Eu estava começando a achar que ficaria preso aqui por um tempo”.

“Talvez fosse o melhor”. Franklin disse, passando por ele até o pequeno cofre embutido atrás da estante. “Do jeito que as coisas estão lá fora, eu tenho pensado em me esconder por um tempo em algum lugar, esperar até as coisas se acalmarem”.

Nicholai deu um silencioso passo até Franklin, olhando a VP70 no coldre. “Não é uma má idéia”.

Franklin acenou, franzindo ao ver o teclado. “Chan está fazendo isso, ele disse que as informações estarão lá amanhã, então porque não, não é?”.

Davis Chan!

Nicholai conteve-se parado, decidindo – e então avançou e puxou a 9mm, não querendo dançar pelo que queria. Ele empurrou Franklin ao mesmo tempo, desequilibrando-o, usando a fração de segundo de sua recuperação para exibir a pesada arma.

“Chan – me diga onde ele está e você vive”. Nicholai falou. Com a mão livre, ele tocou a vacina no bolso, para dar sorte. Ela tinha virado uma espécie de talismã para lê, um lembrete de como ele era bom – e dava sorte, ele sabia.

Franklin e agora Chan, os dois únicos Watchdogs sem local de reportagem definido. Incrível.

Franklin recuou um passo, de mãos para o alto. “Ei, vá com calma – ”.

“Onde ele está?”.

Franklin estava suando. “Na estação de rádio, tá bom? No cemitério. Olha, eu não te conheço, e não me importa o que está

fazendo – ”.

“Ótimo”. Nicholai disse, e baleou Franklin no abdômen, duas vezes.

“Uuh!”. Franklin gemeu forte enquanto sangue espirrava na parede atrás dele. O sargento foi para trás e caiu sentado, de braços espalhados, com uma expressão de surpresa em suas escuras feições. Nicholai ficou um pouco surpreso; ele esperava algo melhor de um dos cães soldados.

Nicholai ergueu a arma, mirando-a na testa de Franklin – quando ouviu a porta abrir, botas entrando na sala. Com a arma ainda apontada para Franklin morrendo, Nicholai agachou-se e espiou através de um espaço na estante – e viu Carlos Oliveira parado, olhando em volta atentamente, apontando um pesado revólver .357, certamente tentando descobrir de onde os tiros vieram.

Era um presente do destino. Nicholai se fez visível, o olhar idiota de Carlos focalizado antes mesmo de perceber que havia alguém na sala.

“Te peguei”. Nicholai sussurrou.

Capítulo 22

Nicholai o pegou de jeito. Carlos largou o revólver e ergueu as mãos. Ele tinha que ganhar tempo.

Fale com ele, ganhe sua atenção. Jill precisa tê-lo de volta, com ou sem vacina.

“Hola, colega”. Carlos disse de leve. “Fiquei pensando se o veria de novo, depois que nosso passeio para fora do centro explodiu em porcaria. Foi um monstro, acredite se quiser. Então, qual é a sua história? Matou algo interessante ultimamente?”.

De trás de uma estante junta à parede lateral, alguém gritou de dor. Nicholai não desviou o olhar, e Carlos pôde ver que ele tinha o tato certo. Nicholai estava presunçoso, irritado... e intrigado.

“Estou para matar você – sendo assim, não, nada interessante. Me diga, Mikhail já morreu? E como está a vadia da sua amiga, Srta. Valentine?”.

Carlos olhou fixamente para ele. “Ambos mortos. Mikhail morreu no bonde e Jill contraiu o vírus. Eu... eu tive que derrubá-la algumas horas atrás”. Ele provavelmente não se safaria dessa e não queria Nicholai atrás de Jill; Carlos rapidamente mudou de assunto. “Você atirou em Mikhail, não foi?”.

“Atirei”. Os olhos de Nicholai cintilaram. Ele tocava o bolso da frente enquanto falava, tirando algo que parecia ser um porta cigarros de metal. “Se tivesse tanta sorte, essa seria a cura para o que matou sua amiga. Se você tivesse chegado mais cedo... de certo modo, suponho que eu seja em parte, responsável por ambas as mortes, você não acha?”.

A amostra. A única coisa que poderia salvar Jill agora, e Carlos estava sob a mira da arma de um maluco que a possuía.

Pense! Pense em algo!

Houve outro áspero lamento de dor atrás da estante. Carlos inclinou a cabeça e pôde ver um homem caído nos fundos da sala, visível entre duas pilhas de arquivos. Carlos não conseguia ver seu rosto, mas a barriga dele estava ensopada de sangue.

“E aquele cara soma três.”. Carlos disse, tentando desesperadamente manter a conversa, tentando não encarar a caixa metálica que Nicholai segurava. “Você não é do tipo que corre atrás? Me diga se isso tem um propósito, ou apenas gosta de matar pessoas?”.

“Eu gosto de matar pessoas que são tão inúteis quanto você”. Nicholai disse, colocando a vacina em seu bolso aberto. “Você consegue pensar em uma razão para merecer viver?”.

Outro gemido veio do homem atrás da estante. Carlos olhou entre as pilhas de novo e viu uma granada de impacto em suas trêmulas mãos, o anel já puxado; Carlos percebeu que o homem devia ter gemido para encobrir o som, e uma parte sua admirou o claro pensamento, tudo um instante antes de começar a recuar, mãos ainda erguidas. A granada era uma RG34, o mesmo modelo que Carlos tinha em seu colete, e queria o máximo de distância possível.

“Eu sou um excelente atirador, eu tenho uma natureza generosa, e uso o fio dental todos os dias”. Carlos disse, recuando outro passo, tentando parecer profundamente assustado e cobrindo-se de bravura.

“Vai ser um baita desperdício”. Nicholai disse sorrindo, estendendo o braço.

Jogue a maldita granada!

“Por quê?”. Carlos perguntou rapidamente. “Por que está fazendo isso”.

O sorriso de Nicholai se transformou, virando o mesmo sorriso predatorial que Carlos o viu usando no helicóptero, o que parecia ter acontecido há milhões de anos.

“Eu tenho qualidades de liderança”. Nicholai disse, e pela primeira vez, Carlos pôde ver a insanidade em seus tenebrosos olhos. “Isso é tudo o que precisa saber—”.

“Morra!” . O homem ensangüentado disse. Carlos percebeu um piscar de movimento atrás da estante, e já estava mergulhando, tentando se esconder atrás de uma mesa quando uma janela quebrou e – BOOM, pastas e livros voaram pelo ar e materiais explodidos choveram, madeira, papel e estilhaços de metal, a pesada estante entortando com um trovão. Ela caiu no chão com um tremendo barulho e tudo ficou quieto, e bagunça por toda parte.

Carlos sentou, um braço envolto em suas latejantes costelas, lágrimas de dor em seus olhos. Ele as ignorou e pegou o revólver enquanto se levantava.

Nicholai tinha sumido. Carlos cambaleou até os destroços no canto, lembrando que uma janela havia quebrado antes da granada explodir. Apesar de estar escuro e chovendo lá fora, Carlos podia ver a cobertura de um prédio adjacente um andar abaixo.

Bam! Bam!

Carlos pulou para trás quando dois tiros acertaram a parede externa, a nem meio palmo de distância de seu rosto. Ele se repreendeu silenciosamente por ter colocado a cabeça fora da janela, como um baboso desatento.

Ele recuou da janela e virou, só para dar de cara com os restos sangrentos e carbonizados do atirador da granada.

“Gracias” . Carlos disse quieto. Ele queria poder pensar em algo mais para dizer, mas decidiu que seria um simbolismo sem utilidade; o cara estava morto, ele não ouviria nada.

Carlos voltou para a sala, pensando, imaginando como alcançaria Nicholai. Não seria fácil, mas não havia outra escolha – e viu o brilho de metal pelo canto do olho e parou. Ele piscou, sentindo um tipo de pavor quando percebeu o que era – e o ergueu, um enorme levantamento de peso para seus ombros e seu coração.

Ele ia salvar Jill. O pendejo maluco tinha derrubado a vacina.

Nicholai andou rapidamente pela chuva na direção da frente do hospital. Está tudo bem, ele estará morto ao toque de um botão e eu o apertarei, eu posso cortar a energia e prendê-lo – Ele riu bem alto de repente, pensando nos tubos de contenção no subsolo onde os Hunters Gamma eram mantidos, cada um flutuando em seu próprio útero transparente. Cortar a energia causaria uma drenagem automática para que não se afogassem com o fluído não-arejado.

Morra, ou morra lutando, Carlos. Nicholai foi esperto, ele tinha pensado à frente e agora só precisava apertar alguns botões, e Carlos ficaria no escuro com os Hunters anfíbios atrás dele, e talvez Carlos fosse morto antes do hospital ir pelos ares, mas iria morrer não importava como.

Jill estava dormindo de novo, e estava doente. Quente e dolorida, e seus sonhos tinham sumido, pulsando, substituídos por contorcidas sombras. Sombras com texturas imperfeitas e nevoentas. Náusea guerreava com um vazio não realizado, com uma sede mortal e um crescente calor.

Ela rolou para um lado e depois para o outro, tentando achar

alívio para a rastejante coceira que tinha se implantado em todo o seu corpo, que fez as feias sombras ficarem maiores enquanto continuava dormindo.

Carlos achou agulhas, seringas e meia garrafa de Betaína*(Nota 6)* no escritório de um médico do terceiro andar. Ele também achou um armário cheio de amostras de remédios, e estava tentando decifrar os rótulos procurando analgésicos, quando as luzes apagaram.

“Droga”. Ele abaixou a amostra, tentando se adaptar ao escuro. Levou cerca de um segundo e meio para acreditar que tinha sido Nicholai, e mais um segundo para decidir que precisava sair de lá, e rápido. Com certeza Nicholai não cortou a energia para que Carlos machucasse do dedão do pé no escuro. Seja lá o que Nicholai estivesse planejando, Carlos achou melhor descobrir outra hora.

Ele saiu da sala para o corredor, devagar, suas mãos à frente. Assim que alcançou a escadaria, as luzes de emergência avermelhadas do hospital ganharam vida. O efeito era de outro mundo, a luz clara o bastante para enxergar, deixando tudo numa suja sombra.

Carlos começou a descer a escada, de dois em dois degraus, de polegar no martelo da Python. Ele ignorou a dor em seu lado, decidindo que tombaria mais tarde quando não estiver com tanta pressa. Ele só conhecia duas opções para sair do hospital – a janela pela qual Nicholai havia pulado e a porta da frente. Certamente haviam mais, mas não queria perder tempo tentando achá-las; em sua experiência, a maioria dos hospitais eram labirintos.

A porta da frente era sua melhor aposta. Nicholai provavelmente não acreditava que Carlos tivesse tanta coragem para usar a saída mais óbvia, assim Carlos esperava.

Ele chegou no patamar entre o primeiro e o segundo andar quando ouviu uma porta abrir violentamente em algum lugar abaixo, ecoando pela escadaria, fazendo-o congelar. O som que se seguiu – o furioso e agitado grito como o de um porco, de uma criatura mutante – o fez voltar a andar. Seus pés mau tocavam os degraus, mas ainda não estava rápido o bastante; enquanto voava pelo último lance, uma monstruosa figura saltou na frente da saída para o andar térreo.

Era gigante, humanóide, alta, larga e pingando meleca. Seu corpo tinha um tom azul-esverdeado escuro, quase preto na fraca luz vermelha. Com suas desproporcionais mãos membranosas e pés, sua grande e arredondada cabeça e boca, lembrava nada mais do que um colossal e melecado sapo.

Sua poderosa mandíbula desceu e outro pontiagudo grito preencheu a escadaria, ecoando. Carlos ouviu pelo menos outros três responderem ao primeiro, um feroz coro emergindo de algum lugar lá embaixo.

Carlos abriu fogo, a primeira bala acertando a porta de metal e criando um ensurdecedor tornado de som. Antes que pudesse apertar o gatilho novamente, a criatura anfíbia estava pulando, gritando enquanto saltava na direção de Carlos, abrindo seus braços musculosos.

Carlos abaixou-se reflexivamente, atirando enquanto escorregava vários degraus abaixo, rolando em seu ferimento para que pudesse acompanhar a queda da criatura. Três, quatro balas plugadas no barulhento corpo anfíbio enquanto caia de ponta cabeça – e estava morto quando aterrissou, escuras gotas de um fluído aguado e repulsivo espumando de seu espasmante corpo.

Carlos ficou de pé, correndo e já cruzando a porta mesmo enquanto ouvia os irmãos da criatura começarem seus ferozes e

ensurdecedores lamentos. Não é tão difícil de matar, talvez, mas não queria considerar suas chances caso houvessem três ou mais deles saltando ao mesmo tempo.

Já no saguão, ele bateu a porta, viu que uma chave era necessária para trancá-la, e virou para procurar algo e bloqueá-la – mas ao invés disso, ele viu uma pequena luz piscando do outro lado, o brilho chamando sua atenção no meio do oceano vermelho de móveis revirados e corpos mortos.

Uma pequena luz brilhando numa pequena caixa, a caixa presa num pilar. O relógio de um conjunto de detonação.

Carlos tentou pensar em algo mais além disso, e não conseguiu, sabendo apenas que não estava lá quando chegou; era uma bomba, Nicholai a tinha colocado, e de repente os monstros sapo eram o menor dos problemas.

Sua mente estava curiosamente vazia enquanto corria pelo saguão, um pânico sem palavras e sem pensamento dominando-o, pressionando-o a correr mais rápido e mais longe, e para não perder tempo pensando. Ele tropeçou sobre um sofá esfarrapado e nem percebeu que tinha caído ou sentido dor, ele estava indo rápido demais, só podia ver as portas de vidro do prédio.

Bam, e passou pelas portas, o negro do asfalto respingando sobre seus pés, chuva garoando em seu rosto suado. Filas de carros amassados e abandonados, brilhando como jóias molhadas sob a luz da rua. O bater de seu estremecido coração – e a explosão foi tão massiva que sua audição não conseguia dar conta de toda ela, um tipo de ka – WHAMM que era mais movimento do que som. Seu corpo foi jogado como uma folha de árvore num quente e violento furacão, o solo e o céu ficando conectados, interligados.

Ele estava derrapando no pavimento molhado, tombando até

parar bruscamente contra um hidrante de incêndio, sentindo a enorme dor em sua lateral e sentindo gosto de sal com o sangramento no nariz.

A quase uma quadra de distância, o hospital tinha sido reduzido a ruínas fumegantes, pedaços menores dele ainda caindo, quebrando no chão como granizo mortal. Algumas partes estavam pegando fogo, mas a maior parte tinha se desintegrado, virando poeira, a poeira assentando e transformando-se em lama enquanto o céu continuava jogando água em tudo.

Jill.

Carlos se fez de pé e começou a mancar de volta à torre do relógio.

Nicholai percebeu que tinha perdido a vacina enquanto se afastava do hospital correndo, quando restava um minuto antes de tudo ir pelos ares. Quando estava tarde demais.

Não havia escolha senão continuar correndo, e foi o que fez, e quando o hospital explodiu, Nicholai ficou andando para lá e para cá a três quadras de distância, perdido em raiva. Tão perdido que não percebia estar gemendo agoniado, que o som estava vindo dele, ou que mordia apertado o suficiente para estalar dois dentes.

Depois de um longo tempo, ele lembrou que ainda precisava matar mais duas pessoas, e começou a se acalmar. Ser capaz de expressar sua raiva seria construtivo; não era saudável guardar ressentimento.

A operação Watchdog era seu interesse. A vacina era um extra, um presente – então, de certo modo, não tinha perdido nada.

Nicholai disse isso a si mesmo várias vezes a caminho de Davis Chan; o fazia se sentir melhor, mas não tanto quanto lembrar de

que havia afiado sua faca antes de ir para Raccoon. Ele tinha certeza de que Chan a apreciaria.

Capítulo 23

Quando Jill acordou, ainda estava chovendo lá fora, e sentiu-se como ela de novo. Fraca, sedenta, faminta e definitivamente sofrendo com o ombro ferido, e cerca de mil dores a menos – mas ainda era ela. A doença se fora.

Desorientada e um pouco confusa, ela sentou devagar e olhou em volta, tentando juntar os pedaços do que tinha acontecido. Ela ainda estava na capela da torre do relógio, e Carlos estava esparramado num dos assentos frontais. Ela se lembrava de ter dito a ele que estava com o vírus, e ele dizendo que estava indo buscar algo...

... mas eu estava doente, eu tinha a doença... e eu não só me sinto melhor agora, como definitivamente não tenho mais o vírus. Como – "Ah, meu Deus". Ela suspirou, vendo a seringa e o frasco vazio no banco do órgão ao lado do altar, entendendo de repente o que tinha acontecido, se não como. Carlos tinha achado o antídoto.

Jill sentou por um momento, levemente coberta pela mistura de emoções que a acertaram – choque, gratidão e relutância em acreditar que realmente estava bem. Sua felicidade por estar viva e razoavelmente bem foi equilibrada pela culpa de ter sido curada enquanto outros morreram. Ela imaginou se existia mais antídoto, e percebeu que poderia haver galões dele em algum lugar, o fato de que dezenas de milhares morreram era simplesmente obsceno.

Finalmente, ela se levantou do leito e pôs-se de pé, esticando-se cuidadosamente, e verificando a si própria.

Considerando tudo o que havia acontecido, ela estava surpresa

com o quanto bem estava. Exceto pelo ombro direito, ela não tinha ferimentos sérios, e depois de beber um pouco d´água, ela finalmente se sentiu acordada e capaz de andar sem qualquer problema.

Nas duas horas seguintes, Jill comeu três latas de coquetel de frutas, bebeu meia garrafa de água, limpou e recarregou todas as armas. Ela também se limpou, o máximo que pôde, com água e uma camiseta suja. Carlos nem se mexeu, profundamente adormecido – e do jeito que estava enrolado e segurando seu lado esquerdo, Jill considerou que a aventura até o hospital tinha sido dura.

Jill também pensou no que fariam depois. Eles não podiam ficar. Eles não tinham suprimentos nem munição para continuarem vivos, e não tinham como saber quando – ou se o resgate estaria vindo; ela nem queria mais supor isso. Por mais difícil que fosse de acreditar, parecia que a Umbrella tinha conseguido encobrir a situação, e se conseguiram por tanto tempo, poderia levar mais alguns dias até a história vazar. E para aumentar a pressão, ela também não conseguia se convencer de que Nêmesis estava morto; assim que estiver recuperado, ele voltaria. Eles tiveram muita sorte por ainda não terem sido atacados.

Antes de se aliar à Carlos, ela estava planejando ir para a instalação abandonada da Umbrella à norte da cidade.

Ela passou a acreditar que não havia nada como um lugar abandonado da Umbrella – eles adoravam demais suas operações secretas – e podiam ter deixado as estradas ao redor abertas para que os funcionários pudessem fugir. Ainda assim, valia a pena olhar, e também foi a melhor opção que encontrou. Além disso, o caminho mais rápido para fora da cidade, a partir de onde estavam, era passando pela fábrica abandonada.

Carlos continuou dormindo, perfeitamente imóvel exceto pelo

levantar de seu peito, seu rosto pesado de exaustão... e uma vez decidido o curso de ação, Jill o observou por um tempo e decidiu que precisava deixá-lo para trás. Era uma decisão bem mais difícil, mas só porque não queria ficar sozinha, um motivo egoísta. A verdade era, ele estava ferido por ter ficado entre ela e Nêmesis, e ela não queria colocá-lo nessa posição de novo.

Eu vou verificar a fábrica, talvez ache um rádio e chame ajuda. Se tudo estiver bem, seguro, eu volto para ele.

Se estiver ruim... bom, eu acho que apenas voltarei se puder. O lugar ficava a quase um quilômetro e meio dali se não lhe falhe a memória, ela podia chegar lá cortando através do Memorial Park, logo atrás da torre do relógio, um passeio bem curto. Era pouco mais de duas da madrugada, ela poderia ir e voltar antes do amanhecer. Com sorte, Carlos ainda estaria dormindo ao retornar, talvez ouvindo boas notícias.

Ela decidiu deixar um bilhete caso aconteça algo no caminho. Ela não conseguiu achar uma caneta ou lápis, mas encontrou uma velha máquina de escrever manual, debaixo de um livro de canções. Ela usou o verso de um rótulo de coquetel de frutas. O teclar das peças era tão calmante quanto a chuva que continuava caindo no telhado, sons que a faziam muito grata por estar viva.

Ela pegou o lança-granadas mesmo sabendo que restava uma bala – Carlos deve ter achado aquela que tinha derrubado no pátio – lembrando do dano que o matador de S.T.A.R.S. tinha causado. Ela também pegou a Beretta, deixando o revólver com Carlos para que tivesse algo mais pesado que a metralhadora. Por precaução.

Jill deixou o bilhete no altar, onde Carlos olharia assim que acordasse, e agachou ao lado dele, tocando sua sobrancelha. Ele estava definitivamente apagado, nem mesmo um reflexo enquanto ela tirava seu cabelo sujo da testa, imaginando como agradeceria

por tudo o que tinha feito.

“Durma bem”. Ela suspirou, e antes que mudasse de idéia, ela levantou e virou, correndo para a porta sem olhar para trás.

Havia uma pequena sala atrás do pequeno cemitério do Memorial Park, normalmente usada para guardar ferramentas. Ela foi tomada como uma das várias estações da Umbrella enquanto ocorria a deflagração em Raccoon – e como um local de descanso para operadores, cada uma em um lugar escondido onde pudessem organizar arquivos sem serem vistos, e receber atualizações gerais da Umbrella, caso tivessem acesso imediato a um computador. Nicholai não tinha planejado parar em nenhuma das estações de recepção; ele achava que eram um risco desnecessário da parte da Umbrella, por mais bem escondidas que estivessem – no cemitério, estava escondida atrás de uma parede falsa. A Umbrella não queria ninguém rastreando sinais vindos da cidade, por isso as estações só recebiam, outra precaução, mas Nicholai ainda as achava perigosas. Se ele quisesse emboscar um agente, ele invadiria uma das estações.

Ou se eu quisesse matar um. Apesar de nesse caso eu só tenha que entrar... ou esperar um pouco.

Ele ficou parado nas sombras de um grande monumento a alguns metros da sala falsa, pensando no quanto bom seria matar o Capitão Chan. Nicholai tinha considerado apenas arrombar a porta escondida e atirar nele, mas precisava relaxar, entrar em um estado de mente melhor. Chan sairia para ir ao banheiro ou para fumar mais cedo ou mais tarde, e permitindo que sua ansiedade crescesse, Nicholai seria capaz de descarregar algumas de suas mais desagradáveis emoções. Ele não fazia isso sempre; ele não era louco ou coisa do tipo, e geralmente preferia as coisas fluindo – mas às vezes, criar um suspense antes de uma morte íntima, era algo que o tirava da depressão.

Nicholai observou a porta – na verdade, um canto com dobradiça – aproveitando a fria chuva apesar de saber o quanto miserável ficaria depois dela, correndo molhado por aí. Ele estava para tirar a vida de alguém. As coisas tinham saído do controle por alguns momentos ao notar a perda da vacina, mas quem estava no controle, agora? Davis Chan estava para morrer e Nicholai era o único que sabia disso, porque tinha decidido o destino de Chan.

E Carlos estava morto, por minha causa. E Mikhail, e três Watchdogs até agora. Ele não podia dizer nada sobre Jill Valentine, mas Nicholai tinha adorado o abalado olhar na cara de Carlos quando foi sugerido. O que sabia, a única coisa que realmente importava, era que seus inimigos estavam mortos e ele ainda estava de pé.

Quando Davis Chan saiu na chuva alguns momentos depois, Nicholai liberou a maior parte de seus sentimentos negativos de auto-compaixão e frustração não direcionada. E quando sua faca terminou com Chan, quinze minutos depois, ele voltou a ser o que era. Chan, claro, não lembrava mais nada humano, mas Nicholai agradeceu sinceramente aos restos mortais por o terem colocado nos trilhos.

2:50h 2 de Outubro

Carlos:

Eu fui para a estação de tratamento de água diretamente à nordeste da torre do relógio, a cerca de um quilômetro e meio. A Umbrella é dona do lugar e pode haver recursos que possamos usar. Eu voltarei assim que der uma vasculhada. Espere por mim aqui, por ao menos algumas horas. Se eu não voltar de manhã, você pode tentar fugir sozinho.

Eu sou muito grata a você, por muitas coisas. Fique aqui e

descanse um pouco, por favor. Eu não demorarei.

Jill

Carlos leu o papel enrolado mais duas vezes, depois pegou seu colete e levantou, olhando no relógio. Ela tinha partido há menos de meia hora, ele ainda podia alcançá-la.

Ficar não era uma opção. Ela tinha deixado ele para trás por estar ferido ou por não quere colocá-lo mais em perigo... nenhuma delas era aceitável para ele. E ele nunca teve a chance de dizer a ela o que Trent havia dito, sobre haverem helicópteros no complexo da Umbrella à noroeste da cidade, porém nordeste de onde estavam agora, depois do passeio de bonde. Obviamente o mesmo lugar.

“Você pode detonar todos os monstros da Umbrella, mas consegue pilotar um helicóptero?”. Carlos murmurou, travando um pente novo na M16. Se ela tivesse acordado ele...

Ele foi para a porta, tão pronto quanto deveria estar, tentando não respirar fundo demais. Machucava, mas ele agüentava. Ele já teve dores piores e conseguiu fazer o que precisava; uma vez, ele andou seis klicks (quilômetros) com um calcanhar fraturado, e não piorou mais do que aquilo.

Carlos não perdeu tempo tentando convencer a si mesmo de que falar sobre Trent era o motivo de estar indo atrás dela. Ele não podia ficar parado sem fazer nada e pronto. Ela estava tentando protegê-lo e ele admirava o sentimento, mas não podia ficar lá e – Nicholai. Ele está lá fora e ela não sabe.

Ele sentiu-se enjoado pensando no malvado brilho dos olhos de Nicholai. Carlos correu para fora da capela e foi para a chuva. Ele tinha que achá-la.

Capítulo 24

A chuva tinha virado um chuvisco, mas Nicholai nem percebeu, andando debaixo de uma grossa cobertura de folhas de outono voltando do cemitério. Outros cinqüenta ou sessenta metros e ele podia cortar à leste, paralelo à trilha que corria direto para a estação de tratamento de água. Ele nunca usava passagens em lugares públicos se podia evitá-las, por não gostar da sensação de exposição.

Na última checagem, Terence Foster ainda estava vivo e bem, arquivando relatórios de status ambiental na estação de tratamento, perfeitamente desinformado de que, como último Watchdog vivo, suas horas estavam contadas. Nicholai já tinha decidido matá-lo na hora, nada de conversa. Ele achou os dados de Watchdog de Chan facilmente; sobre uma pequena mesa na estação de recepção; ele acharia o de Foster, também. Ele faria uma rápida codificação dos dados coletados como seguro de vida, depois chamaria o transporte pelo rádio e marcaria uma reunião com os tomadores de decisões. Nicholai tinha acabado de chegar na fileira de pinheiros atrás da cerca de um dos espelhos d´água do parque, quando viu Jill Valentine andando casualmente pela beira da água sob uma linha de postes de iluminação de ferro batido, e indo na direção que ele queria ir. As luzes baixas refletiam a água nela, dando um ar fantasmagórico a ela, mas com certeza estava viva.

Ele não devia estar surpreso, mas estava. O olhar de dor no rosto de Carlos quando falou sobre ela... Nicholai estava certo de que era verdade, ele não duvidou um segundo de que estava morta.

Ah, bom, foi a última mentira que contou. Muito nobre da

parte dele, tentar proteger a garota de quem ele considerava ser o vilão mais covarde... como se isso fosse me atrasar.

Não seria perda de tempo se ele a matasse agora. Nicholai ergueu o rifle, mirou cuidadosamente na parte de trás da cabeça – e hesitou, curioso apesar da pressa em resolver seus negócios em Raccoon. Como ela conseguiu evitar o caçador de S.T.A.R.S. todo esse tempo? Onde ela estava quando seu amante latino o encontrou no hospital? E para onde exatamente ela estava indo?

Ele decidiu segui-la, pelo menos até aparecer uma oportunidade fácil de conseguir as respostas que queria.

Sendo assim, com ela no caminho principal e ele atrás de uma cerca de um metro, ele não conseguiria se locomover muito bem; mandar ela não se mexer, largar as armas e ficar imóvel enquanto subia a cerca, não era a opção mais desejável.

Nicholai voltou a afundar nas sombras e contou vagarosamente até vinte, deixando-a se afastar o suficiente para não ouvi-lo se mover entre as árvores. Ele a seguiria pela trilha principal até chegar na ponte sobre o grande lago de patos, confrontando ela na metade da ponte onde não havia como fugir.

Satisfeito com seu plano, Nicholai começou a andar o mais quieto possível. Ele já a tinha perdido de vista, e caso não estivesse correndo, ele a alcançaria antes de -–

“Parado”. Sua voz era calma e clara, o cano da semi-automática fortemente pressionado na lateral de sua cabeça. “Ah, mas solte o rifle primeiro, sim”.

Nicholai fez o que ela pediu, chocado, tirando a alça do rifle e deixando-o cair. Como ele foi visto? Como foi que ela conseguiu dar a volta sem que ele percebesse?

E o quanto ela realmente sabe sobre mim?

“Por favor, não atire”. Ele disse, sua voz gaguejando. “Jill, sou eu, Nicholai”.

A arma ficou onde estava. “Eu sei quem você é. E eu sei que está trabalhando para a Umbrella, não só como soldado. O que é a Operação Watchdog, Nicholai?”.

Ela já sabia algo sobre isso. Se ele mentisse, perderia qualquer credibilidade que viesse a ganhar com ela.

Diga e faça o que for preciso. “A Umbrella enviou vários outros e eu para recolher informações sobre os contaminados”. Ele disse. “Mas eu não sabia que seria assim, eu juro, eu nunca teria concordado com isso se eu soubesse. Eu só quero sair vivo, é tudo com que me importo”.

O cano ainda ficou pressionado em sua têmpora. Ela era cautelosa, ele tinha que reconhecer.

“O que você sabe sobre a estação de tratamento de água aqui perto?”. Ela perguntou.

“Nada. Quer dizer, eu sei que a Umbrella é dona, e só. Por favor, você deve acreditar em mim, eu só quero – ”.

“E a vacina para o vírus, o que você sabe sobre ela?”.

A barriga de Nicholai deu um nó, mas manteve as aparências. “Vacina? Não há vacina”.

“Besteira, ou eu estaria morta. Prove que você quer cooperar, e talvez possamos bolar alguma coisa. O que você ouviu sobre uma vacina para o T-virus?”.

Carlos. O olhar em seu rosto quando falou sobre ela... e quando viu a caixa da amostra.

Nicholai não confiou em si para falar, a profundeza de sua súbita e interior perturbação como uma força física, forçando-o a agir – mas não podia, e ele tinha que convencê-la de que era apenas mais um capanga da Umbrella, senão ela atiraria. Ele abriu a boca para falar, incerto do que iria dizer – e foi salvo pelo chão sob eles. Houve um profundo tremor e a terra balançou, fazendo ambos tropeçarem como bêbados, folhas e galhos caindo em seus pés. A arma girou para fora de sua cabeça enquanto Jill lutava por equilíbrio.

Por mais desorientador que era ficar de pé, Nicholai não acreditou que fosse um terremoto de verdade. Estava só em volta deles; por um motivo, ele pôde ver que a água nas piscinas mau se movia. O tremor continuou mais e mais, parecendo crescer em magnitude, e Nicholai sabia que não teria oportunidade melhor para fugir.

Fingindo pânico, Nicholai ergueu os braços e gritou, notando cuidadosamente onde seu rifle estava. “É um dos mutantes! Corra!”.

Era mais provável ser um monstro do que qualquer outra coisa, e dizer para ela correr seria bom para ele – ela pensaria duas vezes antes de atirar em alguém tentando ajudá-la.

O tremor estava se intensificando enquanto Nicholai corria de Jill, um braço ainda acenando freneticamente. Ele gritou para ela correr de novo enquanto pegava o rifle e fugia, sem olhar para trás, esperando que ela acreditasse em sua atuação. Caso não, ele sentiria a bala mais cedo ou mais tarde – e depois de vinte metros, o chão que ele pisava estava praticamente imóvel, apesar de ainda poder sentir e ouvir o rebuliço de terra atrás dele.

Distante o suficiente, ache cobertura e atire nela – Havia um grande carvalho bem à frente. Ainda correndo, Nicholai esticou seu braço direito e virou para a esquerda, agarrando a árvore e

deixando seu próprio peso girar seu corpo. Assim que ficou seguro atrás do enrugado tronco, ele olhou para trás preparando a M16 assim que a avistou, afastando-se do tremor na direção oposta.

Agora você morre, sua vagabunda de um bilhão de dólares – e o rebuliço de repente virou um ronco, e uma enorme fonte de branco enlameado jorrou do chão, bloqueando seu tiro, árvores tombando em volta. Um estranho, horrível e crescente ronco irrompeu da fonte, um assobio grave, e quando uma pálida coluna chacoalhou-se cinco metros no ar e depois curvou-se para baixo de repente, Nicholai percebeu que era um animal, um que certamente nunca existiu – o rangente círculo de afiados dentes e presas nas extremidades da branca minhoca gigante eram provas o bastante.

A coisa abaixou-se de novo, arqueando, um híbrido titânico de larva e enguia, de verme e cobra, tão larga quanto a altura de um homem – e mergulhou para longe de Nicholai.

Na direção de Jill Valentine.

Nicholai virou e correu, sorrindo, xingando Jill e Carlos enquanto driblava árvores no escuro, indo para o complexo, gargalhando enquanto os amaldiçoava pelo eterno inferno.

Jill estava correndo, saltando pela beira da água, e só percebeu que o monstro estava vindo quando ele voltou ao chão a alguns metros dela. Uma leva de fétido ar soprou sobre ela, um cheiro de barro e carne úmida vindo da boca carnívora da minhoca.

Minha nossa!

Ela correu mais rápido, querendo ganhar uma certa distância antes de ousar olhar para trás, uma granada não seria suficiente, era melhor correr – Adiante, o espelho d´água arredondado virava, alguns bancos no canto, uma fila de árvores atrás dela. O chão estava roncando de novo, mas Jill estava quase lá; se ela fizer a

curva, ficará bem – a piscina artificial era nivelada com o cimento, com sorte, a coisa iria se nocautear – e os bancos e árvores à sua frente explodiram pelo ar de repente, erguidos numa onda de terra, a cega e sondante minhoca vomitando terra de sua boca dentada enquanto varria sua cabeça na direção dela.

Jesus, ele é rápido! Jill ergueu a Beretta que ainda segurava firmemente e enterrou duas balas em sua barriga inchada, a minhoca roncando de novo, profundo e assobiando como o rosnar de um crocodilo atacando.

Jill girou e decolou, seu coração pulando, já ouvindo e sentindo o início de outro terremoto. O monstro chegaria na frente dela de novo, ela sabia, ela ainda não tinha saído da região da piscina. Cruzá-la iria atrasar o monstro.

Pense, se você não consegue correr, o que pode usar para detê-lo, terra, água, árvores, lâmpadas – Lâmpadas. Várias estavam inclinadas por causa dos movimentos subterrâneos da larva gigante, como árvores desarraigadas prestes a cair. Na piscina.

Não há tempo para planejar, ela tinha que derrubá-las na água e atrair o monstro. Ela deu o último passo e parou tempo o bastante para girar noventa graus à direita, agitando a água. Ela estava danificada, rodamoinhos de água espumando sendo drenados pela rachadura no concreto.

O monstro se ergue e depois cai, leva um segundo ou dois para levantar de novo – Um segundo ou dois, é o tempo que ela terá para sair da água, considerando que ela consiga derrubar a luminária à tiros primeiro, e que a minhoca monstruosa faça o favor de mergulhar na piscina.

Ter calculado chances significava que ela teria que pensar, e o chão já estava tremendo, chacoalhando forte o bastante para deixá-

la de joelhos. Ela caiu e deslizou por uma grossa camada de grama e lama, e então passou a tentar ficar de pé e esvaziar a arma – e a coisa estava emergindo pelo canto da piscina a menos de três metros à sua direita, borrando o céu nublado com uma explosão de terra e pedras, concreto e água. Havia uma única luminária entre ela e o monstro, já tocando a água.

Anda!

Jill recuou mais rápido do que achava ser possível, parando assim que viu a criatura no alto começando a inclinar, lençóis d ´água caindo de sua inchada forma.

Ela abriu fogo enquanto rolava e ficava de pé, os primeiros tiros erraram o alvo, o terceiro e quarto causando um som metálico no poste. A minhoca estava descendo, criando uma onda de lava enquanto o quinto tiro estourou a lâmpada. O monstro a esmagaria caso não se mexesse, perto, vai ser perto – Bam! Bam!

Foi o sétimo tiro que conseguiu, e os resultados foram espetaculares. Houve um grande zumbido pipocando assim que Jill jogou-se para trás e para o lado, a lâmpada imersa na piscina que esvaziava rapidamente. A carne semi-gelatinosa da gritante minhoca tremia e chacoalhava enquanto se levantava, balançando de agonia.

Sua pálida pele começou a escurecer e ficar quebradiça enquanto uma nociva e oleosa fumaça saia de sua garganta, a parte enterrada de seu corpo arremessando enormes espirros de pedra e terra. A coisa se abaixou mais uma vez, o som sobrenatural tornando-se chocado e engasgado – e caiu morto antes de atingir o chão, antes de sua camada externa de pele começar a enrolar, revelando a cozinhada carne de suas entranhas.

Jill ficou de pé, a mão esquerda apertando seu latejante ombro

enquanto se afastava da minhoca fritando, o cheiro fazendo-a nausear várias vezes. Ela tinha conseguido, ela tinha matado a maldita coisa! O quente cheiro de uma vitória triunfante vagou por ela enquanto respirava outra onda de cheiro de minhoca tostada. Eu consegui, e depois ela se abaixou e vomitou.

Quando não restava mais nada para expelir, Jill se levantou trêmula e começou a ir à leste de novo, pensando em seu confronto com Nicholai. Ele não mentia tão bem quanto pensava, e se antes ela só suspeitava, agora ela estava certa de que ele era uma má notícia.

Seus planos não tinham mudado, mas ela teria que ser bem mais cuidadosa ao chegar na estação de tratamento de água. Ela não duvidava de que Nicholai estaria lá... e se ele a visse primeiro, ela morreria antes de saber o que a acertou.

A barricada era uma enorme pilha de carros, com três e quatro intercalados de altura, erguida entre vários prédios no fim do quarteirão em forma de um torto semi-círculo. Carlos ainda podia ver as marcas do pesado maquinário que a construiu, iguais às que achou nas últimas três ruas que tentou. A Umbrella e o R.P.D. não estavam desocupados enquanto selavam a cidade.

Carlos parou na frente da parede de metal parcialmente amassada, experimentando uma quase desesperada indecisão. Volte, tente ir à norte primeiro e depois à leste – ou tente escalar uma das precárias barricadas, que pareciam ter sido construídas para impedi-lo de achar Jill.

Afinal, é o que parece. Tudo o que havia à norte da torre do relógio era um grande parque, e talvez esse fosse o único jeito de chegar ao complexo da Umbrella; ele não conseguia imaginar Jill escalando uma parede de carros com um ombro ruim, sendo que passar entre eles seria muito perigoso...

... mas você está considerando que ela chegou até aqui, uma pequena voz soou. Talvez ela já esteja morta, talvez Nêmesis a pegou, ou Nicholai, ou – Carlos inclinou a cabeça para o lado, franzindo, seus pensamentos interrompidos por distantes ruídos. Tiros?

Possivelmente, mas a leve garoa que caía estava distorcendo e abafando o som. Ele nem sabia de que direção tinha vindo... mas de repente ficou mais ansioso para achar Jill.

“Afinal de contas, foi eu que corri atrás da vacina, é melhor você não se matar”. Ele murmurou de leve, mas estava perto demais da verdade para ser engraçado. Ele tinha que fazer algo, agora.

Carlos olhou para a parede de carros novamente, escolhendo o caminho que parecia ser mais seguro, sobre uma minivan e dois compactos. Ele respirou mais fundo do que podia, cruzando os dedos mentalmente e começando a subir.

Capítulo 25

“Não, escute, você tem que ouvir – eu não sei de nada, você não quer fazer isso. Eles me pediram para fazer relatórios sobre amostras de solo e água, é isso, eu não sou ameaça para você! Eu juro!”.

Foster estava cavando a própria cova, e Nicholai decidiu que fazê-lo esperar pela morte seria cruel, principalmente um homenzinho tão deplorável. O pesquisador já estava se agachando no canto nordeste de sua sala, suas feições de rato apavorado suadas e coradas. Só tinha levado menos de cinco minutos para achá-lo assim que chegou na estação.

“... e eu vou embora, tá bom?”. Foster ainda tagarelava. “Eu irei embora e você nunca mais me verá de novo, juro por Deus, porque você quer me matar, eu não sou ninguém. Me diga o que quer e eu faço, seja o que for, peça para mim, cara, tá? Vamos conversar, tá bom?”.

Nicholai percebeu que estava apenas olhando para Foster, como se tivesse entrado em transe com os pulos do histérico homem. Foi um interminável dia em uma série deles... mas por mais que quisesse sair de lá, terminar a operação inteira, Nicholai sentiu-se estranhamente obrigado a dizer algo.

“Não há nada pessoal nisso, tenho certeza que entenderá”. Nicholai disse. “É sobre dinheiro... ou era no começo, mas agora as coisas estão diferentes”.

Foster acenou rapidamente de olhos arregalados. “É, claro que são diferentes”.

Agora que começou, Nicholai não conseguia parar. De repente parecia importante que alguém entendesse pelo que ele estava passando, pelo que ainda estava disposto a fazer – mesmo que fosse alguém como Foster.

“O dinheiro ainda é o maior motivo, claro. Mas depois que vim para cá, depois de Wersbowski, eu comecei a sentir como se estivesse em um lugar especial. Eu senti... eu senti como se as coisas estavam finalmente se tornando o que deveriam ser. Do jeito que minha vida deveria ter sido. Circunstâncias extremas, entendeu?”.

Foster mexeu a cabeça de novo, mas sabiamente não disse nada.

“Mas então Carlos brincou comigo; ele não podia ter morrido na explosão por que Jill recebeu o antídoto. E eu estou começando a achar que ela é o motivo, as coisas mudaram por causa dela”. Enquanto falava, ele sentiu a verdade daquilo, uma luz estava amanhecendo em sua mente. Era verdade, falar ajudava.

“Desde o começo, ela arruinou a armação que eu tinha com Carlos e Mikhail. Manipuladora, haviam muitas como ela. Ela provavelmente dormiu com os dois, também. Os seduziu”.

“Vagabundas, todas elas”. Foster concordou sinceramente.

“Aí ela ficou doente e mandou Carlos roubar a vacina. Eu não estou tirando a culpa dela nisso tudo, não mesmo, mas tem algo sobre ela... é como se sua presença alterasse as coisas, fazendo tudo dar errado de alguma forma. Eu nem acho que esteja morta agora. Se o caçador não consegue matá-la, um mutante certamente não o fará”.

Nicholai levantou silenciosamente, perdido em pensamentos. Ele nunca foi supersticioso, mas as coisas realmente eram diferentes. Jill Valentine era – uma mulher, ela era só uma mulher e

você não está pensando claramente, não está pensando há dias – Nicholai piscou, e o pensamento se foi, e Foster ainda estava no canto, olhando-o com uma expressão de terror cauteloso. Como se achasse que Nicholai fosse louco. Nicholai sentiu uma onda de ódio pelo homenzinho, por tentar brincar com ele, fazê-lo falar e depois julgá-lo por isso. Ele merecia morrer, tal como qualquer um deles.

"Eu não sou louco,". Nicholai gritou, bravo. “e chega de falar nisso! Você é o último, depois de você estará acabado e é assim que as coisas são, então seja um homem e aceite isso! ”.

Três balas, um estouro de tat tat tat através de um dos apelantes olhos verdes de Foster, e a cabeça do pesquisador foi para trás, sangue espirrando na porta em que estava encostado, seu corpo caindo sem vida no chão frio.

Nicholai não sentiu nada. O último Watchdog morto, e não houve sentimento de realização ou conquista. Apenas outro corpo no chão à sua frente e um profundo desejo de sair de Raccoon, de onde as coisas tinham ficado tão azedas.

Nicholai balançou a cabeça, seu coração pesado, e começou a vasculhar o escritório atrás dos dados de Foster.

Jill parou na frente da estreita ponte que conectava o portão de trás do Memorial Park com o pavimento superior do complexo da Umbrella, suspensa sobre o que deveria ser um brejo ou um pântano, a julgar pelo cheiro de grama e lama. Estava escuro demais para dizer só olhando, mas o odor era inconfundível – tal como as pegadas frescas que iam de onde estava até o lado oposto. Como esperava, Nicholai estava lá.

Maravilhoso. Que prazer.

Nicholai à parte, ela estava grata por ter achado a ponte; ela esteve preocupada com o parque não ter saída e ter que voltar. A

ponte convenientemente levava ao andar superior; fazia sentido que os escritórios e salas de controle – esperançosamente um deles teria um sistema de transmissão – ficassem no andar superior do prédio de dois pavimentos, o térreo era onde a água era tratada. Considerando que a Umbrella não tivesse se importado com o layout do prédio, ela conseguiria entrar e sair facilmente. Se não houver um rádio, ela daria a volta em torno do andar térreo para verificar as estradas.

Ela se aproximou cuidadosamente da ponte de madeira e metal, respirando fundo, concentrando-se enquanto tocava o baixo corrimão de madeira para se equilibrar. Lidar com criaturas da Umbrella, acidentais ou criadas, exigia habilidade e concentração, mas encarar um adversário humano exigia mais do que isso; pessoas são bem menos previsíveis do que animais, e se ela quisesse ficar longe de Nicholai, ela teria que ficar o mais alerta possível, sua intuição e lucidez armadas para sentir o ataque a caminho – como agora – Jill congelou na metade do caminho, tocando a trava de segurança da Beretta com o dedão, algo estava muito errado e não sabia dizer o que era –

Ka thud! Atrás dela.

Jill girou, coração a toda, e viu Nêmesis de pé a seis metros de distância, seu horrível corpo transformado pelo fogo e tiros de granada. Seu peito e braços estavam nus, deixando claro para ela como os inquietos tentáculos eram presos, brotando de suas costas superiores e ombros. A maior parte de sua pele tinha sido queimada, revelando fibrosos músculos vermelhos em pedaços de preto acinzentado.

“Starsss”. Ele resmungou, dando um passo adiante, e ela viu que seu lado direito inferior estava retalhado onde tinha acertado com o lança-granadas. A carne da base de seu tórax até a metade da

coxa parecia macarrão queimado, esmagado e fatiado – mas duvidava muito que sentia dor, e tinha poucas ilusões de que sua força tivesse sido afetada.

Num instante, sua mente drogada com adrenalina correu por centenas de opções e a trancou com a melhor delas. A laje da torre do relógio. Carlos tinha empurrado ele para baixo, mas estava cego, distraído – distraia a coisa!

Ela abriu fogo, mirando na parte mais óbvia de sua face deformada, seus dentes brancos – e viu pelo menos dois tiros quebrarem o sinistro sorriso, pálidos estilhaços explodindo como um espirro.

O matador de S.T.A.R.S. gemeu, seus carnudos tentáculos esticando-se como uma capa atrás dele, enquadrando a besta num emaranhado de membros trêmulos.

– não está sofrendo, talvez, mas está sentindo algo – VAI AGORA!

Jill continuou atirando enquanto corria para ele, seus instintos gritando para ela correr na outra direção, sua lógica lembrando-a de que não poderia correr rápido o bastante.

Nêmesis ainda uivava quando Jill se jogou nele, empurrando para cima e para frente a fim de chicoteá-lo no peito como Carlos tinha feito, encolhendo por dentro ao sentir sua pele nas mãos, molhada, granulada, fria – e ele cambaleou para trás, caindo pesadamente na beira da ponte, a centímetros do espaço vazio. Seu peso e massa ajudaram Jill enquanto rezava para que a ajudassem, ela ouviu a explosiva rachadura de uma desgastada tábua sob seus calcanhares, o corrimão lateral quebrando enquanto o gigante caía sobre as tábuas – mas dois, três dos tentáculos estavam agarrando o corrimão do outro lado, o hesitante Nêmesis esticando os braços,

forçando para recuperar o equilíbrio.

Jill pulou, sabendo que não podia deixá-lo se levantar de novo, e desceu ambos os pé em seu arruinado abdômen, saltando do corpo do monstro com toda sua força.

Ela caiu solidamente nas pranchas de madeira, gritando de dor assim que seu ombro ferido absorveu a maior parte do impacto – mas a visão dos cipós de carne cedendo enquanto Nêmesis perdia o agarre, a fizeram muito bem... assim como a tenebrosa pancada na água que ouviu pouco depois.

Ela cambaleou para ficar de pé e cruzou o resto da ponte, agradecendo silenciosamente ao encontrar a porta de acesso ao complexo destrancada. Dentro, um curto corredor virava à esquerda quatro metros e meio à frente, chão de grades metálicas e paredes de concreto. Ela rapidamente trancou a porta pela qual passou e apoiou-se nela, apontando sua arma para a curva enquanto recuperava o fôlego.

Nenhum passo lá fora ou dentro, nada além de um fraco som de maquinário vindo de algum lugar mais adentro do complexo. Quando passou a respirar quase normalmente, ela andou, ansiosa para sair antes que Nêmesis retornasse. Ela tinha que pedir ajuda e fugir, ou apenas fugir; Nêmesis não desistiria, e ela não podia evitá-lo para sempre.

Mais adiante no corredor, ela viu uma porta de enrolar metálica à direita, de frente para a continuação do corredor que não podia ver. Mais um passo à frente e ela espiou em volta da curva. Vazio, outro corredor que virava à direita. Ela recuou um passo e olhou a porta metálica de perto, do tipo que abria com um cartão magnético.

O nome da sala estava bem acima da porta; em estêncil preto:

COMMUNICATIONS. Jill sentiu uma corrente de esperança, e viu que não havia fechadura manual. O leitor de cartão à direita da porta era o único modo de entrar.

Frustrada, Jill virou. Ter cruzado com Nêmesis tinha mudado as coisas. Ela podia partir, ficar longe dele e de Nicholai e tentar pensar em algo diferente, ou podia continuar, procurar o cartão e pensar em outras possibilidades.

Jill sorriu exausta. Na verdade, ambas opções soavam terríveis, mas a primeira parecia melhor. Ao menos suas roupas teriam uma chance de secar.

Tremendo, Jill andou pelo corredor adjacente, vagamente com inveja de Carlos, quente e dormindo na capela.

O complexo da Umbrella era uma série de pequenos prédios térreos e um com dois pavimentos, posicionados entre várias áreas abertas com lixo empilhado – pilhas de móveis usados, carros velhos e sucata eram os principais competidores por espaço. Se houverem helicópteros por lá, Carlos considerou estarem atrás dos galpões – quase impossíveis de se contornar, claro, a não ser que quisesse escalar outra pilha de carros.

Não, só se eu precisar, muito obrigado. Sua escalada tinha sido o suficiente para durar o resto da vida. Ele tinha batido os dois joelhos fortemente no teto de um caminhão enquanto descia, e mancou o resto do caminho até o complexo.

Ele parou num pequeno e lotado pátio, onde esperava achar uma cerca, memorizando o layout do amplo complexo o melhor que podia antes de ir para o prédio principal. Ele queria ter certeza de que Jill estivesse bem antes de procurar o helicóptero. Assim que alcançou o prédio, Carlos quebrou a primeira janela que conseguiu alcançar com a coronha da M16 e puxou-se para cima.

Ele sentou na moldura da janela, olhando para uma longa e estreita sala, pobremente iluminada e forrada com corpos. À direita ficava uma porta dupla com uma placa de saída acima, provavelmente dando acesso ao galpão principal; ele tentaria essa porta quando fosse procurar os helicópteros. À esquerda, ficava uma escada metálica de mão que subia até uma abertura no teto. Ele não queria mais nada.

Bom, um elevador, talvez, ele pensou enquanto se jogava da janela, suas costelas atadas protestando. E se não fosse pedir demais, se de repente eu acordasse e descobrisse que tudo isso foi um sonho ruim, não seria nada mau, também.

A sala cheirava podridão e sangue, um cheiro com o qual já tinha se acostumado. Cheirava igual Raccoon, e enquanto subia a escada lentamente, ele pensou que morreria feliz se apenas pudesse fazer isso respirando ar puro e fresco.

A tampa de metal no topo da escada levantou facilmente, presa em dobradiças terminando apoiada num gradil lateral. Carlos emergiu cuidadosamente em outra escura sala com ar de esconderijo, cercada de consoles, armários e nenhum corpo – "Caramba". Ele suspirou, afastando-se da escada e indo para o console da parte frontal, embaixo de grandes janelas que se voltavam para o pátio escuro. Era um velho sistema de comunicações, e mesmo enquanto levantava os fones de ouvido, pôde ouvir o barulho de estática vindo do pequeno alto-falante preso num painel lateral, seguido por uma fria voz feminina.

"Atenção. O projeto Raccoon City foi abandonado. Manobras políticas para retardar os planos federais falharam.

Todos devem evacuar imediatamente para fora do raio de explosão de dezesseis quilômetros. Mísseis serão lançados ao amanhecer do dia. Essa mensagem está sendo transmitida em todos

os canais disponíveis, e será repetida em cinco minutos".

Ele colocou os fones e começou a apertar botões. "Alô? Alguém pode me ouvir, eu ainda estou na cidade, alô?".

Nada. Carlos correu para a porta no fundo da sala, seus pensamentos repetindo-se infinitamente, amanhecer, Jill, helicóptero, amanhecer, Jill – e a porta, uma porta metálica de enrolar estava firmemente trancada. Sem fechadura nem nada. Ele não podia entrar no prédio.

E eu nem sei se ela está lá, talvez já tenha voltado, talvez...

Talvez muitas coisas, e por mais que quisesse achá-la, se não achasse uma rota de fuga segura, eles não iriam conseguir.

Ele se afastou da porta, sem querer ir embora, sabendo que não tinha escolha. Ele tinha que achar um dos helicópteros dos quais Trent tinha falado, e certificar-se de que funcionavam e tinham combustível. Talvez pudesse voar pelo complexo, chamar a atenção dela, ou encontrá-la voltando para a torre do relógio.

E se eu não conseguir. Ele não terminou o pensamento, ciente sobre o destino de Jill caso falhasse.

Quase sem perceber a dor em seu lado, Carlos correu para a escada, seu coração pulando e cheio de pavor.

Capítulo 26

Quando Nicholai viu Jill passando hesitantemente pela porta até as operações de tratamento, ele imediatamente recuou para fora do campo de visão, através da porta de segurança lateral e entrando num grande e vazio corredor que levava à sala do tanque de resíduos químicos. Uma feroz alegria tomou conta dele enquanto fechava a porta com cuidado, sentimentos de vingança e auto-afirmação elevando seu espírito.

Depois de ter achado o disco de dados de Foster, ele preparou seu laptop para combinar os arquivos. Foi quando ouviu o alerta do quartel general. Não foi surpresa, era uma das várias possibilidades projetadas, mas o acabou deprimindo. Uma parte dele ainda queria terminar com Jill e Carlos, pelo que tinham feito com ele, e ainda esteve considerando uma última olhada em volta antes de chamar o resgate. Não havia tempo para isso com mísseis a caminho, e ele estava indo fazer a ligação quando ouviu os passos.

Ela está aqui, eu estava certo sobre ela e agora está aqui!

Ele tinha que estar certo, senão os destinos em Raccoon não a teriam enviado. Ele podia ver agora, que tudo o que aconteceu desde que chegou em Raccoon estava predestinado. Destino, testando-o, dando-o presentes e depois os tomando de volta, para ver o que ele faria. Tudo fazia perfeito sentido e agora havia um relógio correndo, ele tinha que fugir e lá estava ela.

Eu não falharei. Eu fui bem sucedido até agora e foi por isso que esse sincronismo aconteceu. Para que antes de retornar à civilização, eu pudesse restabelecer o controle que eu tinha. Ele podia perguntá-la sobre Carlos e Mikhail, ele podia interrogá-la

completamente... e se houvesse tempo, ele poderia dominá-la de um modo mais prazeroso, uma despedida da qual poderia relembrar pelos anos seguintes.

Nicholai rapidamente moveu-se para trás da porta, seus passos ecoando no largo corredor, rifle preparado. Ele tinha conquistado isso e ficaria exatamente com o que merecia.

Jill entrou em algum tipo de sala de operações, seus sentidos bem aguçados enquanto olhava pelo espaço aberto, decorado com o estilo clássico dos laboratórios da Umbrella – vazias e frias paredes de cimento, parapeitos de metal que separavam a sala de dois níveis de modo absolutamente funcional, nada brilhante ou colorido à vista.

Se sangue não estiver contando... respingos de sangue manchavam o chão em volta da baixa mesa que dominava a sala. Não deve ser obra de Nicholai, diferente do corpo que achou no escritório perto da sala com canos de vapor quebrados. Um baixo homem com mais de trinta anos, baleado no rosto, seu corpo ainda estava quente. Ela não tinha dúvidas de que Nicholai estava por perto, e percebeu estar quase desejando encontrá-lo logo, só para não ter que olhar sobre os ombros a cada passo dado.

Ela não avistou nada parecido com um cartão ou com um rádio na sala, e decidiu continuar – ela podia seguir pela porta lateral no canto à sua esquerda ou descer. Porta lateral, ela decidiu, na remota possibilidade de Nicholai ter seguido por lá; até agora, ela esteve em todas as salas que conseguiu entrar do pavimento superior, e não queria descer e arriscar ser pega por trás por trás.

Ela andou até a porta, imaginando de novo o que havia sido feito com os corpos daqueles que morreram no complexo. Ela tinha visto muitas manchas de sangue, mas apenas alguns corpos.

Talvez foram colocados lá embaixo... , ela pensou, abrindo a porta de segurança e varrendo com a Beretta para a direita e para a esquerda. Um corredor tão grande quanto uma sala, com uma pequena quebra à direita na parede oposta. Totalmente vazio. Ela entrou... ou a Umbrella ordenou que tudo fosse limpo para que seus empregados não tivessem que trabalhar passando por cima de seus colegas, ou – "Quieta, vadia". Nicholai disse atrás dela, apertando o cano de seu rifle em sua nuca. "Mas largue a arma primeiro, caso não se importe".

Um sarcástico repronunciamento do que tinha dito no parque, e ela não deixou de perceber o toque de alegria quase histérica em sua voz. Ela não foi cuidadosa e iria morrer por isso.

"Tá, tá". Ela disse, deixando a 9mm escorregar por seus dedos e cair no chão. Ela ainda tinha o lança granadas preso em suas costas, mas era inútil – no tempo que levaria para desatar a arma, ele poderia esvaziar um pente inteiro nela e ainda ter a chance de recarregar.

"Vire-se devagar e recue, mãos juntas à sua frente. Como se estivesse rezando".

Jill fez o que ele queria, recuando até suas costas tocarem a parede, com mais medo do que queria admitir quando viu o inquieto sorriso e o modo como seus olhos rolavam de lado a lado.

Ele piscou. Seja lá o que estivesse errado com ele, estar em Raccoon tinha transformado isso numa total psicose. O modo como a olhava de cima para baixo a encheu com um tipo diferente de medo. Ela conhecia vários modos efetivos para evitar o ataque de um estuprador – mas isso considerando ainda estar fisicamente apta a lutar, e ela duvidava muito que Nicholai se aproximaria dela sem antes atirar algumas balas bem localizadas.

Ela olhou para sua esquerda, para a quebra no corredor que terminava em uma porta fechada. Não vai dar, tente conversar com ele.

“Eu pensei que você quisesse apenas sair da cidade”. Ela disse, neutramente, incerta sobre o tom que usar. Ela sempre ouviu que pessoas loucas deviam ser tratadas com humor, mas ela podia ver que não faria muita diferença; Nicholai queria matá-la e ponto final.

Ele andou casualmente até ela, vestindo seu trêmulo sorriso. Um trovão soou acima, um som distante. “Eu quero sair agora que tenho todas as informações. Eu matei todos os outros pelas suas, os Watchdogs. A Umbrella lidará comigo, somente eu, e serei extremamente rico. Está tudo equilibrado, e agora que você está aqui, meu sucesso está garantido”.

Contudo, Jill estava curiosa. “Por que eu?”.

Nicholai se aproximou, mas ficou a uma distância segura. “Porque você tomou o antídoto”. Ele disse com um tom de ńa verdade´. “Carlos o roubou a seu pedido, não tente negar. Diga-me, você está trabalhando por iniciativa própria ou foi enviada para atrapalhar meus planos? O quanto Carlos e Mikhail sabem?”.

Cristo, como respondo isso? O tremor soou acima novamente, e Jill se distraiu com ele, confusa demais com a lógica bizarra de Nicholai para responder. Estranho poderem ouvir através do pesado teto... não tão estranho quanto pensar no clima em uma hora como essa. Ela tinha que dizer algo para ao menos prolongar sua vida; enquanto estiver respirando, ainda restará uma chance.

“Por que deveria te dizer algo? Você vai me matar de qualquer jeito”. Ela disse, como se tivesse algo para dizer.

O sorriso de Nicholai sumiu, e depois reapareceu, acenando. “Você está certa, eu vou”. Ele mirou o rifle no joelho esquerdo dela

e lambeu os lábios. “Mas não antes de nos conhecermos melhor, eu acho que temos tempo o suficiente para – ”.

Crash!

Jill caiu para trás, certa de que foi baleada, mas ele não atirou, foi o trovão – e o teto estava caindo, parte dele, pedaços de gesso e concreto chovendo enquanto Nicholai gritava e atirava violentamente – e desapareceu.

Nicholai a tinha sob seu controle, ela sangraria e gritaria e ele seria vitorioso, ele tinha vencido – foi quando o teto cedeu, escombros caindo sobre ele e algo grande, frio e duro o segurou por trás do pescoço.

Nicholai atirou, gritando, uma bruxa, ela é uma – e ele foi puxado para o escuro acima pela grande e gelada coisa. Uma mão, o chocado rosto de Jill sendo a última coisa que viu antes dos dedos apertarem, antes de uma corda viva se enrolar em torno de sua cintura. A mão e a corda puxavam em direções opostas e Nicholai sentiu seus ossos quebrarem, pele e músculos esticando-se enquanto sangue enchia sua boca, gritando – isso está errado eu controlo pare – e ele foi rasgado ao meio, e não sabia de mais nada.

Jill só pôde ver parte do que aconteceu, mas foi o suficiente. Enquanto uma cachoeira de sangue corria pela beira do buraco no teto, respingando no chão, ela ouviu o rouco grito de Nêmesis e viu um tentáculo aparecer entre a chuva de vermelho, procurando – Ela não ousou correr sob o buraco. Ela virou e correu para a porta no fim do corredor, desatando o lança granadas das costas, sua única arma – bam, ela empurrou a porta e a cruzou, entrando num escuro e cavernoso abismo, uma onda de mau cheiro acertando-a como um tapa na cara. Ela bateu a porta e esticou a mão até a única luz que conseguia ver, um brilhante quadrado vermelho em um painel perto da entrada.

Era um interruptor de luz, e enquanto filas de barras fluorescentes piscavam, ela viu e entendeu duas coisas simultaneamente. Os funcionários da Umbrella haviam sido empilhados lá, a origem do incrível odor – e não havia outras portas. Ela estava encurralada e tinha uma única bala no lança granadas para se defender.

Ah, Deus, pense, pense – Lá fora, ela ouviu Nêmesis dizer a única palavra que sabia, o terrível grito encorajando-a a se mover, a fazer algo. Ela correu para a enorme montanha de corpos, a única coisa na gigante câmara em forma de "U" que não estava presa no chão. Talvez um deles tivesse uma arma.

O segmentado chão de metal soava ocamente sob seus pés, dizendo-a onde estava – algum tipo de sala de lançamento de lixo, o chão obviamente capaz de se abrir e derrubar o conteúdo em algum lugar abaixo, algum tonel com produtos químicos, num contêiner, ou no esgoto. Não importava, pois ela não tinha idéia de como operar tal sistema; tudo com o que se preocupava era achar algo que pudesse usar contra Nêmesis.

Os corpos estavam num avançado estágio de decomposição, pesadas, quentes e gasosas ondas de fedor radiando dos escurecidos e inchados corpos, a pilha alta até sua bochecha. Jill não podia deixar ser afetada; ela largou o lança granadas e imediatamente começou a revirar os corpos, levantando aventais pegajosos, enfiando a mão em bolsos que desgrudavam sob seus dedos. Canetas e lápis, pacotes ensopados de cigarros, dinheiro trocado – um cartão magnético, provavelmente aquele que procurava, maravilha, isso não é – BOOM! BOOM!

Gigantes punhos socaram a porta, ecoando pela câmara. A porta cederia em segundos, ela teria que usar o que tinha. Ela não teria chances de matá-lo, mas poderia contorná-lo.

Guardando o cartão magnético na beira de sua bota esquerda, ela pegou o lança granadas e correu para a porta, pensando na boa idéia que Nicholai tinha lhe dado, o mínimo que pôde, maluco desgraçado.

Jill se posicionou ao lado da porta, perto do espaço que ela ocuparia. Ela não ficou bem ao lado, o plano iria por água abaixo caso terminasse esmagada.

BOOM, e a porta abriu, batendo na parede a centímetros de onde estava, Nêmesis entrando, braços e tentáculos bem abertos enquanto roncava por sangue.

Ele está mudando, crescendo – Jill mirou em suas costas desfiguradas e atirou, a carga penetrando na carne a menos de três metros de distância.

Gritando, a criatura cambaleou para frente, e antes que pudesse recuperar o equilíbrio de novo, Jill cruzou a porta e correu, rezando para que tivesse tempo de chamar ajuda e fugir antes de ser encontrada novamente. Ela correu pelo corredor, erguendo a Beretta, acelerando pela próxima sala e pelo corredor seguinte.

Pelo menos tempo para ligar; ela podia não sobreviver para encontrar o resgate, mas Carlos ainda podia, se Deus quisesse.

Só havia um helicóptero, mas estava em excelente estado, abastecido e pronto para voar. Se Carlos pudesse achar Jill, poderiam conseguir.

Ele sentou no assento do piloto, olhando os controles, repassando as instruções básicas que conseguia lembrar.

Ele foi ensinado por outro mercenário sem treinamento, e já fazia um tempo, mas estava certo de que podia decolar. Era um velho helicóptero de dois lugares com um teto máximo de 1.200m,

e alcance de talvez 320km.

Ele ainda não sabia o que alguns botões faziam, mas não eram necessários para tirá-los do chão. A haste cíclica movia a aeronave para frente, para trás e para os lados. O controle coletivo alterava o impulso, controlando a altura.

Carlos checou seu relógio e ficou infelizmente surpreso ao ver que vinte minutos haviam passado desde que ouviu o alerta sobre os mísseis. Ele tinha passado alguns minutos verificando o helicóptero, e houve alguns zumbis vagando pela área que precisou matar...

Não vem ao caso. Agora eles tinham entre vinte e quarenta minutos no máximo. O complexo era grande demais, ele nunca conseguiria vasculhá-lo a tempo – então use o maldito rádio, idiota!

Carlos pegou os fones de ouvido, incrédulo por não ter pensado nisso antes, prometendo a si mesmo de que bateria em si pela percepção atrasada, quando tiver tempo. Considerando que haveria algum.

“Alô, aqui é Carlos Oliveira com a Umbrella, eu estou em Raccoon City, entendido? Ainda há pessoas vivas aqui.

Se você puder me ouvir, você tem que impedir o lançamento do míssil. Alô? Entendido?”.

Não dava para saber se alguém estava recebendo seu sinal. A Umbrella provavelmente tinha um bloqueio em todas as transmissões para fora, ele só tinha que tentar e – “Carlos? É você? Câmbio”.

Jill?

Ele se sentiu fraco de alívio assim que a voz dela entrou em seu ouvido, talvez o som mais doce que já ouviu.

“Sim! Jill, eu achei o helicóptero, nós temos que sair daqui agora! Onde você está? Câmbio”.

“Numa sala de rádio, no complexo da Umbrella – o que você disse sobre lançamento de míssil? Câmbio”.

Ela estava tão perto! Carlos riu, nós sairemos daqui, está acabado! “Os federais explodirão a cidade em meia hora, ao amanhecer, mas está tudo bem, estamos prontos para voar – consegue ver a escada no meio da sala?

Câmbio?”.

“Sim, está – eles vão explodir Raccoon, você tem certeza?”. Ela soou totalmente confusa que esqueceu de usar o protocolo de comunicação.

Não temos tempo para isso!

“Jill, eu te asseguro. Ouça – desça a escada e comece a correr, você chegará onde estou, não há outro lugar para ir. Passe pelo salão de cimento até a placa saída, siga o caminho lá fora e atravesse um grande galpão – tem algum tipo de gerador de energia lá, você terá que contornar alguns equipamentos. A porta dos fundos estará às onze horas da entrada, entendeu? Eu estarei do outro lado. E é melhor correr para cá, nada de passear por aí”.

Houve uma leve pausa e Carlos pôde ouvir o apertado sorriso em sua voz quando respondeu. “Passear por aí é o que você pensa. Estou a caminho, câmbio desligo”.

Sorrindo, Carlos ligou o helicóptero enquanto o céu azul escuro começava a clarear, preparando o amanhecer.

Capítulo 27

Jill deslizou pela escada e começou a correr, sua mente girando com as notícias sobre Raccoon. Ela não fazia idéia do que estava acontecendo fora da cidade nos últimos dias para que a conclusão fosse apagar a área de quarentena da existência.

Claro que precisava ser explodida, eles o fariam assim que tivessem coletado seus dados, para ter certeza de que todas as evidências fossem destruídas – Jill saltou sobre um corpo, depois outro, e chegou na porta com a placa de saída, como Carlos disse. Ela cruzou a porta e foi recebida por um maravilhoso ar fresco, pesado com orvalho.

Ao amanhecer, ele disse que lançariam ao amanhecer. Meia hora era uma estimativa generosa. Jill correu mais rápido, por um corredor sinuoso feito de carros empilhados e sucata, e havia um galpão bem à frente. Era grande, baixo e largo, e já estava pensando em horas quando chegou nas pesadas portas reforçadas com aço.

Onze horas... ela não podia ver a porta de trás por causa da gigante parede de maquinários, canos e proteção de metal, mas Carlos disse que precisaria contornar alguns equipamentos. Ela virou à direita – e parou, olhando para o monstruoso aparato que Carlos tinha confundido com um gerador. Era algum tipo de canhão laser, enorme, cilíndrico, ela já os tinha visto antes, mas nem tinham metade do tamanho – tinha pelo menos três metros de altura e seis de comprimento. Dezenas de cabos saíam por vários buracos até a parede de maquinários, e estava apontado para a porta da frente, fazendo-a imaginar no que eles iam testá-lo...

A porta de trás abriu forte. Jill apontou a Beretta

reflexivamente e viu Carlos, o grave som de um helicóptero lá fora.

“Jill, vamos!”.

Ele estava obviamente feliz em vê-la, mas ela podia ler a urgência em seu rosto, um lembrete do que estava vindo enquanto a porta fechava atrás dele.

Ela correu na direção dele em silêncio, balançando a cabeça. “Desculpe, eu fiquei surpresa, é um canhão laser, o maior de todos —”.

Ka-rash!

Perto do teto da porta da frente, uma gigante massa explodiu da parede, desaparecendo de visão enquanto caía no chão atrás da parede de maquinários. Jill só teve a impressão de um inchado e bulboso corpo cercado por garras e tentáculos, e soube que estava certa sobre Nêmesis. Ele estava evoluindo.

Pouco depois houve outra pancada. Faíscas estouraram e voaram de um alto painel perto da entrada, e um uivo borbulhante irrompeu na sala, o choro de Nêmesis terrivelmente mudado, mais profundo, mais áspero.

“Vamos!”. Carlos gritou, e Jill correu para ele enquanto chacoalhava a maçaneta da porta de trás – e a porta não abriu. Jill notou as pequenas luzes piscando no painel ao lado e entendeu que Nêmesis tinha causado um curto circuito nos mecanismos de trava.

Eles estavam trancados no galpão com a coisa que foi o matador de S.T.A.R.S. e que gritava por sangue.

Capítulo 28

Carlos ouviu a coisa gritar e percebeu quem era. Ele viu um lance do monstro enquanto caía, mas estava grande e Carlos suspeitava de que estavam ferrados.

Jill levantou a voz para gritar e Carlos só conseguiu ouvir o quase interminável grito de Nêmesis.

“Onde está a .357?”.

Carlos balançou a cabeça. Ele estava com a M16, mas tinha deixado o revólver e os pentes no helicóptero.

“Lança-granadas?”. Ele retrucou, e foi a vez de Jill balançar a cabeça.

Uma 9mm e talvez vinte balas restando na metralhadora. Nós teremos que estourar a porta, é nossa única chance – Carlos sabia mesmo enquanto pensava. As portas de entrada e de saída eram bem fortes, eles teriam mais sorte explodindo um buraco na parede – e a resposta foi até ele, e viu que Jill também já sabia pelo modo como o olhava, seus olhos largos e piscando.

O uivo do monstro vingador predominava, porém, um horrível e molhado barulho tinha começado, o som de algo vasto e grudento se movendo devagar e constante pelo cimento.

Está vindo atrás dela.

“Você sabe usá-lo?”. Carlos perguntou, já se livrando de qualquer confronto com seja lá o que Nêmesis tinha se tornado.

“Talvez, mas – ”.

Carlos interrompeu. “Eu vou distraí-lo – faça aquela coisa funcionar e me avise quando abaixar”.

Antes que Jill pudesse protestar, Carlos passou correndo por ela, determinado a fazer o que puder para manter o monstro longe dela, pelo menos está mais lento, se eu puder atrasá-lo mais um pouco – Ele chegou na esquina da parede de equipamentos, respirou fundo, e fez a curva – e gritou involuntariamente com nojo da massa ondulante e transpirante que se arrastava em sua direção, impulsionando o corpo com apêndices sem forma, dotados de garras e da cor de bolhas. Carnudos caroços ergueram-se e caíram como bolhas numa panela de ensopado ao longo de suas contorcidas costas, finos jatos de um escuro fluído jorrando de dezenas de pequenos cortes em sua pele, molhando o chão, lubrificando sua passagem.

Carlos escolheu o caroço levemente alto no topo da gigante e pulsante criatura e atirou, as balas mergulhando na carnuda superfície como seixos numa correnteza, tat, tat, tat – um dos tentáculos na frente do corpo chicoteou, batendo nas pernas de Carlos forte o bastante para derrubá-lo.

Carlos se arrastou para trás apesar da dor em suas costelas, impressionado com sua incrível velocidade, mas nem um pouco apavorado. O monstro se movia lentamente, mas seus reflexos eram incrivelmente rápidos, o tentáculo tinha percorrido três metros de espaço aberto para derrubá-lo, aparentemente sem esforço.

“Puta madre”. Ele suspirou o pior palavrão que conseguiu pensar enquanto rolava para ficar de pé e recuava. Ele já estava na curva, a dez metros ou menos do canhão onde Jill apertava botões freneticamente. Ele distraia o monstro como uma mosca distraia um avião. Quanto tempo temos até o amanhecer – De repente, o monstro uivou de novo, um coro de som, cada pequeno orifício de

seu corpo abrindo, mil bocas gritando, criando um ronco ensurdecedor.

Nêmesis não iria parar. Carlos recuou mais e atirou, um desperdício de balas, mas era tudo o que podia fazer – foi quando ouviu o poderoso e crescente hum de uma grande turbina girando rápido e mais rápido, e Jill gritando para ele correr, e Carlos correu.

Ela não tinha conseguido achar o botão principal, não havia cabos ou botões para conectar, e não sabia o suficiente sobre máquinas para tentar descobrir. Ela viu Carlos cair e seu coração parou, mas forçou a si mesma a continuar tentando, sabendo que era tudo o que tinham.

Depois de um segundo de busca desesperada e frenética, ela encontrou os botões de ligar na base do canhão, e a máquina tremeu maravilhosamente para a vida.

“Corre!”. Jill gritou, empurrando os controles que erguiam o canhão devagar e precisamente, seus movimentos marcados digitalmente numa pequena tela perto da base. Ela pôde sentir a energia crescendo, o ar ao seu redor aquecendo, e assim que Carlos saiu do caminho e Nêmesis apareceu, ela se sentiu aterrorizada, quase dominada por um intenso e violento sentimento de auto-satisfação.

Ele tinha matado Brad Vickers e a perseguiu impiedosamente pela cidade. Ele tinha matado a equipe de resgate deixando-os presos em Raccoon, a infectou com uma doença, a aterrorizou e feriu Carlos – e não importava se tinha sido programado para fazer essas coisas; ela o odiava do fundo de si, o desprezava mais do que tudo que já desprezou.

A gigante aberração mutante avançava centímetro por centímetro sobre uma onda de meleca enquanto o hum do canhão

alcançava um explosivo auge, o som afogando todos os outros. As palavras de Jill ficaram inaudíveis, mesmo para ela.

“Você quer S.T.A.R.S., eu te darei S.T.A.R.S., sua porcaria”. Ela disse, e desceu a mão no botão de ativação.

Capítulo 29

Uma brilhante luz branca, porém, chamuscada com um elétrico tom de laranja e azul, expelida pelo bico do canhão laser em um feixe de concentrada fúria. Arcos de calor e luz estouravam sobre a superfície do canhão como raios em miniatura, e o laser encontrou o contorcido e pulsante corpo de Nêmesis e começou a comer.

A criatura que uma vez foi o orgulho da seção de desenvolvimento da Umbrella gemeu e se debateu, balançando seus múltiplos membros num frenesi de confusa agonia. O fino feixe de luz perfurou sua carne, implacável como estava provando ser, derretendo camadas de tecido e soldando materiais mais duros – ossos, cartilagem e metal flexível – numa fundida e inútil massa.

A criatura começou a queimar e depois a fazer fumaça, e enquanto o cérebro fritava por dentro de seu corpo deformado, Nêmesis deixava de existir, seu programa eliminado, seu improvável coração estourando silenciosamente, bem no interior.

Alguns segundos depois, o canhão superaqueceu e desligou automaticamente.

Capítulo 30

O helicóptero levantou vôo e acelerou, um leve chacoalho no começo, mas Carlos rapidamente achou o equilíbrio. Os primeiros raios de luz estavam crescendo pelo céu à leste enquanto a cidade condenada descia sob eles. Parecia tão estranho estar partindo, depois de dias desejando isso, trabalhando só para isso.

“Nicholai está morto”. Jill disse, sua voz fria e clara através dos fones de ouvido. Foi a primeira coisa que ela disse depois que decolaram. “Nêmesis o pegou”.

“Não foi grande perda”. Carlos respondeu.

Eles caíram no silêncio de novo, Carlos contente por apenas voar, por ter a chance de ficar parado. Ele estava muito cansado e só queria ficar longe o bastante de Raccoon antes que os mísseis chegassem.

Depois de um momento, Jill esticou a mão e tocou a dele, e isso também o deixou contente.

Jill segurou a mão de Carlos enquanto o sol subia lentamente no horizonte, dando ao céu maravilhosas camadas de rosa, cinza e amarelo limão. Era bonito, e Jill percebeu que, por mais que tentasse, não conseguia sentir pena de Raccoon. A cidade foi seu lar por um tempo, mas se tornou dor e morte para milhares de pessoas, e pensou que explodir tudo seria a melhor coisa que podia acontecer.

Nenhum deles falou enquanto o sol continuava levantando, enquanto quilômetros voavam abaixo deles, florestas, fazendas e estradas vazias, parecendo frescas e brilhantes sob a gentil e quente

luz.

Quando o céu piscou branco e a onda de choque os acertou pouco depois, Jill não olhou para trás.

EPÍLOGO

Trent esteve ocupado quase o dia todo, assistindo reuniões, ganhando a simpatia da mídia com algumas de suas emissoras compradas, e explicando a diferença entre HARM – mísseis de ar ao chão que o exército usou em Raccoon – e SRAM para os três líderes da White Umbrella. Jackson, em particular, ficou descontente por não terem usado os mísseis táticos maiores; ele não parecia entender que um acidente nuclear proposital nos Estados Unidos devia ser mantido no maior sigilo possível. Irônico como um homem com tanto dinheiro e poder conseguia ser tão indiferente com a realidade que ajudara a criar.

Trent finalmente teve alguns momentos para si no começo da noite, depois de uma revisão final nos relatórios Watchdog. Ele levou uma xícara de café para a sacada do quarto que usava quando ia para os escritórios em DC. O vivaz anoitecer era refrescante depois de um dia de ar reciclado e luzes fluorescentes.

Do vigésimo andar, a cidade parecia surreal, sons distantes e formas borradas. Sem olhar para nada em particular, Trent provou o café, pensando em tudo o que tinha testemunhado nos últimos dias da privacidade de sua casa. As poucas dezenas de estações remotas da Umbrella não captavam nada do satélite pirata que mandava informações para sua sala secreta de monitores; ele conseguiu acompanhar vários dramas que se desenrolaram nas últimas horas da cidade.

Teve um policial novato, Kennedy, e a irmã de Chris Redfield – ambos escaparam por pouco da explosão no laboratório, conseguido salvar Sherry Birkin, a jovem filha de um dos melhores cientistas da

Umbrella. Trent não teve contato com eles, mas sabia que Leon Kennedy e Claire Redfield tinham se tornado parte da luta. Eles eram jovens, determinados e cheios de ódio pela Umbrella; não podia ter sido melhor.

As altas esperanças por Carlos Oliveira deram certo, e por ter juntado forças com Jill Valentine... Trent ficou completamente atônito com a fuga deles, feliz por seus dois inadvertidos soldados terem trabalhado tão bem juntos, sobrevivendo apesar da infecção de Jill, do russo lunático e do caçador de S.T.A.R.S.. O uso de unidades Tyrant ainda estava sendo questionado por muitos dos pesquisadores da Umbrella; por mais mortalmente eficientes que fossem, eles também eram muito caros, e Trent sabia que os debates continuariam, abastecidos pela perda de várias unidades na destruição da cidade.

Ada Wong...

Trent suspirou, desejando que ela tivesse sobrevivido. A alta e bonita agente asio-americana que tinha enviado foi tão brilhante quanto competente. Na verdade, ele não a viu morrer, mas as chances de ter sobrevivido à explosão do laboratório e da destruição de Raccoon eram próximas de zero. Infelizmente, diga-se no máximo.

Mas no geral, Trent estava satisfeito do modo como as coisas estavam andando. Até onde podia dizer, ninguém na companhia tinha a menor idéia de quem ele realmente era ou do que estava fazendo. Os três homens mais poderosos na Umbrella confiavam nele mais a cada dia, completamente desinformados sobre seu objetivo – destruir a organização, de fora e por dentro, devastar a vida de seus líderes e entregá-los à justiça; organizar um exército de elite de homens e mulheres comprometidos com a queda da Umbrella, e guiá-los o máximo que puder.

Se seus métodos eram complicados, o motivo era simples: vingar a morte de seus pais, ambos cientistas, assassinados quando ele era criança para que a Umbrella pudesse lucrar com seus estudos.

Trent sorriu para si, bebendo mais um pequeno gole da xícara. Soava tão melodramático, tão grandioso. Fazia quase trinta anos desde que seus pais foram queimados vivos no suposto acidente no laboratório. Ele deixou a dor para trás há muito tempo – porém, sua decisão nunca mudou. Ele tinha mudado de nome, de passado, desistiu de algum dia voltar a ter uma vida normal – e não se arrependia de nada, mesmo agora que dividia a responsabilidade pela morte de tantas pessoas.

Estava escurecendo. Lá embaixo, a iluminação pública piscava para a vida, mandando para cima um suave brilho que iluminaria o céu noturno como uma auréola sobre a cidade. Mesmo assim, até que era bonito.

Trent terminou o café e ausentemente traçou o logotipo da Umbrella na lateral da xícara com os dedos, pensando sobre escuridão e luz, bom e mal, e os tons de cinza que existiam entre tudo. Ele precisava ser cuidadoso, e não só para evitar ser descoberto, eram aqueles tons de cinza que o preocupavam.

Depois de alguns momentos, Trent deu as costas para a escuridão e entrou. Ele ainda tinha muito o que fez antes de ir para casa.

* * *

(Nota 1) Comprende – Algumas palavras no decorrer do texto estão em Espanhol.

(Nota 2) Umbrella Bio-hazard Coutermeasure Service (U.B.C.S.) – Serviço de contramedidas com risco biológico da Umbrella.

(Nota 3) Honduras – País da América Central.

(Nota 4) Watchdog – “Cão-de-guarda” em inglês.

(Nota 5) Nêmese ou nêmesis – Castigo. Deusa grega da vingança. Nemesis em inglês.

(Nota 6) Betaína – Alcalóide: Composto orgânico com propriedades farmacológicas encontrado em caules, raízes ou folhas das plantas, neste caso, principalmente na beterraba. Outros exemplos de alcalóides: morfina, quinino, cafeína...